

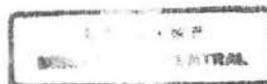
Silvia Elaine Pereira

UM ESTUDO DO FENÔMENO DA RELEVÂNCIA NO DISCURSO PATOLÓGICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Curso de Lingüística do Instituto de Estudos
da Linguagem como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler
Coudry.

Unicamp
1998



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
V.	Ex
TOMBO BC/	35469
PROC.	395/98
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	15/6/98
N.º CPD	

CM-00117113-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

P414e Pereira, Silvia Elaine
Um estudo do fenômeno da relevância no discurso patológico / Silvia Elaine Pereira. - - Campinas, SP. [s.n.], 1998

Orientador: Maria Irma Hadler Coudry
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem

1 Linguística 2 Neurolinguística 3 Relevância 4 Pragmática 5 Afasia. I. Coudry, Maria Irma Hadler. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem III Título

Banca Examinadora

Maz Hedler Coudry

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry - Orientadora

Ingedore G. Villaça Koch

Profa. Dra. Ingedore G. Villaça Koch

Edwiges Maria Morato

Profa. Dra. Edwiges Maria Morato

Campinas, 15 de abril de 1998.

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por SILVIA ELAINE PEREIRA

e aprovada pela Comissão Julgadora em

15 / 04 / 98

Maz Hedler Coudry

MEUS AGRADECIMENTOS

Tenho a certeza de que muitas pessoas deveriam ser citadas aqui. Algumas vezes, as palavras não conseguem exprimi tudo o que gostaríamos de dizer às pessoas queridas. Tomo as palavras de alguém especial para mim, Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, para agradecer a Deus, primeiramente:

"Sou uma alma muito pequenina, que só tem condições de oferecer a Deus coisas diminutas, e muita vez me acontece ainda deixar escapar esses sacrificozinhos, que tanta paz trazem à minha alma. Isto, porém, não me tira o ânimo. Suporto ficar com um pouco de paz a menos, e procuro depois ser, noutra vez, mais vigilante." (História de uma alma, 1979: 285).

À Maria Irma Hadler Coudry e à Edwiges Maria Morato, por todas as discussões e pela oportunidade de participar do CCA e de construir o conhecimento teórico-metodológico necessário para desenvolver minha pesquisa.

Às amigas Cristiane Duarte, Leila Longo, Margareth Freitas e Flávia de Souza pelas leituras e comentários feitos durante a confecção desta dissertação.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

Aos meus parentes e amigos, pela paciência e pelo apoio.

À minha mãe, Maria Luiza, e ao meu irmão, Paulo, por toda dedicação e carinho que marcam nosso relacionamento.

DEDICATÓRIA

A Domingos Pereira,

ao s. Oriel e ao s. Guilherme,

aos meus familiares,

a todos que se interessam pelo estudo da linguagem.

Os aspectos das coisas que são mais importantes para nós ficam ocultos devido à sua simplicidade e familiaridade. (Somos incapazes de notar alguma coisa porque ela está sempre diante de nossos olhos). Os verdadeiros fundamentos de sua investigação não ocorrem absolutamente a um homem.

Wittgenstein

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
CAPÍTULO I.....	12
APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	12
I.1) HISTÓRICO DA PESQUISA	12
I.2) A ORALIDADE E A ANÁLISE DE ALGUNS PROCESSOS DA LINGUAGEM CONSIDERADOS PATOLÓGICOS	15
I.3) O PROJETO INTEGRADO (PI) E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS:	16
I.4) O CENTRO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS (CCA)	18
I.5) ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	19
I.6) ALGUMAS CONDIÇÕES DE ESTABELECIMENTO DA RELEVÂNCIA: DA TEORIA A UMA METODOLOGIA DE ESTUDO	24
CAPÍTULO II:.....	28
DISCUSSÕES TEÓRICAS	28
II.1) QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA.....	28
II.1.1) <i>A Teoria da Relevância de Sperber & Wilson:</i>	29
II.1.2) <i>O conceito de relevância em outras perspectivas de estudo:</i>	34
II.1.3) <i>Sobre o tópico:</i>	38
II.1.4) <i>A noção de contexto</i>	41
II.2) QUESTÕES NEUROLINGÜÍSTICAS E NEUROPSICOLÓGICAS	44
II.2.1) <i>A relação entre relevância, tópico e fatos textuais, como a digressão e a confabulação</i>	44
II.2.2) <i>Sobre a afasia e a síndrome frontal</i>	50
CAPÍTULO III.....	52
ANÁLISE DE DADOS	52
III.1) INTRODUÇÃO E PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS.....	52
III.1.1) <i>A relação entre alguns fenômenos textuais e a atividade discursiva de sujeitos afásicos no CCA</i>	54
III.1.2) <i>As atividades do CCA selecionadas para análise</i>	56
III.2) APRESENTAÇÃO DOS DADOS	59
III.2.1) <i>Afasia de Wernicke</i>	59
III.2.1.1) <i>Apresentação do caso GC</i>	59
III.2.1.2) <i>Discussão de dados do sujeito GC</i>	60
III.2.2) <i>A síndrome frontal leve (ou afasia pragmática)</i>	69
III.2.2.1) <i>Apresentação do caso RR</i>	69
III.2.2.2) <i>Discussão de dados do sujeito RR</i>	70
III.2.3) <i>A síndrome frontal grave</i>	78
III.2.3.1) <i>Apresentação do caso ER</i>	79
III.2.3.2) <i>Discussão do caso do sujeito ER</i>	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
ANEXOS	102

RESUMO

Alguns episódios lingüísticos aparentemente desestabilizadores, mas comuns ao processo comunicacional, podem ser considerados como sintomas clínicos em quadros de afasias e síndromes frontais se analisados do ponto de vista tradicional pela Neuropsicologia e pela Neurolingüística.

Ao estudar o fenômeno da Relevância, de acordo com uma perspectiva orientada discursivamente, tais episódios passam a ter outro estatuto, o de *atos da linguagem*, por serem integrados a processos *enunciativos*.

Dedicamo-nos, nesta dissertação, a explicitar alguns dos aspectos enunciativos e semântico-pragmáticos que constituem o processo comunicacional normal e que caracterizam a afasia de Wernicke e a síndrome frontal, os chamados *problemas de compreensão*.

No primeiro capítulo deste trabalho, são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos que embasaram esta pesquisa.

No segundo capítulo, discute-se a questão da relevância em um caso de afasia de Wernicke e em dois de síndrome frontal que apresentam problemas de linguagem relativos à compreensão expressos por meio de episódios enunciativos como a digressão e a confabulação, tradicionalmente considerados na literatura como desprovidos de coerência e de coesão.

Na última seção desta pesquisa, apresentam-se dados de sujeitos afásicos que participam do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). A análise de dados contribui para a explicitação de aspectos do processo enunciativo que contribuem para a elaboração do diagnóstico e da conduta terapêutica dos sujeitos acompanhados no CCA.

ABSTRACT

Some linguistic episodes seem destabilized, but usual for communication process can be considered as clinical symptoms in case of aphasia and frontal syndromes if analyzed by Neuropsychology and Neurolinguistic traditional view.

In stead of the phenomena of Relevance, accord with one perspective orientated by the discourse, these episodes have another statute, the fact of language, for being integrated to enounce process.

Dedicate, in this thesis, to explicate some of the enounce, semantic and pragmatic aspects that constitute the normal communication process, characterized the Wernicke's aphasia and frontal syndrome, that are called problems of comprehension.

At the first chapter of this study, are presented the presupposed theoretical that this study is based.

At the second chapter, has the discuss of the Relevance in one case of Wernicke's aphasia and in two of frontal syndrome the showed language problems related of comprehension express by enounce episodes like digression and confabulation, traditionally considered in the literature as without sense of coherence and cohesion.

In the last section of this research, are showed data of some aphasic individuals that participated of Centro de Convivência de Afásicos (CCA). The analyze of data contribute to explicate aspects of enounce process that contribute for elaboration of diagnosis and the conduct therapeutics of aphasic individuals in CCA.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo sobre o fenômeno da relevância limita-se a algumas reflexões possíveis sobre o discurso patológico, em casos de afasia e síndromes frontais. São reflexões sobre a linguagem numa perspectiva teórica que a considera como um *trabalho*, como uma *atividade* que ganha forma na *inter-relação entre sujeitos* (Franchi, 1977).

O processo de identificação de certas categorias para tratar de questões de linguagem por diferentes posições teóricas, faz-nos ressaltar que os autores aqui citados também consideram essa relação entre sujeitos, o que, no entanto, fazem com denominações diferentes. No caso de Sperber & Wilson, formuladores de uma teoria da relevância que ajude a explicar o processo da comunicação verbal e a compreensão aí envolvida, a categoria que identifica essa relação comunicativa é a de *falante / ouvinte*.

Dascal & Katriel, ao explicitar os tipos de digressão resultantes da introdução de um novo tópico, rompendo com o tópico conversacional anterior, referem-se à relação *locutor / interlocutor*. Essa última formulação é uma das formas também presentes no quadro da teoria polifônica de Ducrot (que distingue papéis: de *enunciador / destinatário* e ainda distingue locutor - aquele a quem deve ser dada a responsabilidade de um enunciado - de sujeito falante - ou sujeito empírico, presente no mundo). A categoria falante /ouvinte não recobre todos os fenômenos relativos aos papéis do sujeito. Assim, há um desdobramento desses papéis do "sujeito", em consonância com a teoria polifônica da linguagem de Ducrot.

Torna-se crucial fazer tais distinções pelo fato de que, nesta dissertação, as concepções de linguagem e de língua levam em conta fatores históricos e sociais, constituindo-se num trabalho coletivo, nas palavras de Franchi (1986), com a participação dos sujeitos.

Assumimos que a existência de uma categoria não homogênea que se refira ao sujeito da linguagem implica um princípio reflexivo da linguagem. Isto envolve a compreensão em processos de interlocução. O presente estudo sobre o fenômeno da relevância nos fez considerar questões relativas a alguns problemas de compreensão imputadas a certos tipos de afasias. Em que concerniam tais problemas de compreensão?

Para elucidar alguns aspectos a este respeito, selecionamos três quadros afásicos que envolvem diferentes dificuldades relacionadas à compreensão em processos de interlocução: um quadro de afasia de Wernicke e dois de síndrome frontal (uma considerada leve e outra grave).

Consideramos que há na linguagem um caráter reflexivo pois, por meio das ações lingüísticas que se dão no interior das interações, compreender a fala do outro e fazer-se compreender pelo outro tem a forma de diálogo. Tomamos aqui palavras de Bakhtin para tornar mais clara a importância das interações e das relações entre interlocutores:

"compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontra o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão." (Bakhtin, 1995: 131-132).

Se para um sujeito ser relevante em um processo interativo é necessário que se estabeleçam relações de sentido entre os interlocutores, o que envolve a compreensão, esses sujeitos devem ter, minimamente, um conhecimento *sobre* a língua e sobre o *uso* dessa língua, para que seja possível a intercompreensão, nos termos de Bakhtin. Isto significa dizer que o fenômeno da relevância leva em conta o sistema lingüístico, mas também valoriza a relação entre sujeitos e sua historicidade, o que envolve uma dimensão semântico-pragmática da linguagem.

Para o estudo da relevância é preciso refletir sobre a compreensão em processos de interlocução. Não tomamos a compreensão como uma faculdade mental fechada em si mesma, mas como um fenômeno que depende de vários fatores que constituem a significação e implica o conhecimento da maneira *como* se dá a compreensão na atividade lingüística.

É interessante ressaltar que o desconhecimento a respeito do que a compreensão envolve tem transformado em sintoma clínico fatos textuais que atuam na construção do sentido. Para uma Neuropsicologia e uma Neurolingüística tradicionais, fatos textuais como

a digressão ou a confabulação têm sido caracterizados como patologizantes em quadros de síndrome frontal, sendo a confabulação uma forma mórbida de digressão. No entanto, a digressão pode ocorrer em quaisquer situações, portanto, um fenômeno discursivo natural. A confabulação (e sua análise lingüística), para ser realmente um evento clínico, exige um conhecimento que ultrapassa o conhecimento da língua como um sistema independente de fatores históricos e culturais, em direção à dimensão discursiva da linguagem.

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

I.1) Histórico da pesquisa

Inicialmente esta pesquisa centrava-se no estudo da *relevância tópica* e sua pertinência em contextos patológicos de afasias posteriores e de síndromes frontais, considerando os Princípios de Relevância explicitados por Sperber & Wilson (1986) e a discussão sobre a relevância conversacional apresentada por Dascal (1982), tendo em vista que estes autores analisaram aspectos cruciais da máxima conversacional da relevância proposta por Grice (1968/1982).

A discussão preliminar desenvolvida nesta pesquisa sobre a *relevância tópica* procurou, pois, por meio desse fenômeno da linguagem, explicitar alguns recursos aos quais sujeitos cérebro-lesados recorrem nas diversas práticas discursivas realizadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA¹).

No entanto, ao analisar dados selecionados das sessões do CCA, verificamos que seria neurolinguisticamente mais produtivo se a questão da *relevância* fosse estudada de forma mais abrangente, sendo, pois, a relevância tópica *um* dos conjuntos de condições que poderiam possibilitar a análise dos *princípios de relevância* (conforme proposto por Sperber & Wilson, 1986) em quadros de patologias cerebrais.

De acordo com os princípios da relevância estabelecidos por tais autores, há neste fenômeno um conjunto no qual estão presentes fatores pragmáticos e semânticos que permitem a *efetivação de processos comunicacionais*, os quais demandam aspectos (contextuais, cognitivos, linguísticos) que dizem respeito a processos inferenciais e de referenciação.

¹ A caracterização desse grupo, bem como as pesquisas teórico-clínicas a ele relacionadas, serão expostas ao longo desse trabalho.

Poderíamos acrescentar, refletindo a respeito do que foi proposto por Sperber & Wilson, que a relevância, por se tratar de um fenômeno semântico-pragmático, *pode constituir o processo de produção dos enunciados para a construção do sentido e da significação*.

No decorrer do estudo das idéias fundamentais desses autores, uma das questões que enfrentamos para desenvolver essa pesquisa neurolinguística refere-se à análise da relevância de um enunciado *X* em uma situação específica de interlocução. Em outras palavras, em que um enunciado *X* (em seu gênero discursivo específico) poderia ajudar na construção do sentido? Levando em conta os conceitos de situação enunciativa² (Maingueneau, 1995) e de gênero discursivo³ (Bakhtin, 1997) que determinam quais aspectos devem ser tomados com maior ou menor relevância, como seriam, em particular, as situações de interlocução de que participam sujeitos afásicos?

Tratando-se de um estudo da atividade oral de sujeitos cérebro-lesados, foi necessário relacionar meu trabalho às questões de oralidade que analisam o processo de interlocução, sendo esta última entendida como um espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeitos (Geraldí, 1991: 5). Assim, verificou-se que várias pesquisas⁴ têm mostrado que a língua oral apresenta estrutura e organização próprias (a organização tópica, fatores supra-segmentais, marcadores discursivos, descontinuidades) e está sujeita a critérios textuais (coesão, coerência, topicalidade, contextualidade, referenciação etc.) e pragmáticos (implicaturas, leis conversacionais, inferenciação, normas interativas). A própria delimitação do que seja *dado*, bem como sua análise, vai de par com a percepção de que não se pode conceber a língua escrita como parâmetro de avaliação da linguagem de sujeitos cérebro-lesados (ou não), como ocorre na pesquisa clínica tradicional, o que pressupõe a existência de um falante ideal (ou de um paciente ideal), categoria que não leva em conta as características intrínsecas à linguagem oral (Scarpa, 1996).

²A situação enunciativa designa "não as circunstâncias empíricas da produção do enunciado, mas o foco de coordenadas que serve de referência diretamente ou não à enunciação: os protagonistas da interação da linguagem, enunciador e co-enunciador, assim como sua ancoragem espacial e temporal" - Maingueneau, 1995: 121).

³Gênero discursivo, *grosso modo*, é um estilo verbal, é um tipo relativamente estável de enunciado, caracterizado pela soma dos recursos da língua à construção composicional. (cf. Bakhtin, 1997: 279).

⁴Pesquisas relacionadas à descrição da linguagem culta visando à preparação da *Gramática do Português Falado*. Refiro-me, particularmente aos trabalhos feitos nos GTs de Organização Textual-interativa por autores como Ingedore G. Villaça Koch, Luiz Antônio Marcuschi, Clélia C. A. S. Jubran, Leonor L. Fávero, e todos os que compõem o sub-projeto citado.

Ao delimitar os parâmetros teóricos, em consonância com os dados dessa pesquisa, este trabalho foi sendo direcionado para a análise de regularidades linguísticas em que a *relevância* poderia ser importante para compreensão de alguns fatos textuais em processos de significação⁵ aos quais alguns sujeitos recorrem para a construção do sentido em práticas discursivas (termo de Maingueneau, 1989 e 1991:191, para se referir à reversibilidade essencial entre as duas faces do discurso, social e textual), inscritas em uma comunidade de falantes. São destacados, nesta dissertação, dois fatos textuais que constituem os processos de significação, a digressão e a confabulação. Assim como outros fenômenos da linguagem, a digressão e a confabulação são pouco discutidos teoricamente na afasiologia tradicional, sendo, muitas vezes, apontados como um mesmo fenômeno (a esse respeito, ver Morato, 1995).

As questões relacionadas à relevância, ao serem analisadas em termos de processos digressivos e confabulatórios, podem evocar temas pertinentes aos estudos de uma Linguística e de uma Neurolinguística voltadas para os processos enunciativos de construção do sentido tais como a relação entre semântica e pragmática, entre linguagem e cognição, entre outros fenômenos que estão relacionados à relevância (enunciativos, cognitivos, etc), entre a questão da compreensão e sua relação com o saber pragmático.

A depender da atividade proposta ao grupo (o CCA), é requerido dos sujeitos a consideração de fatores semânticos (como a referenciação, por exemplo) e pragmáticos (como inferenciação, regras conversacionais). Considerando a relevância como um dos parâmetros de análise para uma neurolinguística orientada discursivamente, nota-se, como será explicitado na análise de dados desta pesquisa, que alguns sujeitos podem apresentar dificuldades ora de ordem semântica, ora de ordem pragmática, o que nem sempre configura um processo confabulatório ou um processo digressivo patologizante.

⁵ Tomando as palavras de Franchi, significação é "uma prática quasi-estruturante e social" (Franchi, 1986: 25)

I.2) A oralidade e a análise de alguns processos da linguagem considerados patológicos

Os vários fenômenos e processos que estruturam a oralidade, dentre os quais destaco o fenômenos da *relevância*, têm como pano de fundo, primeiramente, uma concepção de linguagem como atividade⁶. Em segundo lugar, é importante pressupor a existência de regularidades que evidenciam um sistema de desempenho linguístico constituído de subsistemas definíveis em função de sua natureza, cuja manifestação se dá no *texto*, onde se apresentam pistas indicadoras das regularidades que caracterizam o sistema de desempenho linguístico (Kato, 1996: 14-15).

Podemos enquadrar, portanto, o presente trabalho na análise de processos patológicos da linguagem em práticas discursivas relacionadas à oralidade. Atribuindo-se regularidades ao desempenho linguístico oral de sujeitos sem lesão cerebral, e tomando-se esse desempenho como parâmetro de produção de sentido e de interpretação, quais regularidades são passíveis de análise na linguagem (no desempenho) de sujeitos cérebrolezados? As "significações intoleráveis"⁷, por exemplo, instauradas pela confabulação (Morato, 1995), nos fazem refletir sobre tais regularidades, não são só linguísticas, mas também enunciativas (o que não é marcado apenas na língua, como os pressupostos e as implicaturas), considerando uma acepção de *lingua* - segundo a qual "as formas linguísticas não subsistem separadas dos fatores culturais, ideológicos, históricos" (Possenti, 1995: 23).

É possível estabelecer fronteiras bem delimitadas entre o que é considerado normal e o texto produzido no contexto patológico? Alguns casos poderiam levar a uma resposta afirmativa, mas outros exigem um olhar menos determinista para os fenômenos da linguagem. Um processo digressivo, por exemplo, é considerado, de acordo com a literatura neuropsicológica⁸, sintoma de algumas patologias, como a síndrome frontal leve. No entanto, no discurso oral "normal", as digressões são incorporadas ao texto conversacional

⁶ Formulação essencialmente baseada em Franchi (1977) de onde derivaram os primeiros trabalhos relacionando a tese da indeterminação da linguagem com uma perspectiva discursiva dos estudos da linguagem, quais sejam: Coudry, 1986; Possenti, 1986 e Geraldí, 1990).

⁷ Significação intolerável é o termo usado por Morato para referir-se às condições que permitem que a significação seja considerada "intolerável" (desviante, mórbida, extravagante), impondo àquele que diz um grau máximo de opacidade e incompletude (Morato, 1995: 18).

⁸ Refiro-me a perspectivas neuropsicológicas e neurolinguísticas tradicionais que não integram questões de linguagem (fatores enunciativo-discursivos) em descrições e análises de patologias cerebrais e que, portanto, interpretam de forma equivocada episódios e processos digressivos, bem como os confabulatórios.

para estabelecer a coerência (Koch, 1990a). O estudo de mecanismos de reconstrução da linguagem de sujeitos cérebro-lesados pode, ainda, contribuir para a compreensão da digressão como um processo da linguagem oral e não como um indício de problema neurológico.

O que interessa à Linguística, em relação ao que é ou não patológico, não é a constatação do fato "intolerável" - que pode ocorrer em casos patológicos, bem como entre falantes normais. Como observa Novaes (1995), em sua tese de doutorado, dentre as mais variadas pesquisas sobre os limites entre normalidade e patologia, ressaltam-se aquelas que apontam caminhos que permitem a inclusão da análise linguística nos processos de avaliação de patologias que têm, na linguagem, uma forma de exclusão. Nesta linha de pensamento a Neurolinguística⁹ interessa-se por *processos de significação*, tanto no campo da normalidade quanto no da patologia, e por suas condições de produção. Em outras palavras, a análise de mecanismos linguísticos, e também cognitivos, utilizados por um sujeito cérebro-lesado em atividades dialógicas (nos termos de Bakhtin¹⁰) para que o processo interlocutivo produza efeitos de sentido, é *um* dos pontos de interesse dos estudos da linguagem e da Neurolinguística a que me refiro nessa dissertação.

1.3) O Projeto Integrado (PI) e pressupostos teóricos:

Esta dissertação integra o quadro de pesquisas teórico-clínicas em Neurolinguística desenvolvidas na UNICAMP cuja abordagem fundamenta-se em parâmetros discursivos, tanto no que se refere a processos linguísticos quanto aos cognitivos (mentais). Insere-se, também, no Projeto Integrado (doravante PI) - *Contribuições da Pesquisa Neurolinguística*

⁹ Refiro-me especificamente àquela desenvolvida em nossa universidade desde o início dos anos 80.

¹⁰ "...Toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. (Bakhtin, 1995: 113). O dialogismo incorpora diferentes vozes, imputadas a enunciadorees distintos, responsáveis pelo dialogismo interno do discurso.

para a Avaliação do Discurso Verbal e Não Verbal¹¹ - que reúne um conjunto crucial de pesquisas para a consolidação da área.

Adotaremos, pois, nessa dissertação, como tendência teórico-metodológica, alguns princípios básicos contidos no PI, apontados resumidamente a seguir.

Há uma relação mutuamente *constitutiva* entre linguagem e cognição (o que podemos depreender da reflexão sobre os trabalhos de Franchi, 1976, 1977, 1986, Coudry, 1986/88), o que implica uma oposição ao empreendimento puramente cognitivista e afina-se com o quadro sócio-interacionista que considera a linguagem como um trabalho coletivo. Em contrapartida, a assunção neuropsicológica baseia-se na concepção integrativa e sistêmica da atividade cortical, especialmente a que se aproxima dos postulados vygotskyanos e do paradigma neuropsicológico luriano acerca da natureza sócio-cultural dos processos mentais.

Tendo a linguagem um papel mediador entre o sujeito e o mundo, se considerarmos que a relação do homem com o mundo não se dá diretamente e deve, portanto, ser mediada de alguma forma, a significação aparece como o fenômeno linguístico-cognitivo por excelência, organizado e reorganizado por estratégias pragmáticas de gestão social.

Tendo em vista os parâmetros para o PI aqui assumidos e

"como mediação do real, a linguagem só pode ser apreendida como fenômeno mental em termos relacionais (representacionais), como apontou Morato, 1991. Interessante estudar expedientes enunciativos em que a determinação da significação se faz através de diferentes fatores que a integram: a textualidade (e seus critérios e julgamentos teóricos, tais como argumentatividade, coerência, reconhecimento de intenções, etc.), relevância tópica e leis discursivas, trabalho inferencial, heterogeneidade (interdiscursividade), pressuposição interpretativa, aspectos estes não sumariamente explicados como fenômenos de compreensão (como se faz no interior das dicotomias fundadoras da Afasiologia) ou subsumidos pela Semântica

¹¹ Esse PI, coordenado pela prof^a. Dr^a. Maria Irma Hadler Coudry, teve início em 1992, com financiamento do CNPq, e tem como um de seus objetivos a formulação teórica e metodológica de protocolos de avaliação neurolinguística, explicitando sua construção teórica em termos de uma perspectiva discursivo-enunciativa. Tal projeto é responsável pela criação de um banco de dados em Neurolinguística, a partir do registro longitudinal das sessões do CCA, desde 1989, e da elaboração de categorias linguísticas de análise. Do ponto de vista acadêmico, investe na formação teórica, metodológica e clínica de alunos e pesquisadores provenientes de diferentes áreas que se interessam por estudos de patologias de linguagem em uma perspectiva linguística.

lógico-formal" (Texto original do Projeto Integrado, 1992, grifo meu).

I.4) O Centro de Convivência de Afásicos (CCA)

Sabendo que a linha teórica adotada pela área de Neurolingüística, e assumida nesse trabalho, postula que a linguagem tem um papel mediador entre o sujeito e o mundo, sendo analisada no processo enunciativo, a linguagem de sujeitos cérebro-lesados tem sua investigação privilegiada quando *posta em funcionamento no processo de interlocução*, no qual os sujeitos agem *na e pela* linguagem.

Um bom lugar para se estudar a *relevância*, no contexto patológico, é o Centro de Convivência de Afásicos (CCA¹²), onde ocorrem diferentes práticas discursivas entre sujeitos cérebro-lesados e pesquisadores.

Destacamos que

"o objetivo do CCA é o exercício da linguagem em diversas situações enunciativas com diferentes interlocutores, e através de diversos tipos de material verbal e não verbal, o que se tem convertido em instrumental terapêutico precioso para a superação de dificuldades individuais que não aparecem na relação terapêutica essencialmente diádica."
(Projeto Integrado, texto do Relatório parcial de 1995).

O CCA funciona em um contexto interativo de linguagem verbal e não-verbal em que há sujeitos cérebro-lesados interagindo entre si, e com os investigadores, em situações que nos permitem analisar os processos utilizados por estes mesmos sujeitos para se fazerem entender por seus interlocutores. Isso pode ser significativo se considerarmos que, de acordo com estudos feitos anteriormente (Koch, 1990a; Morato & Coudry, 1992), a organização tópica pode revelar a ocorrência de fatos digressivos ou outros analisados como confabulatórios que, a partir de uma perspectiva discursiva para se conceber a linguagem,

¹² O CCA foi criado na UNICAMP, em 1989, por iniciativa do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), e integra a Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística (UNNE/FCM).

são interpretados como eventos discursivos, ou seja, como acontecimentos relativos à *reorganização lingüística* dos sujeitos cérebro-lesados e à re-estruturação da linguagem desses sujeitos, como destacaremos na análise de dados.

I.5) Aspectos metodológicos da pesquisa

Por tratar nessa pesquisa *dados de oralidade de sujeitos cérebro-lesados*, incorporamos os pressupostos teóricos e metodológicos referentes a critérios de textualidade, discutidos no interior da Lingüística Textual e do Projeto da Gramática do Português Falado (PGPF)¹³, bem como aqueles referentes à análise lingüística, desenvolvidos na área de Neurolingüística da UNICAMP (divulgados em teses, dissertações, livros e artigos). Discutimos, também, o Princípio da Relevância de Sperber & Wilson, cujo conjunto de fatores que o configura ajudou a compreender melhor as dificuldades discursivas e enunciativas presentes em certos tipos de afasias.

Utilizamos nessa dissertação, também, estudos feitos por Dascal (1982) sobre a *máxima conversacional da relação* postulada por Grice (1968/1982) e os que derivam da contribuição desse autor, formulados por Ducrot (1981, 1984) e Maingueneau (1990) como *leis discursivas*, para analisar dados referentes a afasias fluentes. Entenda-se por afasia fluente aquele tipo em que os sujeitos não apresentam dificuldades fonológicas nem sintáticas de base, mas que comprometem a discursividade, em seus aspectos semânticos e enunciativos.

Assumindo-se a concepção de linguagem apresentada neste capítulo, procedemos à análise de expedientes enunciativos obtidos por meio de princípios protocolares discursivamente orientados, como narrativas, relatos, comentários, recontagem de piadas,

¹³ O objetivo desse projeto é "preparar uma gramática referencial da variante culta do português falado no Brasil, tal como foi documentada em cinco capitais brasileiras pelo Projeto de Estudo da Norma Urbana Lingüística Culta (Projeto NURC)" (Castilho, 1990: 9). "Para alcançar esse objetivo, decidiu-se fixar como meta intermediária a elaboração de uma série de pesquisas parciais, que seriam relatadas em documentos de trabalho separados, aos cuidados de várias sub-equipes. (...) a base indutiva de investigação são os inquéritos do Projeto NURC." (Ilari, 1996: 11)

jogos de linguagem, entrevistas, entre outras atividades realizadas durante as sessões de grupo do CCA. Tais expedientes permitem que se apreendam

"os modos pelos quais o sujeito organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele supre suas próprias dificuldades, descobrindo, através dos indícios de sua fala e pelas suas manifestações explícitas, as hipóteses que ele mesmo faz a respeito dessa estruturação e dos mecanismos que ele põe em jogo para produzir significações, definindo com acuidade o lugar de suas dificuldades, sobre as quais ele deve operar."
(Texto original do Projeto Integrado, 1992).

Ao conceito de relevância, postulado como tal por Sperber & Wilson para compor um modelo de compreensão relacionado à comunicação, será incorporada uma reflexão linguística de tendência enunciativo-discursiva, o que requer a inclusão da situação enunciativa nos propósitos teórico-metodológicos dessa dissertação, proposta que está em consonância com os objetivos da Neurolinguística desenvolvida em nossa universidade. Ressalvamos que o que é chamado de *conceito* por Sperber & Wilson, nesta dissertação é analisado como *fenômeno de linguagem*, devido suas características enunciativo-discursivas. Procedendo à análise do conjunto de pressupostos teóricos que o fenômeno da relevância envolve, aumentam-se as possibilidades de o pesquisador conhecer as dificuldades semântico-pragmáticas dos sujeitos cérebro-lesados, bem como intervir em sua reconstrução linguística.

Os dados que são analisados nesta dissertação estão relacionados a *infrações* (quando for o caso) de leis discursivas (Ducrot, 1981 e 1984), considerando-se a construção ou reconstrução dos objetos linguísticos como uma *co-construção entre interlocutores* em situações enunciativo-discursivas. É, pois, na atividade do sujeito com os outros, sobre os outros e sobre o mundo que a linguagem se constitui (Franchi, 1986: 32).

Se, por exemplo, um sujeito apresenta uma afasia de Wernicke, tradicionalmente descrita como um tipo de afasia que tem a compreensão prejudicada, vale analisar *como* sua compreensão é alterada. Não é suficiente para os que estudam a linguagem, em condições patológicas ou não, descrever os problemas de linguagem que um sujeito cérebro-lesado apresenta como *de compreensão*. Há, muitas vezes, fatores enunciativo-discursivos que, se

levados em conta, ajudam a entender o que se convencionou chamar de *problemas de compreensão*. Em outras palavras, este estudo aborda fatos e fenômenos da linguagem relativos a *como*, *por que* e *em que condições* tais dificuldades podem se apresentar levando-se em conta o processo de interlocução.

Este estudo também considera a relação constitutiva entre os pressupostos teóricos, com os quais se analisam as alterações linguístico-cognitivas decorrentes da afasia e da síndrome frontal, e os princípios metodológicos deles derivados. Estes, em seu papel de intervir nos processos patológicos de significação, repercutem na configuração (inicial) do quadro sindrômico. É o que se pretende mostrar também nesta dissertação, por meio da análise de dados. O sujeito GC¹⁴, portador de afasia de Wernicke, por exemplo, apresenta dificuldade de engajamento (nos termos propostos por Grice) no tópico conversacional ou em uma prática discursiva, mas quando “compreende” o sentido da atividade em questão, ele é *relevante*, ou seja, faz contribuições relevantes em relação ao tópico e à situação enunciativa em questão. Os dados do início do acompanhamento longitudinal de GC mostram problemas enunciativo-discursivos não apontados em descrições tradicionais.

Grosso modo, os dados iniciais de GC (antes de sua participação no CCA) mostram que ele não considera *o que* diz seu interlocutor. Fala de sua doença, da cirurgia por que passou, de seus problemas de visão, seja qual for a pergunta ou intervenção do interlocutor. Apontar para GC esta questão, sem impedi-lo de falar da doença quando fosse o caso, fez com que se considerassem fatores enunciativo-discursivos na análise de seus problemas de compreensão.

Isto significa dizer que estudar a relevância como um fenômeno que também constitui o funcionamento da linguagem em situações enunciativas ajuda a analisar processos patológicos em que a questão da compreensão está envolvida, o que nos remete a questões teórico-metodológicas relacionadas ao sentido.

A análise neurolinguística a que esta pesquisa corresponde considera a noção de *chaves linguísticas* (Possenti¹⁵, 1996) crucial para o estudo de mecanismos linguístico-cognitivos envolvidos nas situações enunciativas experienciadas no CCA. Toma-se do autor

¹⁴ Este sujeito participa do CCA desde abril de 1994. No capítulo III serão apresentados seus dados clínicos.

¹⁵ Refiro-me aqui à pesquisa de Possenti (1996) a ser publicada sob o título *Humores da língua (análises linguísticas de piadas)*.

a mesma atitude metodológica para análise de fatos de linguagem. Ao analisar piadas, Possenti descreve o que desencadeia o riso, ou seja, explicita os conhecimentos necessários (de mundo e/ou linguísticos) que se deve ter para entender piadas e, assim, poder rir delas. A esse conjunto de conhecimentos o autor dá nome de *chaves linguísticas*.

Considera-se, também, a pesquisa sobre *humor e afasia*¹⁶ desenvolvida na área de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP e, particularmente, aquela empreendida pelo autor acima referido, a propósito de textos humorísticos, os quais oferecem dados interessantes para se discutirem mecanismos internos da língua (relacionados aos níveis linguísticos: fonológico, sintático, semântico e pragmático), bem como sua relação com fatores culturais, ideológicos e históricos.

Pretendemos, pois, analisar algumas regularidades linguísticas que são desencadeadas, no processo de interlocução, para que haja relevância em certas situações, ou seja, analisar, por meio de indícios linguísticos e não linguísticos, as diversas formas utilizadas pelos interlocutores, na situação enunciativa, que tornam possível o processo interativo.

Levando-se em consideração que existem conhecimentos de várias ordens (os de natureza linguística, cultural e histórica) que devem ser partilhados pelos interlocutores, como analisar a relação entre tais conhecimentos e o processo de compreensão em situações enunciativas? Aceitando-se a hipótese de que há um esforço mínimo por parte daqueles que estão interagindo para justificar o que o está sendo dito pelo outro, aceita-se que há a necessidade do estabelecimento de condições mínimas para que a conversação seja levada a cabo (ou não, a depender dos propósitos e das condições de produção dos interlocutores). Mas como isso acontece em casos de sujeitos cérebro-lesados como GC, por exemplo? Qual o processo por que passam os interlocutores para que essas condições mínimas de interlocução possam ser estabelecidas e analisadas? Refiro aqui, especificamente, às situações enunciativas vivenciadas no CCA, que também fazem parte do uso social da linguagem.

¹⁶ Tal pesquisa, da qual participam Sírio Possenti e Maria Irma Hadler Coudry, teve início em 1991 e foi incorporada ao conjunto de pesquisas do Projeto Integrado/CNPq em Neurolinguística (já referido neste capítulo). Dela deriva a introdução de piadas e material chistoso em protocolos de avaliação da linguagem em condições patológicas.

Dependendo da situação enunciativa, dentre os fatores lingüísticos aí envolvidos (sintáticos, morfológicos, fonológicos, regras da conversação, inferências, pressuposições, dêiticos, etc.), alguns se destacam como mais *relevantes* em uma determinada situação.

Dascal e Katriel (1979) desenvolvem uma reflexão interessante a esse respeito. Apresentam o que é *relevante*, *marginamente relevante* e *potencialmente relevante*, em três graus básicos que têm como característica principal a dinamicidade existente entre eles, pois o que é *marginamente relevante* pode tornar-se *relevante* e vice-versa. Em outras palavras, um tema que se apresenta como *relevante* para o desenvolvimento do tópico conversacional corrente pode tornar-se *marginamente relevante* no momento em que os interlocutores elegem outro tema, diferente do primeiro, como prioritário para o desenrolar da atividade discursiva. E isso acontece constantemente durante a conversação “normal”, bem como nas atividades desenvolvidas no CCA. Tal discussão é retomada no texto de Dascal (1982), introduzindo-se aspectos característicos da relevância.

Segundo Dascal, há o que se pode chamar de *topicamente relevante* (quando se trata de algo que está no centro da atenção do sujeito), ou o que é *marginamente relevante* (se o que está sendo tratado não é o centro, mas está localizado no campo de atenção do sujeito), ou ainda o que é *potencialmente relevante* (conjunto de dados que pode vir à tona durante a conversação).

Poderíamos dizer que, a depender da situação enunciativa, os interlocutores vão descobrindo e manipulando regras, vão organizando o sentido e o trabalho que se pode fazer com a linguagem. Observamos vários fatores de significação (semânticos, pragmáticos ou semântico-pragmáticos), relacionados aos efeitos de sentido que se quer produzir e várias *possibilidades* de se estabelecer a relevância, que estão de acordo com as intenções comunicativas ou discursivas dos interlocutores. Essas várias possibilidades não são desvinculadas entre si, pois são os interlocutores que selecionam o que é mais pertinente para cada situação. E nesse processo, eles consideram o conjunto de condições para o estabelecimento da relevância: o sistema lingüístico e suas expressões, fatores contextuais e cognitivos, conhecimentos partilhados, imagem recíproca dos interlocutores e todos os demais fatores que atuam na construção da significação.

Poder-se-ia pensar em relevância lingüística (e não lingüística) como um conjunto de condições que se caracterizam por aspectos ora mais textuais, ora mais contextuais e/ou

pragmáticos. Mas é necessário analisar os *aspectos relevantes* mais proeminentes em cada situação. No caso específico do CCA, quais as condições relevantes para levar a cabo atividades ou situações discursivas¹⁷, como sarau, reunião de grupo, atividades dirigidas (dramatização, entrevista) dentre outras que se dão no grupo, e que efeitos de relevância são requeridos em cada situação? E quais seriam suas condições de produção?

Pode parecer que este estudo esteja estabelecendo uma tipologia da relevância ou condições que possam dar conta de cada *prática discursiva*¹⁸ em questão, no entanto, seu interesse é analisar aspectos do funcionamento da linguagem em diferentes situações enunciativas. É um estudo de ordem pragmática (que envolve o *saber pragmático* do sujeito) a partir do ponto de vista discursivo; também é um estudo que considera as condições de produção de um enunciado ao mesmo tempo em que estabelece a situação enunciativa como um processo privilegiado para a construção da significação.

É preciso que fique claro que não lançar mão das potencialidades da linguagem de maneira relevante para o estabelecimento de relações discursivas, concordando com Possenti (op. cit.: 64), pode indicar que se trata de um estrangeiro, ou de uma criança, ou de alguém que perdeu essa "flexibilidade" de lidar com a linguagem, em consequência de lesão ou degenerescência que resulte em afasia ou demência.

I.6) Algumas condições de estabelecimento da relevância: da teoria a uma metodologia de estudo

Para proceder à discussão do conjunto das condições que determinam se o que é produzido na situação discursiva é ou não relevante, faz-se necessário indicar os

¹⁷Situação discursiva: aquela em que os enunciados são inscritos em uma situação enunciativa (com enunciador, alocutário, momento e lugar determinados). A situação discursiva é constitutiva das mais diversas práticas discursivas e formas textuais (monologais e dialogais no sentido que lhes dá Kerbrat-Orecchioni, 1990, ou seja, o primeiro refere-se a discursos dirigidos a si mesmo; o segundo, a uma "audiência" - com ou sem a expectativa de intervenção dos interlocutores) e dialógicas (no sentido bakhtiniano de dialogismo) - conforme discussões feitas no interior do PI.

¹⁸Essa noção está relacionada às operações que se fazem com a linguagem, tendo em vista as condições de produção e de estruturação do discurso, visando a significar e agir no mundo. Há portanto uma relação intrínseca entre a configuração textual e as regras sociais e culturais, o que está em consonância com o que a Neurolinguística assumida aqui postula a respeito das afasias.

pressupostos teóricos presentes no corpo desta dissertação. A questão da relevância permite, através de seu estudo, a integração entre os diversos domínios da Linguística que se interessam por fatos textuais, como a Linguística Textual (Koch, 1990), a Pragmática (Maingueneau, 1989, 1990), a Análise do Discurso (Maingueneau, 1989, Possenti, 1986/88, Geraldi, 1990/1991), a Análise da Conversação (Marcuschi, 1988), a Neurolinguística (Coudry, 1986/1988 e Morato, 1995).

Tomando o fenômeno da *relevância* como relacionado a um conjunto de aspectos que participam da construção do sentido, tem-se a possibilidade de explicitar suas propriedades enunciativas, pragmáticas e textuais.

Ao participar do CCA, observamos situações que nos faziam pensar na questão da relevância: o que acontecia com determinados sujeitos que não se detinham no tópico corrente ou que não seguiam as regras propostas para uma atividade? Além das condições patológicas, que outras condições poderiam levar o sujeito afásico a entrar de forma recorrente em processos digressivos?

Os trabalhos de Grice (1968 / 1982) e Dascal & Katriel (1979) foram o ponto de partida para esta pesquisa, que busca entender os mecanismos ou condições necessárias para que um sujeito seja relevante em um contexto no qual a linguagem é tomada como uma *atividade*, como um processo construído por um conjunto de interlocutores que estão interagindo. Isto não quer dizer que a linguagem é construída em um determinado momento, mas que envolve também um *trabalho histórico e social*, ou, nas palavras de Geraldi (1991: 10),

"construir sentidos no processo interlocutivo demanda o uso de recursos expressivos: estes têm situacionalmente a garantia de sua semanticidade; e têm esta garantia precisamente por serem recursos expressivos que levam inevitavelmente o outro a um processo de compreensão, e este processo depende também das expressões usadas e não só de supostas intenções que o interlocutor atribua ao locutor."

Dado que Grice postula máximas com a finalidade de orientar a conversação e justificar seu Princípio da Cooperação¹⁹, destaca-se uma delas para entender a questão da relevância e o que o próprio autor diz a respeito desta última,

"embora a máxima em si seja muito concisa, sua formulação oculta vários problemas que me preocupam muito: questões a propósito de que tipos de foco de relevância podem existir, como se modificam no curso da conversação, como dar conta do fato de que os assuntos da conversação são legitimamente mudados, e assim por diante." (Grice, 1982:87)

Dascal (1982) retoma esta questão na tentativa de explicitar aspectos pouco explorados por Grice. Segundo Dascal, é indispensável distinguir tipos de relevância para explicar a máxima griceana. Dentre esses tipos, há o *pragmático* - que se refere à relevância dos atos de fala que apresentam determinados objetivos (a realização de uma ação, um pedido, etc.). Outro tipo é o *semântico* - referindo-se à relevância de certas entidades lingüísticas lógicas ou cognitivas, as proposições, para entidades do mesmo tipo, envolvendo conceitos como referência, implicação e sinonímia. Mesmo distinguindo-se os dois tipos, pragmático e semântico, fica mantida uma relação intrínseca entre eles. Dascal aponta, em nota, que

"a distinção entre os dois tipos de relevância e a consideração das múltiplas formas em que eles podem interagir, oferece um ponto de vista privilegiado para a reavaliação de vários problemas na filosofia da linguagem (por exemplo, tradução, sinonímia)." (Dascal, 1982:108)

Ao se observarem alguns casos de implicaturas, pode-se encontrar dificuldade na avaliação da supremacia de um fator sobre o outro. É custoso estabelecer uma linha limítrofe entre ambos os tipos, fazendo-nos recorrer ora a um, ora a outro para entender o tipo de implicatura gerada.

¹⁹ Segundo Dascal, ao discutir esse artigo de Grice, poder-se-ia dizer que a conversação é governada por um princípio geral de cooperação: "faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção aceitos do intercâmbio conversacional em que você está engajado" (Dascal, 1982:106).

Para compreender melhor estas questões que surgiram a partir do estudo da relevância na construção de implicaturas, Dascal tenta diferenciar *juízos de relevância* relacionados à enunciação²⁰. Segundo esse autor, *um certo conceito* de relevância governa também a operação das outras máximas propostas por Grice para que se possa gerar ou não uma implicatura conversacional, já que o primeiro passo para isso é um juízo de irrelevância²¹ (Dascal, 1982:112).

Dascal aponta a imprecisão do conceito de relevância proposto por Grice e deixa como tarefa para as teorias pragmáticas e semânticas a explicitação da competência dos usuários da língua ao utilizar coerentemente um conceito tão impreciso. Dito de outra forma, a competência para gerar implicaturas que firmam a máxima da relevância constitui-se pelo conhecimento lingüístico e também pelo conhecimento e partilha de regras sociais, culturais, históricas e o usuário lança mão de todos os seus conhecimentos para compreender e relacionar o que foi dito de forma relevante a elementos cognitivos, tais como memória de curto prazo, percepção e atenção. Esse é mais um argumento que corrobora a hipótese de que há um relacionamento intrínseco entre o que é pragmático e o que é semântico nas construções do sentido.

O fenômeno da relevância, pois, apresenta-se com características constitutivas de um conjunto teórico de condições que favorece a análise de aspectos pragmáticos e semânticos da linguagem, possibilitando, assim, a análise de dados a que me proponho realizar.

Por fim uma observação: nesta dissertação, toma-se o *fenômeno* da relevância como um conjunto de fatores que participam da construção do sentido, diferentemente de Dascal e de Sperber & Wilson que o consideram um conceito do qual derivam-se tipos de relevância, semântico e pragmático. Esta formulação será retomada e explorada na análise neurolingüística de dados.

²⁰ Para Dascal, *enunciação*, tanto quanto a *interação*, referem-se ao ato comunicativo, envolvendo os interlocutores e a produção de enunciados em um contexto dado; diferenciando-se dos princípios dialógicos relacionados à intercompreensão, nos termos de Bakhtin (1995 e 1997) tais como foram incorporados às reflexões enunciativo-discursivas desta dissertação.

²¹ É preciso que o interlocutor não tome como irrelevante aquilo que foi dito pelo locutor, mesmo que aparentemente seja irrelevante, o trabalho a ser realizado refere-se à tentativa de compreensão do que foi dito por meio da implicatura gerada.

CAPÍTULO II:

DISCUSSÕES TEÓRICAS

II.1) QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

A meta crucial do presente capítulo é apresentar algumas construções teóricas originárias da lingüística e da psicologia que tematizam o fenômeno da relevância, investigando sua produtividade para uma Neurolingüística em que a linguagem - e seu estudo - é um termo essencial na relação com o patológico.

Nesse sentido, serão discutidas as idéias de alguns autores a respeito da relevância, bem como as noções relacionados a ela, como a de *tópico* e a de *contexto*, para dar os contornos explicativos dessas mesmas noções e sua pertinência ao quadro teórico de tal Neurolingüística.

Os autores que integram esta dissertação foram selecionados tendo em vista o fato de que desenvolveram um tratamento conceptual em relação ao fenômeno da relevância, seja como máxima conversacional ou como um construto organizado por princípios. No capítulo anterior, discutimos alguns estudos feitos por Grice (1968/82), Dascal e Katriel (1979), Dascal (1982). Nesta seção, apresentaremos o trabalho de análise de Sperber & Wilson (1986), a fim de prosseguirmos nossa reflexão a respeito do fenômeno da relevância.

Esses últimos, em sua formulação teórica do conceito de relevância, tentam apreender o exercício da cognição realizado no ato da comunicação por meio da produção de inferências, implicaturas, análises contextuais para a adequação necessária ao que é requerido no jogo comunicacional. Com esse intuito, tais autores formularam a Teoria da Relevância.

O processo pelo qual a comunicação se dá no interior da teoria de Sperber & Wilson interessa também à Neurolingüística. A esta última acrescenta-se o interesse pelos recursos alternativos utilizados por sujeitos cérebro-lesados, tendo em vista a hipótese de indeterminação da linguagem postulada por Franchi (1977) e sua extensão para o contexto

patológico da linguagem, feita por Coudry a partir de sua tese de doutorado(1986/88), e para a dimensão discursiva²² (Possenti, 1986/88; Geraldí, 1990/91).

Como o fenômeno da relevância está intimamente ligado a fatores contextuais e aos referentes à topicalidade, recorreremos a estudos sobre estes temas, desenvolvidos por Parret (1988), Marcuschi (1988; 1989), Koch (1990a; 1996; 1997) e Morato e Koch (1996).

Neste capítulo, tendo em vista as postulações teóricas apresentadas sobre o tema da relevância, discutimos também a possibilidade de o fenômeno da relevância e seu estudo integrarem a análise de processos digressivos e confabulatórios que podem, por exemplo, produzir mal-entendidos, tomando esses eventos como fenômenos textuais e construções enunciativas, partindo de pesquisas já realizadas ou em andamento em Neurolinguística.

II.1.1) A Teoria da Relevância de Sperber & Wilson:

O ponto de partida para esta dissertação foram as pesquisas de Grice e Dascal por contemplarem o tema da relevância. A Teoria da Relevância de Sperber & Wilson prossegue no estudo desse tema e estabelece princípios de relevância que podem estar em consonância com os propósitos deste trabalho.

Em 1986, Sperber & Wilson, em sua obra *Relevance: communication and cognition*, elaboram uma discussão semelhante àquela feita por Dascal (remeto ao que foi discutido sobre o tema no capítulo I) sobre a máxima de relevância (relação) apresentada por Grice. Criticam a pouca precisão e a pouca abrangência do que seja *relevância* como uma das máximas conversacionais.

Primeiramente, discutiremos alguns aspectos da teoria da relevância que poderão integrar os estudos de uma neurolinguística discursivamente orientada. Faremos uma

²² Uma teoria da linguagem que a considere em sua dimensão discursiva pressupõe o estudo da linguagem, mais que um objeto epistemológico, em sua dimensão política, história, social, contextual; "como um acontecimento interativo e multifacetado, estruturante mais que estrutura. Envolve, pois, ações: além da ação que a linguagem, ela mesma, é, as ações que a linguagem faz e as ações que com ela se fazem e que se fazem sobre ela." (prefácio escrito pelo Prof. Dr. Carlos Franchi in Geraldí, 1991).

exposição sobre os princípios de que tratam Sperber & Wilson para, em segundo lugar, analisá-los sob uma perspectiva enunciativo-discursiva.

Enquanto Dascal mostra uma via explicativa possível para a noção da relevância e sua contribuição para os estudos pragmáticos da conversação, Sperber & Wilson definem o conceito de relevância em uma perspectiva comunicativa. Como Dascal, eles indicam que há uma profunda relação entre relevância e processos cognitivos, como a memória e a percepção, que participam no estabelecimento do grau de relevância de uma informação para um determinado *contexto*.

Nessa teoria da relevância, a noção de *contexto* é importante porque, em primeiro lugar, é nele que se estabelecem as condições de avaliação da relevância e, em segundo lugar, por se tratar de um conjunto de informações e hipóteses não fixado anteriormente e sim construído pelos interlocutores (na relação falante/ouvinte). Essa noção de contexto abrange as informações implícitas e/ou explicitadas pelos interactantes, além daquelas que integram sua memória enciclopédica, ou, nos termos dos autores infra citados, o conjunto de conhecimentos que condiciona a interpretação de um enunciado.

Segundo Sperber & Wilson,

"a context is a psychological construct, a subset of hearer's assumptions about the world. It is these assumptions, of course, rather than the actual state of the world, that affect the interpretation of an utterance. A context in this sense is not limited to information about the immediate physical environment or the immediately preceding utterances: expectations about the future, scientific hypotheses or religious beliefs, anecdotal memories, general cultural assumptions, beliefs about the mental state of the speaker, may all play a role in interpretation." (Sperber & Wilson, 1986:15-16).

Nessa formulação de *contexto*, é necessário que uma informação nova produza um certo **efeito**, denominado *efeito contextual*, para que ela seja considerada relevante. *Efeitos contextuais* são aqueles que modificam e enriquecem um contexto, produzindo, ainda, um certo efeito sobre ele - não importando o tipo. Quando se fornecem informações que são

repetições de informações antigas, não há nenhuma mudança²³. O tipo de efeito que lhes interessa resulta da interação entre informações novas e velhas, pois assim é possível que haja algum efeito contextual. Há efeitos contextuais quando uma nova informação pode fortalecer ou mudar a configuração de outra informação, uma crença sobre o mundo, que faça parte do conhecimento prévio do ouvinte (Sperber & Wilson 1986: 109).

Os autores referem-se ao tratamento da informação e seu poder comunicacional. Ou seja, uma informação nova traz contribuições importantes e transforma o contexto em que foi inserida ou criada. É considerada relevante, principalmente, se ela for pertinente a um dos contextos acessíveis pelo ouvinte no momento (Blass²⁴, 1990: 44). Em resumo, se há produção de um tipo de efeito contextual, há relevância²⁵.

Segundo tais autores, a relevância está relacionada também ao que definem como *intenção comunicativa do comunicador*²⁶. É necessário que os participantes da *comunicação verbal*²⁷ passem por algumas etapas. Como primeira etapa, o falante (locutor) apresenta uma informação nova, que possa ser associada a alguma informação antiga (ou já dada no contexto atual ou em outro contexto que o ouvinte - interlocutor - possa recuperar). Em uma segunda etapa, o que foi dito (a "hipótese comunicativa") pode ser associado ao novo contexto e deve apresentar algo de novo que modifique sua força argumentativa, não podendo, no entanto, - e esta é a terceira etapa - entrar em contradição com o contexto dado, nem ser fraca, a ponto de não modificar nada no contexto em questão ou sendo pouco informativa, nos moldes de Grice.

²³ Esses autores não estão considerando a repetição como um processo de reconstrução, com a finalidade, por exemplo, de fazer com que o interlocutor compreenda o que foi dito, evitando, assim, mal-entendidos.

²⁴ O trabalho desta autora refere-se ao estudo da língua sissala e convoca a teoria de Sperber & Wilson para investigar a forma como a relevância governa o discurso.

²⁵ Um exemplo de produção de efeito contextual pode depender da importância das informações fornecidas. Se em uma festa, na qual esperava-se ansiosamente que determinadas pessoas comparecessem, e elas efetivamente compareceram, a festa terá sido um sucesso. O anfitrião, ao contar a um amigo que Pedro e Maria, as pessoas esperadas, compareceram e, se o amigo soubesse que essas pessoas eram importantes, deveria inferir que a festa alcançou o objetivo esperado. O amigo teria, portanto, recebido informações que poderiam mudar seu conhecimento, produzindo-se, então, um tipo de efeito contextual. Essa noção relaciona-se a processos inferenciais, memória, conhecimento partilhado, reconhecimento de intenção e outros fatores cognitivos e sociais necessários para que a comunicação se dê.

²⁶ Nessa teoria, Sperber & Wilson se referem às categorias de locutor/interlocutor (nos moldes de Ducrot, 1984) como falante/ouvinte ou comunicador/destinatário.

²⁷ Termo utilizado no prefácio da referida obra para tratar de processos comunicativos que envolvem a cognição humana para a produção de informações que sejam garantidas por princípios de relevância.

Para Sperber & Wilson, se a quebra de uma das etapas descritas puder indicar que o falante quer mudar de assunto, ela será relevante, pois não estará marcada somente no que eles chamam de decodificação da língua, mas exigirá processos inferenciais para se gerenciar as informações importantes para um determinado contexto. Se há um efeito contextual (uma mudança) em um determinado contexto, então, há relevância. Isto significa dizer que é no processo de estabelecimento do contexto, de acordo com a reação dos interlocutores naquele mesmo contexto, que se é relevante.

Essa reação relevante, que mobiliza os interactantes (interlocutores) e o contexto, envolve *reconhecimento de intenção*. Isto significa dizer que, para a efetivação da comunicação verbal, não basta a decodificação lingüística, mas é necessário que se compreenda²⁸ o que foi dito, o que envolve processos cognitivos que levam em conta também fatores pragmáticos (ou, no caso desta teoria, contextuais). De acordo com Sperber & Wilson,

"in general, however, recognising the intention behind the ostension is necessary for efficient information processing: someone who fails to recognise this intention may fail to notice relevant information." (Sperber & Wilson, 1986: 50)

Essa descrição é feita para que se possa entrar na questão dos **graus de relevância**, já que nem toda informação nova é *sempre* relevante para um determinado contexto. Sperber e Wilson propõem, então, hipóteses ou graus de relevância. De acordo com a primeira hipótese, uma informação é mais relevante quanto mais relevantes forem os efeitos contextuais num contexto dado. A segunda hipótese postula que uma informação é mais relevante quanto menor for o esforço (cognitivo) para que ela seja associada a um contexto já conhecido e, assim, compreendida.

A relevância pode ser considerada, portanto, em função de *efeito/esforço* e de *custo/benefício*: há um julgamento cognitivo que compara as informações dadas e analisa sua pertinência em um certo contexto, ao mesmo tempo em que se julga a informação nova em relação aos contextos acessíveis no momento da interação. Isso significa dizer que, a

²⁸ A compreensão aqui diz respeito aos sentidos veiculados pelo falante que são reconhecidos (ou não) pelo ouvinte; evocam-se os princípios cooperativos de Grice (1967) para que um processo interativo seja levado a cabo com êxito.

depender do maior ou menor esforço cognitivo para se compreender o que foi dito, a informação poderá ser julgada como fracamente relevante, relevante ou muito relevante, não sendo possível que esse julgamento seja absolutamente preciso. Uma informação será relevante, num dado momento, se ela puder ser considerada relevante em, pelo menos, um dos contextos (históricos, procedurais, etc.) acessíveis ao ouvinte no momento da interação.

Pode-se dizer que uma informação é relevante em uma situação na medida em que fornece alguma contribuição em relação às questões que podem ou não afetar os que participam de uma determinada situação. Se uma informação não se mostrar pertinente à situação em que foi proferida, é considerada irrelevante (Bandini²⁹, 1991: 77).

Notamos que, nessa teoria, a participação do ouvinte é indispensável: é ele que efetua o trabalho cognitivo, de *efeito/esforço*, requerido pelo processo comunicacional. Isso justifica o fato de que Sperber & Wilson tenham proposto, em função do ouvinte, o *reconhecimento de intenção* (e o que ele envolve ou exige, como a produção de inferências) para se compreender o que é dito pelo falante.

Em casos de mal-entendidos, por exemplo, de acordo com a teoria de Sperber & Wilson, a relevância do que foi dito foi fraca, ou seja, o falante não selecionou as informações mais pertinentes para o ouvinte num dado contexto ou o ouvinte, com todas as suas crenças e visão de mundo, pode não ter escolhido o contexto mais adequado para compreender o que o falante quis dizer.

Os graus de relevância propostos por esses autores seguem um critério de *custo/benefício*, e cabe ao falante selecionar o que acha importante e que influenciará, de alguma forma, o comportamento do ouvinte, mas é o *esforço* do ouvinte que pode determinar a pertinência ou não das informações, em uma escala, da informação mais forte à mais fraca. Os autores acrescentam que uma informação relevante pode derivar não só do que é dito pelo falante, mas também de observações, da memória e de inferências provenientes do esforço do ouvinte. Ou seja, não é suficiente somente a produção de enunciados ou de outros atos de comunicação para o processo comunicacional, sempre é imprescindível a participação do ouvinte nesse processo.

²⁹ A pesquisa de Bandini refere-se à análise discursiva de mecanismos inferenciais, em situações cotidianas de uso da linguagem, que atuam na atividade interpretativa dos sujeitos (para que se compreenda o que é dito pelos interlocutores num determinado contexto sócio-cultural).

Esses autores consideram importantes os estudos da pragmática para a comunicação verbal. Há relação entre um falante/ouvinte e a língua, o que invoca um certo saber desse falante/ouvinte. Estabelece-se, pois, que esses que participam da comunicação verbal são detentores de um certo conhecimento sobre a língua e sobre as *circunstâncias de utilização dessa língua*. Cabe ao ouvinte realizar cálculos relativamente sofisticados a partir dos quais seleciona, dentre os fatores do contexto, aqueles que são relevantes para interpretar adequadamente uma certa seqüência linguística. Ao falante, cabe realizar um cálculo semelhante para escolher as formas mais adequadas a fim de obter os efeitos que deseja da maneira mais eficaz possível (Possenti, 1996a: 76)³⁰.

Sperber & Wilson apresentam, pois, os Princípios da Relevância teorizados a partir da produção de *efeitos contextuais* que podem ser quantificados em termos de gradação de força no processo comunicacional. Tais autores integram estudos pragmáticos e cognitivos em sua reflexão teórica e destacam a participação do ouvinte em tal processo de comunicação verbal.

Outros autores abordam, sob outras perspectivas de análise, a questão da relevância e sua relação com a atividade verbal, como discutiremos a seguir.

II.1.2) O conceito de relevância em outras perspectivas de estudo:

Koch (1990a), ao comentar uma das discussões de Dascal & Katriel (1979) sobre as digressões³¹, analisa os graus de relevância, sob outra perspectiva, ao colocar a questão do que é *topicamente relevante* para caracterizar a ocorrência ou não de *momentos digressivos*, comuns em qualquer processo interativo.

³⁰ Nesse artigo, Possenti discute questões que envolvem a incorporação de elementos do discurso de uma pragmática ao aparato teórico-metodológico de uma teoria do discurso, a Análise do Discurso Francesa (AD). Esse autor propõe uma determinada *conjunção da Pragmática e da Análise do Discurso* pois lhe interessa a questão do *sujeito* (ou seja, interessa-lhe estudar a relação existente entre falante individual e sua língua - que é histórica e social - o que implica um certo saber pragmático desse sujeito).

³¹ Dascal & Katriel (1979) e Koch (1992) postulam que a digressão é um termo utilizado para caracterizar, numa interlocução, um momento desviante ou aparentemente incoerente na produção oral. É uma ruptura do tópico em curso, que é reintegrado na seqüência discursiva.

Segundo Koch, a digressão contribui para o estabelecimento da coerência do texto oral, tornando claro algum ponto do tópico em questão, ou seja, não prejudica a coerência do texto conversacional (Koch, op. cit.: 123). Sendo a interação uma “construção dos parceiros” (Koch, op. cit.: 126) que estabelece não somente a coerência do texto oral, mas também de toda a situação interativa, o desenvolvimento do tópico é do interesse dos que participam daquela interação. E toda informação, por mais digressiva que pareça, pode contribuir significativamente para andamento do texto oral.

Referindo-se às questões interacionais, Dascal, com outras palavras, propõe que é a *exigência conversacional*³² que seleciona elementos marginais ou potencialmente relevantes. Tal *exigência* é estabelecida no processo interlocutivo³³ e deve ser considerada de alguma forma pelos que participam do processo verbal em questão. Os interlocutores devem ter reações relevantes, conscientes (Dascal, 1982:115), como em um jogo, para isso, não há uma equação matemática que possa ser aplicada, mas *regras* que são estabelecidas na e pela própria enunciação (nos termos desse mesmo autor).

Segundo Dascal, as implicaturas geradas na enunciação poderiam ser explicadas observando-se duas regras heurísticas: verificação da relevância tópica e verificação da identificação correta da exigência conversacional. Mesmo assim, Dascal não esgota a discussão do tema, antes sinaliza uma via explicativa possível, reforçando que o conceito de relevância ainda deve ser melhor estudado.

Para esta dissertação, cabe ressaltar que todos os autores citados acima apontam a estreita relação que há entre a relevância e o contexto, ou entre a relevância e a enunciação, ou, ainda, entre a relevância e a situação enunciativa em que há uma série de *regras sociais e pragmáticas* (concebidas sob a dimensão discursiva, ou seja, envolvendo o histórico, o cultural e o antropológico) a serem consideradas no jogo da interlocução.

A noção de contexto de Sperber & Wilson, que, como os outros autores, considera uma série de fatores como crenças sobre o mundo, aspectos culturais e aspectos cognitivos

³² Para o referido autor, exigência conversacional é um tipo de tarefa interpretativa dos interlocutores que deve dar origem a certas reações pertinentes ao processo enunciativo.

³³ Tal processo interlocutivo caracteriza-se pela presença de: interlocutores, contexto determinado, tema em questão.

estaria, portanto, também vinculada à situação discursiva, ainda que não a mencionem tal como foi apresentada no capítulo I desta dissertação.

Em termos de uma abordagem enunciativo-discursiva, poderíamos dizer que há uma inter-relação entre sujeitos na construção de sentido, e a linguagem tem papel crucial nesse jogo. É, portanto, no processo de interlocução que há a possibilidade de *construção* do processo comunicativo, ou melhor, da situação enunciativa. Para Sperber & Wilson, o processo comunicativo se constitui na relação entre falante e ouvinte, dos quais se demanda um trabalho cognitivo e conhecimentos pragmáticos necessários para o estabelecimento da comunicação verbal. No quadro teórico aqui assumido, a situação enunciativa constitui-se por meio da *relação entre sujeitos*, no processo de interlocução (espaço de produção da linguagem e de constituição do sujeito, em que se dá a intercompreensão), para a construção da significação.

Nos termos de uma neurolinguística discursivamente orientada, seria possível dizer que há uma estreita relação entre o que assumimos por *significação* e *comunicação*, também nos moldes como no foi apresentada na teoria de Sperber & Wilson, mas um termo não pode ser empregado no lugar do outro:

*"a comunicação nos indica que o sujeito 'tem algo a dizer', ou mostrar; a significação nos indica que o **sujeito** mostra explícita ou implicitamente a maneira pela qual ele corre o risco de interpretar e ser interpretado, de representar ou dar 'representabilidade' às coisas do mundo" (Morato, 1995a: 27-28, grifo meu)*

Os *efeitos contextuais*, ou as mudanças que ocorrem no contexto por meio de informações relevantes, segundo a teoria de Sperber & Wilson, poderiam ser considerados, de acordo com uma perspectiva enunciativo-discursiva, como *efeitos de sentido* ou *efeitos de relevância* a serem depreendidos na situação enunciativa por meio de fenômenos como o da relevância. Ao tomarmos a relevância como um constructo teórico do qual fazem parte fatores semânticos e pragmáticos, poderíamos considerar que o *reconhecimento de intenção*, para uma teoria discursivamente orientada, também atua na construção do sentido. Nesse sentido, é crucial o processo de intercompreensão, por convocar toda a situação enunciativa (todo o foco de coordenadas que serve de referência diretamente ou não à

enunciação: os interlocutores, enunciador e co-enunciador, o material linguístico, "assim como sua ancoragem espacial e temporal"(Maingueneau, 1995: 121).

Se pensarmos em termos de condições de produção do discurso, os fatores semânticos e pragmáticos, que atuam em conjunto na construção da situação enunciativa, são constitutivos, portanto, do processo de produção de *efeitos de sentido* relacionados a esse discurso.

É no processo de significação que pode haver construção de sentido, o que torna fundamental considerar o tipo de interlocutor, o gênero do discurso para a composição da situação enunciativa, além dos conhecimentos semânticos (relacionados ao processo de referenciação, ao estabelecimento de relações de sentido, por exemplo) e pragmáticos (relacionados ao princípio de preservação das faces, formulado por Goffman - 1974-, ao domínio de regras sociais e regras discursivas que regulam o que pode e deve ser dito).

Ressaltamos, também, que para o estabelecimento da relevância, como fizeram Sperber & Wilson ao postular graus de relevância, é preciso um trabalho cognitivo para se gerenciar todas as informações, relacionando-as a contextos aos quais o falante/ouvinte tem acesso. Considerando esse fato, poderíamos acrescentar que esse gerenciamento cognitivo só é possível se levarmos em conta a *mútua constitutividade que existe entre linguagem e processos cognitivos*. Tal relação refere-se ao tipo de mediação entre o linguístico e o cognitivo, em que se postula, sob inspiração bakhtiniana (Bakhtin, 1995), que não há possibilidades de pensamento ou conteúdos cognitivos fora da linguagem nem possibilidades integrais de linguagem fora dos processos interativos humanos (Morato & Koch, 1996: 4)³⁴.

Sperber & Wilson relacionam a relevância a processos cognitivos, principalmente ao notarmos a forma como enfatizam a necessidade de processos inferenciais para a efetivação da comunicação verbal. Ao considerarmos uma mútua constitutividade entre linguagem e cognição, como apontado acima, poderemos conceber a relevância como um dos fenômenos, ou um dos conjuntos de condições, que está em jogo na mediação entre a língua e seu exterior discursivo³⁵.

³⁴ As referidas autoras discutem as condições e as bases em que a Linguística se inscreve no que vem sendo convencionalmente chamado de Ciências Cognitivas. Nesse artigo, elas refletem a respeito da articulação entre processos cognitivos e discurso, entre outros temas, e discutem noções que interessam à nossa discussão, como a de contexto.

³⁵ Por exterior discursivo entenda-se o conjunto formado por propriedades biológicas e psíquicas de que somos dotados, por experiências sócio-culturais, por fatores ideológicos que orientam nossa ação no mundo, pelas diferentes situações discursivas nas quais as significações são produzidas, por regras de

Assume-se, nesta dissertação, pois, que a relevância não se constitui *somente* no sistema linguístico (ou seja, na língua, conforme a acepção de *língua* assumida no capítulo I), visto que envolve processos cognitivos (como memória, produção inferencial, etc.) e pragmáticos (com o gerenciamento de regras sociais e de "bom comportamento entre interlocutores", por exemplo).

De acordo com as perspectivas teórico-metodológicas assumidas nesta dissertação, tomamos a relevância como um conjunto de condições (linguísticas, cognitivas e pragmáticas) necessárias para se levar a cabo um processo interativo. A seguir, pois, procura-se explicitar noções básicas que estão relacionadas à relevância, como a de *tópico* e a de *contexto*, com a finalidade de especificar a abordagem requerida por este trabalho.

II.1.3) Sobre o tópico:

O tópico, como aspecto linguístico, já foi estudado sob várias perspectivas, evocando o sentido de título ou tema de algum artigo, por exemplo, como encontramos definido nos dicionários. Há também um conceito mais restrito de *tópico* considerado como um lugar mais pontual na sentença, em oposição à noção de comentário, que pode ser relacionada, de certa forma, à informação nova e dada (noção de *tópico/comentário* discutida por Pontes, 1987).

Halliday (1976), ao discutir a estrutura e a função da linguagem, refere-se ao tópico (ou "tema", ou "dado") como um elemento colocado na primeira posição da sentença cuja estrutura, além de indicar transitividade e modo, possui também uma mensagem. Tal estrutura faz parte do modo como o falante constrói a informação, em função do "dado" e do "novo", sendo o primeiro uma parte da informação que se espera que o ouvinte extraia, por si mesmo, do texto ou da situação, relacionando, assim, a organização da sentença com uma certa noção de "discurso".

Nos últimos dez anos, alguns autores abordam esse conceito, utilizando-o numa perspectiva mais discursiva, como sendo o assunto sobre o qual se fala (Marcuschi, 1988;

ordem pragmática que presidem a utilização da linguagem, pela qualidade das interações humanas, etc. (Morato & Koch, 1996: 7)

Dascal & Katriel, 1979); ou, ainda, o tópico pode ser considerado como um processo de estabelecimento de referentes (Koch, 1992).

A noção de *tópico* foi se adequando a certas especificidades: de um aspecto localizado na sentença para um fator decorrente de um *processo* enunciativo-discursivo. O conceito de tópico pode integrar, pois, diferentes áreas da Linguística, como a Sintaxe, a Semântica, a Análise da Conversação e a Análise do Discurso. Essa dissertação aborda a concepção de tópico sob o enfoque de alguns dos trabalhos da Análise da Conversação e da Análise do Discurso, por se referirem a questões relativas ao processo de interlocução.

No quadro teórico da Análise da Conversação, Marcuschi (1988) definiu tópico como "uma categoria de enquadramento de todas as *ações praticadas num dado evento interacional*" (grifo meu). Apresenta caráter reflexivo, agindo nos sentidos prospectivo e retrospectivo, caracterizando a dinamicidade do discurso (não sendo necessária uma continuidade lógica). É um elemento estruturador da conversação (Gardner, 1987:133, apud Marcuschi, 1989) e isto exige uma série de condições (como conhecimento de mundo, conhecimento partilhado), e seu pré-requisito básico é a existência de uma atividade interacional.

Marcuschi faz uso do conceito de tópico discursivo como aquilo sobre o que se fala (o que não significa ter certeza, mas uma dada compreensão sobre o que se fala), sendo uma construção conjunta dos interlocutores.

As características do tópico discursivo apontadas pelo autor (Marcuschi, 1989), sempre relacionadas ao que é dito pelos interlocutores em situações específicas de interação³⁶, são: a *centração* (conteúdo específico ou sensação a respeito do conteúdo, diz respeito ao "acerca de"); a *constituição hierárquica* (relacionada à recorrência tópica, determinada por quem faz a análise, e à *relevância* das informações) e tem a propriedade de delimitação local (feita algum tipo de marcador).

Outra forma de abordar o tópico, como postulam Dascal e Katriel (1979) parte da questão de a digressão ser ou não uma estratégia passível de se tornar tema da conversação de forma estruturante, sem grandes prejuízos para a relação que se estabelece entre os

³⁶ No projeto NURC, há três tipos de inquéritos: *diáde* (entrevista), *alocução formal* (aulas, palestras e conferências) e os *D2* (diálogos entre dois informantes com a presença do documentador). As situações são analisadas por pesquisadores que integram o Projeto da Gramática do Português Falado Culto (remetemos à nota 13 do capítulo I desta dissertação).

interlocutores no processo da interação. Esses autores propõem a noção de *relevância tópica*, ampliando o conceito de *tópico* e estabelecendo que as *condições interacionais* são as responsáveis pela adesão ou não dos interlocutores à ocorrência digressiva.

O problema que se constitui é formular tais condições para que nos seja permitido caracterizar uma mudança, uma evolução natural ou uma digressão. Segundo Dascal & Katriel (1979), há graus de relevância tópica aos quais o locutor pode recorrer na conversação. Quando há falta de relação imediata com algum tópico já tematizado anteriormente, há digressão.

Nesta pesquisa recorreremos à noção de tópico com o objetivo específico de estudar aspectos pragmáticos e semânticos³⁷ da linguagem de sujeitos cérebro-lesados.

Os pressupostos dessa dissertação a respeito da noção de tópico relacionam-se ao que foi postulado pelos autores supra citados e consideram a descrição de *tópico discursivo* feito por Jubran et al., a saber,

"o tópico decorre de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada num complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o background de cada um em relação ao que falam, bem como suas pressuposições. Tomado no sentido geral de "acerca de", o tópico manifesta-se, na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem." (Jubran et alii, 1996).

A noção de *tópico* a ser considerada no escopo deste trabalho, portanto, é aquela que diz respeito às relações que podem ultrapassar a estrutura sentencial "tópico/comentário", "tema/rema" (Halliday, 1976), assumindo uma extensão que vai além do nível sentencial,

"isto porque é possível considerar que fragmentos de uma conversação possam manter-se no mesmo tópico discursivo,

³⁷ Na análise do sujeito ER, abordaremos um problema semântico, relacionado a uma aparente fuga de tópico. Por apresentar um certo apagamento dos sistemas de referência, tal fuga do tópico resultou em um mal-entendido.

apesar das mudanças normais nos tópicos dos enunciados sentenciais, contanto que as contribuições conversacionais desses fragmentos se amoldem à mesma estrutura de relevância tópica" (Dascal & Katriel, 1979).

É fundamental ressaltar também que essa noção de tópico não prescinde de fatores textuais, dos interlocutores e seus pressupostos interpretativos - enfim, de todo o contexto no qual o discurso se realiza (Dascal & Katriel, 1979).

Ao se tomar o conceito de tópico como aquilo sobre o que se fala, inclui-se não só o texto oral, nas palavras de Koch (1990), mas toda a situação enunciativa. O tópico vai sendo construído à medida que o processo enunciativo começa a se constituir; é uma tarefa realizada em conjunto pelos interlocutores e, por isso, leva em consideração a atividade cognitiva (processos da memória, de significações ou usos possíveis, processos inferenciais e perceptuais, etc.) dos sujeitos que estão nesse processo. O saber pragmático e procedural próprio para determinadas circunstâncias também deve ser considerado (a forma como agir diante de uma situação de solicitação de emprego ou durante uma conversa informal entre amigos, por exemplo).

II.1.4) A noção de contexto

A noção de contexto na teoria de Sperber & Wilson, exposta anteriormente, refere-se a um conjunto de crenças sobre o mundo, e é postulada como um constructo psicológico presente na compreensão/interpretação do processo comunicacional.

Parret (1988) propõe uma tipologia de contextos, os quais devem ser considerados em uma descrição/explicação pertinentes do discurso e de outras seqüências semióticas, com a finalidade de se classificar tipos de pragmática. Os tipos de contextos propostos por Parret podem ser resumidos da seguinte forma. a) existencial: expressão do mundo dos objetos, estados de coisas e acontecimentos por seqüências lingüísticas; b) situacional: as situações podem consistir num cenário social das instituições (hospital, por exemplo) ou nos ambientes do dia-a-dia (restaurantes, lojas) com suas regras de conversação específicas; c) acional: sentenças que começam pela fórmula performativa são o contexto de si próprias; d)

psicológico: importante para a descrição e explicação pragmática de intenções, crenças e desejos reconhecíveis - Parret, 1988: 18-21).

Segundo esse autor, a compreensão em um diálogo é determinada especificamente pelos vários tipos de contextos, o que significa que esses contextos têm o papel de restringir a qualidade e as propriedades específicas do diálogo. Segundo esse autor,

"seria um erro pensar os contextos como conjuntos de variáveis existindo autonomamente e independentemente do processo de comunicação entre membros de uma comunidade: os contextos são dinâmicos, são moldados pela própria atividade de fala, e são antes o resultado (output) do que a causa (input) da competência criativa do falante. A construção de contextos como uma dinâmica pressupõe, na verdade, uma competência criativa de compreender por meio de estratégias que assentam na racionalidade específica ligada ao discurso. (Parret, 1988: 22 - 23).

A noção de contexto torna-se, portanto, fundamental para as atividades de comunicação e compreensão dos interlocutores. A compreensão envolveria *interpretação de contextos* no interior de seqüências dialógicas. Ao ser a compreensão entendida como uma habilidade, como uma prática-no-mundo, não deve ser definida como uma atividade da vida interior atuando com elementos mentais "primitivos". Para Parret,

"enquanto processo de interpretação de contextos, a compreensão é uma habilidade extrínseca do sujeito e não intrínseca. O contextualismo deve ser uma arma contra o psicologismo" (Parret, 1988: 209).

Para Koch, a noção de contexto evoca os usuários da língua, seus propósitos, convicções e crenças, mas evoca também os papéis interlocutivos desempenhados nos jogos de linguagem pelas ações linguísticas realizadas nesse processo comunicacional (Koch, 1996: 35 - 36). Uma certa noção de contexto envolve, na situação interlocutiva, os conhecimentos prévio, enciclopédico, procedural, macro e superestrutural, todos parcialmente semelhantes ou compartilhados entre os interlocutores.

Ao referir-se às estratégias pragmáticas de processamento textual que recorrem ao contexto, a autora estabelece uma classificação: o tipo textual (que refere-se à seleção de

diferentes formas de organização dos elementos linguísticos no texto, tendo em vista a produção de sentidos), o tipo interativo (aquele que envolve a situação de interlocução e são socioculturalmente determinadas, visando ao estabelecimento, manutenção e êxito da interação verbal) e o tipo cognitivo (que consiste em hipóteses operacionais - mentais-eficazes sobre a estrutura e o significado de um fragmento do texto ou do texto inteiro e tem como função a possibilitação ou a facilitação do processo textual).

Com essa discussão, Koch pretende mostrar como a Pragmática vem se constituindo como um domínio que se define como o estudo da "língua em contexto", ampliando a noção de contexto e reabilitando esse domínio como o estudo da língua(gem) que leva em conta o contexto de produção.

Dascal, ao tecer comentários sobre o conceito da relevância, aponta a importância do contexto para que o ouvinte faça julgamentos de irrelevância quando uma implicatura é gerada. Segundo esse autor, a inspeção de traços contextuais confirma ou não as hipóteses formuladas sobre a ocorrência ou não de uma implicatura. Certos procedimentos heurísticos (que se dão por meio de regras heurísticas) reduzem os fenômenos contextuais que devem ser inspecionados pelo intérprete (Dascal, 1982: 128), permitindo que os traços contextuais forneçam condições necessárias para que o ouvinte compreenda aquilo a que o falante se refere.

Observa-se nas discussões e postulações acima que há a necessidade de uma noção de contexto, o que pode se tornar um problema para uma pragmática voltada aos estudos da linguagem, pois, como categoria explicativa, há certa insuficiência conceitual com relação ao *contexto* a que poderiam recorrer os sujeitos em processos nos quais a linguagem parece não estar presente. Assim, para dar conta dessa noção, de acordo com Morato & Koch (1996), tenta-se propor uma tipologia de contextos para tais processos em que a representação não é evidente e direta.

Entendendo a necessidade dessa discussão, mas não objetivando responder a tal problema de forma definitiva, nesta dissertação, assumimos que a noção de contexto não pode estar relacionada às *circunstâncias de uso* de objetos linguísticos ou cognitivos mais do que com sua própria constituição, ou seja, concebemos que o recurso ao contexto é uma *construção discursiva dos processos de significação*, e não somente uma habilidade (extrínseca) do sujeito (Morato & Koch, 1996: 8), pois é o próprio sujeito (com sua

memória e outros processos cognitivos) que coordena os aspectos para que o contexto e a informação dada sejam relevantes. Em outras palavras, se o contexto é uma *construção discursiva*, não é, naturalmente, uma *habilidade* intrínseca nem extrínseca do sujeito.

II.2) QUESTÕES NEUROLINGÜÍSTICAS E NEUROPSICOLÓGICAS

II.2.1) A relação entre relevância, tópico e fatos textuais, como a digressão e a confabulação

O fenômeno da relevância e a noção de tópico são usadas como categorias de avaliação para caracterizarem fenômenos digressivos e confabulatórios, muitas vezes de forma equivocada, como comentado anteriormente. Para estudá-los em casos patológicos, foi necessário discutir alguns aspectos abordados pela literatura tradicional a fim de analisar a digressão e a confabulação. Serão apresentadas, a seguir, algumas discussões sobre o assunto.

Retomamos, também, discussões recentes sobre a confabulação de acordo com parâmetros enunciativo-discursivos (Morato, 1995) em contraposição ao estatuto de infração imposto pela Neuropsicologia e Neurolingüística tradicionais (Berlyne, 1972; Kopelman, 1987; Moscovich, 1989; Dalla Barba, 1993a e 1993b) que, por não considerarem as condições de produção de fatos textuais como a digressão e a confabulação, eliminam o que possa ser analisado como fatores textuais e intersubjetivos (como aqueles que constituem os processos de intercompreensão).

As digressões não foram descritas pela literatura afasiológica tradicional, mas, por meio de estudo feitos pela via lingüística (Dascal & Katriel, 1979; Koch, 1990, Morato & Coudry, 1992; Morato, 1993; Morato, 1995), podemos depreender que a noção de digressão que permeia sua metodologia clínica é aquela em que há segmentos que não têm relação com os tópicos conversacionais anteriores ou posteriores; são tópicos provisórios abandonados e substituídos por outros tópicos, geralmente o anterior ao momento

digressivo. Nesse caso, se tomarmos o tópico como minimamente organizado, articulado na seqüência discursiva, estaremos diante de um caso de descontinuidade tópica (Jubran et alii., 19). Sendo assim, as digressões desempenham papel relevante na própria construção da coerência da conversação (Koch, 1997), contrariando o que postulam teorias neurolinguísticas e neuropsicológicas tradicionais (que analisam a digressão como essencialmente patológico).

Para Koch,

"uma digressão implica, assim, a substituição do conjunto de relevâncias tópicas em dado ponto da mensagem por outro conjunto diferente. No entanto - e aí está a característica principal da digressão -, o tópico anterior e o conjunto de relevâncias a ele atrelado é apenas sustado, isto é, colocado à margem do campo de consciência, enquanto outro tópico, com seu conjunto próprio de relevâncias, assume a posição focal. Isto é, o primeiro, com todo o seu conjunto de relevâncias, fica suspenso, posto entre parênteses, permanecendo, pois, marginalmente relevante, para depois retornar à posição focal". (Koch, 1997: 111).

De acordo com essa perspectiva, o grau de relevância de um tópico pode ser estabelecido em função do tópico corrente e ser caracterizado como potencialmente relevante ou marginalmente relevante ao tópico que se está desenvolvendo. Se o locutor optar por um tópico marginalmente relevante, a ocorrência deve ser marcada de alguma forma, utilizando-se, por exemplo, gestos ou expressões como "a propósito", "falando nisso" para que a digressão seja integrada à conversação sem nenhum prejuízo em sua continuidade.

Dascal & Katriel (1979) postulam a existência de três tipos básicos de digressão: os baseados no enunciado por apresentarem alguma relação semântica, sintática, associativa ou pragmática entre a digressão e o enunciado central, como a ocorrência de implicaturas, por exemplo. O tipo de digressão baseado na interação é aquele em que são inseridos segmentos não relacionados ao tópico corrente, mas que constituem respostas a modificações do ambiente, como um comentário a respeito da ocorrência de ruídos não esperados. Outro tipo de digressão são as seqüências inseridas provocadas pelo interlocutor (se o interlocutor faz uma pergunta, o locutor é obrigado a responder, por exemplo).

Como esses autores reconhecem que há dificuldades para diferenciar, em um conjunto de relevâncias, quais são marginais ou principais, posto que é uma questão de grau, torna-se difícil distinguir digressão do que eles chamam de "quase-digressão", sendo "quase-digressão" um enunciado que não é essencial para o tópico em desenvolvimento, que poderia ter continuidade sem a inserção feita pelo locutor para esclarecer, explicar ou exemplificar, podendo soar como ligeiramente digressivo.

Koch (1990), ao discutir esses tipos básicos de digressão, refere-se à pouca precisão do limite entre as digressões e as "quase-digressões". Neste sentido, propõe a modificação da noção de tópico da conversação que, por sua dinamicidade característica, altera ou desloca o conjunto de relevâncias de acordo com as intervenções dos interlocutores. Em decorrência da assunção dessa noção de tópico, as "quase-digressões" seriam deslocamentos naturais, e muitas vezes necessários, do tópico conversacional. Esse pode ser mais um argumento que corrobora a hipótese de que a digressão não é um fenômeno patológico, mas um fato natural do processo conversacional.

A confabulação, bem como a digressão, é outro fenômeno caracterizado de forma equivocada na literatura tradicional. Esse fenômeno é um dos pontos de interesse de várias disciplinas das ciências chamadas cognitivas, seja no que se refere ao estudo dos processos de memória e de consciência, seja ao estudo do processamento da informação. Não há, no entanto, uma definição clara do estatuto cognitivo da confabulação, nem há algo bem definido sobre as condições em meio às quais ela ocorre. O que há no contexto patológico são referências ao seu estatuto de infração e, mesmo adquirindo um estatuto patológico incontestável, tornando-se um sintoma clínico (mesmo que muitos autores apontem semelhanças com o que ocorre no contexto da normalidade), sua natureza e manifestação ainda merecem maiores explicações.

Na abordagem aqui chamada de tradicional, a confabulação pode ser uma manifestação clínica de certos problemas de memória, os quais seriam, em última análise, responsáveis pela utilização de um material verbal ou cognitivo inapropriado (Morato, 1995: 42).

Em um sentido mais informal, ou seja, sem se considerar condições neuropsicológicas afetadas pela afasia ou outro problema de ordem cognitiva, confabular é

trocar idéias, conversar sobre algo misterioso, conspirar³⁸. Confabular significaria, ainda, engajar-se em uma conversação cujos temas são, geralmente, suspeitos, escusos, polêmicos, conspiradores ou, de alguma maneira, não explicitados. Confabulação, assim, diz respeito à *forma* como o texto é produzido, em relação aos propósitos discursivos que veicula ou estabelece, sem relacionar-se diretamente ao seu conteúdo (Morato, 1995: 71).

Prosseguindo com a análise de Morato, a confabulação apresenta características dialógicas, diferentemente do que defende a literatura neuropsicológica tradicional (Stuss et al., 1978; Kopelman, 1987; Botez, 1987). A confabulação aparece sempre relacionada a alguma perda ou alteração de origem neurológica (Barbizet, 1970; Barbizet & Duizabo, 1985), sendo que, em sua descrição, surgem desordens de orientação temporal e espacial, sem, contudo, serem esclarecidas suficientemente para que se possa relacionar tais desordens às alterações de memória ou de consciência.

O que caracterizaria episódios confabulatórios, de acordo com a literatura médica tradicional, seria a produção de construções textuais que não condizem com a realidade dos fatos efetivamente vividos, com os dados que, de fato, estão em questão naquele determinado momento (Morato, 1995:37). No entanto, nem sempre se entende o que tal literatura considera como confabulação, que tanto pode referir-se a narrativas sem critério, invenção de fatos fantásticos ou bizarros, quanto a exagero ou distorção de eventos reais, ou simplesmente à mentira (Morato, 1995: 74).

De acordo com Morato,

"ora a confabulação aparece como um problema no discurso de sujeitos afásicos sob a forma de "desvios semânticos" ou "falha na inibição de respostas inapropriadas" (cf. Stuss et al., 1978); ora a confabulação é concebida em termos de uma "falsificação de memória" (situação em que o sujeito incorpora ao seu discurso traços bizarros ou fantásticos, ou, ainda, constrói relatos combinando mistos de fato e ficção, estando mais ou menos consciente e orientado). Ora a confabulação é comparada aos delírios e solilóquios típicos do discurso de doentes psiquiátricos, ora aparece como um problema secundário das amnésias orgânicas (como a

³⁸ Conforme o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986), no *Novo dicionário da língua portuguesa*, RJ., Nova Fronteira.



*síndrome de Korsakoff*³⁹, por exemplo), das agnosias⁴⁰, dos processos neurodegenerativos (demenciais) ou do envelhecimento normal. Nesse último caso, recebe o estatuto vago e impreciso de "distúrbio cognitivo associado". (Morato, 1995: 27)

Na análise tradicional da confabulação, a linguagem ou o lingüístico não aparecem como elementos constitutivos de sua natureza ou de sua manifestação enquanto fato de linguagem (analisado tradicionalmente com um estatuto patológico, como fenômeno clínico); tampouco se observa a confabulação como um fenômeno conversacional.

Ao considerarmos que a confabulação localiza-se entre as configurações textuais do discurso cotidiano e inscreve-se nas condições próprias das interações verbais, ou seja, submete-se à gestão social e às contingências de ordem enunciativo-pragmática que regem a produção e a interpretação do sentido (tanto no campo da normalidade quanto no da patologia), seu estudo no contexto neuropsicológico pode subsidiar importantes questões relativas à análise dos processos de significação, suas regularidades e indeterminações (Morato, 1995: 11).

Algumas dessas regularidades em jogo nos processos de significação implicados na análise de processos confabulatórios

"seriam aquelas que atuam no estabelecimento da referência discursiva e das inferências, na manipulação das leis conversacionais ou discursivas, na relação do sistema lingüístico com os vários sistemas de referências através dos quais agimos no mundo, na construção e no reconhecimento de uma memória discursiva, nas operações epilingüísticas, e no caráter meta-enunciativo e reflexivo da linguagem. Todas essas atividades atuam na construção da significação e nos vários movimentos de sentido em torno de objetos simbólicos." (Morato, 1995: 13)

As instabilidades que o contexto patológico provoca nas relações entre os processos cognitivos e os lingüísticos implicados na confabulação deixam entrever algumas

³⁹ A síndrome de Korsakoff, ligada a múltiplas etiologias, define, na clínica, os distúrbios mnésicos que perturbam essencialmente a memorização e a evocação das lembranças (Barbizet & Duizabo, 1985).

⁴⁰ Alterações da capacidade de reconhecimento, tais como a auditiva, a tátil ou visual, na ausência de perturbação da inteligência e de outros processos cognitivos.

especificidades nem sempre possíveis de averiguar no discurso chamado normal. Partindo da perspectiva acima, para a Linguística, a natureza da confabulação pode estar relacionada aos processos interativos para a construção da significação, dada sua característica dialogal. Segundo Morato,

"a confabulação é um fato textual que só se constrói na relação com quem a escuta e em relação a quem a escuta. Isso é realmente algo de importante para a compreensão desse fenômeno." (Morato, op. cit.: 74)

O que me interessa apontar é que ambos os fenômenos, a digressão e a confabulação, são eventos que aparentemente transgridem uma ou mais regras, seja de ordem linguística, pragmática ou discursiva, embora não sejam suficientemente descritos pela prática clínica. A digressão parece infringir regras de fluência verbal (no sentido que lhes dá Scarpa, 1996), pois quebra o tópico corrente pela inserção de outro tópico, às vezes marginalmente relevante. A confabulação, por sua vez, parece infringir normas pragmáticas, cuja face linguística implica um saber pragmático e constitui-se sob forma discursiva (Morato, 1995: 13).

Esses eventos, que fazem parte da caracterização de quadros como os da síndrome frontal (a digressão ajuda a caracterizar casos de síndrome frontal leve e a confabulação, casos de síndrome frontal grave), podem ter outro estatuto na Linguística, que não o da simples denúncia de um problema neuropsicológico.

De acordo com estudos de Morato,

"fatos textuais potencialmente desestabilizadores, normais ou patológicos, indicam que o equilíbrio entre as regularidades e as indeterminações pode ser apenas provisório e contingente - porque histórico -, devendo ser refeito (construído, apreendido) a cada instância discursiva". (Morato, 1995: 13)

Pode haver uma hipótese explicativa para o fato de que a digressão e a confabulação sejam analisadas como um evento clínico semelhante por uma neuropsicologia e uma neurolinguística tradicionais, referindo-se às questões do fenômeno da relevância (ou sua falta). Isso é possível porque *esses fatos textuais se revelam na situação enunciativa,*

durante a interlocução, provocando algum tipo de instabilidade no processo comunicacional. A digressão, no entanto, pode ser resolvida na própria situação, reportando-se a tópicos anteriores, enquanto a confabulação nem sempre aí se resolve por exigir outros fatores nem sempre recuperáveis no momento de interlocução.

Feito esse recorte teórico e baseando-se nessa discussão sobre a digressão e a confabulação, propõe-se, nesta dissertação, que a relevância seja um conjunto de condições semânticas e pragmáticas relacionados às situações enunciativas, o que pode possibilitar a análise de processos digressivos e confabulatórios como fatos textuais, que constituem o processo de construção da significação, tanto no campo da normalidade quanto no campo da patologia. Tais fatos textuais perderiam, portanto, na análise de seu potencial lingüístico, se utilizados somente como sintomas desestabilizadores que propiciam a diferenciação intra-sindrômica.

II.2.2) Sobre a afasia e a síndrome frontal

A afasia, na literatura clássica, caracteriza-se por perturbações de comportamentos lingüísticos, resultante de lesões cerebrais adquiridas (Botez, 1987:307), ou ainda, caracteriza-se pela "desordem dos mecanismos psico-sensório-motores que intervêm na percepção e expressão da linguagem e que se elaboram em uma região limitada do hemisfério dominante " (Barbizet & Duizabo, 1985. 35).

Sob uma perspectiva neurolingüística,

"a afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação" (Coudry, 1986/1988: 5).

Além disso, postula-se também em Neurolinguística que

"estas alterações (discursivas e cognitivas) podem dizer respeito à dificuldade com a produção articulatória, envolvendo ou não o nível fonológico, com a seleção lexical ou tópica, envolvendo o nível semântico, com a organização sintática, com a expressão das relações semânticas, quer do ponto de vista da produção das relações de sentido como da tarefa interpretativa; podem ainda referir-se a dificuldades na produção e interpretação de expressões linguísticas em determinadas situações discursivas; podem, também, dizer respeito a problemas na relação da linguagem com os sistemas de referências ântropo-culturais que o "sujeito pragmático" - isto é, cada um de nós, os "simples particulares", partilha com uma dada comunidade (Pêcheux, 1983/1990: 33 apud Coudry, 1992a).

Tradicionalmente, a síndrome frontal é vista como um problema comportamental, caracterizando-se pela desorganização geral nas atividades do indivíduo, distratibilidade, perda de memória, impossibilidade de refletir sobre suas atividades para corrigir erros eventuais, persistência em atividades simples, dificuldade para lidar com situações inesperadas, entre outros. (Luria, 1984). Alguns trabalhos da área de Neurolinguística têm refletido sobre as questões linguísticas dessa síndrome (Coudry & Gandolfo, 1994; Gandolfo, 1994; Morato, 1995). Nessas pesquisas, a relevância aparece como um dos critérios que contribuíram para analisar esse tipo de "distúrbio", a afasia. Também, de acordo com estudos feitos anteriormente (Koch, 1990a; Morato & Coudry, 1992), além do fenômeno da relevância, a organização tópica pode também revelar a ocorrência de fatos digressivos ou confabulatórios que, baseando-se numa concepção discursiva da linguagem, constituem-se eventos discursivos. Isto significa que tais eventos podem ser acontecimentos que surgem no momento da reorganização linguística dos sujeitos cérebro-lesados, viabilizando a re-estruturação da linguagem desses sujeitos, como observar-se-á na análise de dados.

CAPÍTULO III.

ANÁLISE DE DADOS

III.1) Introdução e princípios metodológicos

Para o tipo de análise de dados patológicos postulado pelo empreendimento teórico-metodológico apresentado no capítulo I desta dissertação, considera-se que o fenômeno da relevância pode contribuir para a descrição e para a análise de processos de significação que têm lugar no CCA. Nos capítulos anteriores, discutiu-se o fenômeno da relevância como um conjunto de fatores semântico-pragmáticos que pode constituir o processo de produção dos enunciados para a construção do sentido. Com o intuito de explicitar como esse fenômeno pode integrar a análise requerida por uma neurolinguística orientada discursivamente, discutiremos alguns dos processos linguístico-discursivos implicados em práticas discursivas. Nestas práticas ocorreram alguns momentos digressivos e outros que, segundo a descrição neuropsicológica tradicional, são considerados confabulatórios, mas são de outra ordem (ou mal-entendidos ou outro problema que envolva a competência pragmática do sujeito).

Atente-se para o fato de que as análises a serem apresentadas propiciam um exercício de reflexão que perpassa diferentes postos de observação na Linguística. Algumas noções trazidas para o interior desta discussão compõem, necessariamente, a noção de *relevância* discutida aqui. Em outras palavras, a *relevância*, discutida a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva, traz para a análise noções enunciativas, pragmáticas e discursivas.

Da enunciação, por exemplo, tomamos elementos relacionados ao momento em que se profere um enunciado, a noção que os interlocutores mantêm de si mesmos e dos outros. Quando nos referimos à competência pragmática dos sujeitos, trazemos para a discussão os conhecimentos a respeito do mundo e do uso que se faz deles no processo interlocutivo. Um exemplo de uma noção discursiva seria a de intercompreensão (nos termos de Bakhtin) a qual envolve fatores, como posição ideológica dos sujeitos e interdiscursividade, que vão além da efetivação empírica da comunicação.

Tendo em vista que alguns dos sujeitos que participam desse grupo apresentam dificuldades de ordem semântica, pragmática ou discursiva, tornam-se mais claro(s) o(s) tipo(s) de dificuldade(s) proeminente(s) nas *activités langagières*, quando são vivenciadas as práticas discursivas no interior do CCA. E, com a análise dos pressupostos linguístico-cognitivos envolvidos em algumas dessas práticas discursivas, possibilita-se a intervenção dos Investigadores, e de outros sujeitos que integram o grupo, e o auto-reconhecimento das próprias dificuldades apresentadas pelos sujeitos.

As práticas discursivas experienciadas pelo grupo possibilitam, ainda, a análise de algumas regularidades linguísticas em expedientes enunciativos como narrativas, relatos, comentários, recontagem de piadas, jogos de linguagem, entre outros. Tais expedientes permitem que se apreendam, no discurso verbal e não verbal,

"os modos pelos quais o sujeito organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele supre suas próprias dificuldades, descobrindo, através dos indícios de sua fala e pelas suas manifestações explícitas, as hipóteses que ele mesmo faz a respeito dessa estruturação e dos mecanismos que ele põe em jogo para produzir significações, definindo com acuidade o lugar de suas dificuldades, sobre as quais ele deve operar."
(texto original do Projeto Integrado/1992).

Neste sentido, partindo-se dos pressupostos teórico-metodológicos aqui assumidos, selecionamos para esta dissertação, dados que explicitassem fatores que implicariam algum tipo de "prejuízo" à qualidade da interação, referindo-se à infração de regras nas quais o fenômeno da relevância está envolvido. Uma hipótese explicativa para tal prejuízo vincula-se à análise do estabelecimento de relações entre os processos (cognitivos e linguísticos) envolvidos na compreensão do que é dito e/ou na possibilidade do não reconhecimento, por parte do interlocutor, da intenção do sujeito ao dizer algo. Isto implica uma questão: quais fatores podem ser analisados quando um dos interlocutores fornece uma informação fracamente relevante para o contexto em questão dificultando, às vezes, o processo

interativo e a intercompreensão⁴¹? Consideram-se aqui as várias situações enunciativas às quais os sujeitos do CCA estão expostos.

Para se realizar tal estudo, foram selecionadas atividades, dentre as muitas propostas ao CCA, que privilegiam a oralidade, ou seja, trechos em que os sujeitos lidam com configurações textuais orais no processo interativo, nos quais podem ocorrer digressões ou outros fatos textuais.

III.1.1) A relação entre alguns fenômenos textuais e a atividade discursiva de sujeitos afásicos no CCA

De acordo com uma vertente mais tradicional da neuropsicologia e da neurolinguística, a ocorrência de fenômenos digressivos e confabulatórios no processo interativo é potencialmente desestabilizador, pois representa um excedente verbal desviante, perturbador, que fere a continuidade de sentido e da coerência “natural e lógica” do discurso, embora sejam fenômenos diferentes entre si. No entanto, de acordo com o que foi discutido anteriormente, esses fenômenos textuais, dentre outros, também atuam na construção da significação (Morato e Coudry, 1992). Concorre, ainda, o fato de a confabulação, tal qual aparece em muitos casos descritos por essa neuropsicologia, pode tratar-se de diferentes fenômenos de linguagem (Morato, 1995).

Neste capítulo, analisamos trechos de sessões do CCA em que se destaca a participação de três sujeitos, GC, RR e ER, que, para interpretações mais tradicionais de fenômenos da linguagem, “feriram a coerência lógica e natural do discurso” por produzirem fenômenos digressivos ou outros chamados de confabulatórios. GC, portador de afasia de Wernicke, cujo discurso foi analisado a partir de testes descontextualizados, possibilitando que seu diagnóstico fosse caracterizado genericamente por problemas de compreensão; o caso de RR, que apresentou momentos digressivos, permitindo seu diagnóstico como

⁴¹ Nos termos de Bakhtin, a intercompreensão estaria relacionada ao processo de interlocução: “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão” (Bakhtin, 1995: 132)

portador de síndrome frontal leve, e ER, que, no início de seu quadro afásico, entrava em frequentes processos confabulatórios, e foi diagnosticado como portador de síndrome frontal grave.

No entanto, ao se assumir uma vertente que estuda fenômenos da linguagem como *atos textuais* que contribuem para a construção da significação, muda-se a configuração da análise. O caso de GC, analisado a seguir, foi avaliado pela afasiologia tradicional como um sujeito com "problemas de compreensão". Por meio das práticas do CCA, percebeu-se sua dificuldade em utilizar o saber metalingüístico e seus problemas de ordem semântico-enunciativa. Na prática discursiva em que é analisada sua participação, por exemplo, há a mescla de atividades: dramatização, coordenada por atores, e o manuseio de expressões cristalizadas no discurso cotidiano que deveriam ser suspensas⁴² para o cumprimento da atividade. O que pode ser interessante nesta atividade é o fato de que a questão da relevância não é só abordada quando há digressão ou confabulação, mas também pode fazer parte da análise de outros processos interativos em que a coordenação do saber pragmático está presente.

No caso do sujeito RR, portador de uma síndrome frontal leve, observaram-se dificuldades para manejar construções e adaptações próprias do processo enunciativo e pragmático. Nesse sujeito, detectou-se a dificuldade de adequação às situações discursivas, pois ele usava um mesmo registro para falar com todas as pessoas indistintamente, ou seja, não fazia os ajustes necessários no discurso para que outros sujeitos pudessem compreendê-lo. Além disso, RR apresenta vários momentos digressivos por se estender em demasiado em algumas explicações. A observação e a análise do caso de síndrome frontal leve de RR, em seu acompanhamento longitudinal, fez com que pesquisadores da área de uma Neurolingüística discursivamente orientada (Coudry & Gandolfo, 1994; Gandolfo, 1994) propusessem uma afasia pragmática⁴³.

E no caso de ER, portador de síndrome frontal, grave em seu início de quadro, observaram-se problemas de ordem discursivo-enunciativa, o que propiciaria a produção de confabulações ou de mal-entendidos. Esse sujeito apresentou alguns episódios

⁴² Seguindo parâmetros bakhtinianos, a atividade em questão deveria ser realizada sob a forma metalingüística, ou seja, utilizando algumas expressões fora do *contexto real*.

⁴³ Essa proposta justifica-se pelo fato de que tradicionalmente analisam-se quadros de síndrome frontal referindo-se a questões de comportamento sem considerar o processo de interlocução e a dimensão pragmática da linguagem (leis discursivas que regulam o que pode ou não ser dito).

confabulatórios quando criou situações que não aconteceram na realidade; produziu alguns mal-entendidos ao focalizar aspectos pouco apropriados para o tópico corrente, causando estranheza em seus interlocutores (provocando problemas no processo de intercompreensão). Nesses casos, há um uso inadequado de normas sociais no processo interativo, posto que há uma versão inapropriada, em termos semântico-discursivos, no tópico corrente, que fere normas discursivas e pragmáticas.

Esses três sujeitos apresentam, pois, problemas relacionados a tarefas interpretativas no processo comunicacional que envolvem também a coordenação de um saber pragmático para a consturção da significação.

III.1.2) As atividades do CCA selecionadas para análise

Neste capítulo serão apresentados trechos de sessões em que são vivenciadas as seguintes práticas discursivas e situações comunicativas: entrevista (no caso de GC, em anexo, e de RR), atividade teatral, relato desencadeado por uma pergunta durante a entrevista, contagem e recontagem de piada e atividade metalingüística (em que se elenca o nome de objetos relacionados a papelaria). Todas essas atividades orais foram feitas em grupo, durante as sessões do CCA.

A seguir, serão apresentados alguns dos objetivos dessas atividades desenvolvidas no CCA, e que foram selecionadas como material de análise para esta dissertação.

Uma dos trechos selecionados refere-se à análise de uma atividade que envolve o jogo teatral. Dadas as dificuldades lingüístico-cognitivas que caracterizam esse grupo de pacientes, em sua maioria não fluentes⁴⁴, as atividades de expressão teatral somam-se às várias atividades verbais e não-verbais que fazem parte da dinâmica do CCA.

⁴⁴ A afasia não fluente é assim denominada na literatura por apresentar elocução lenta, laboriosa, desajeitada, freqüentemente silabada (cf. Lecours et al. in Botez, 1987); há alterações fono-articulatórias, afetando o sistema lingüístico, sobretudo nos níveis fonológicos e sintáticos. As afasias não fluentes, em que a relação entre os processos discursivos e a língua está afetada, foram estudadas por Freitas (1997) em tese de doutoramento apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP.

As atividades teatrais⁴⁵ foram integradas às atividades do CCA em 1996, com o objetivo de aumentar as possibilidades expressivas dos sujeitos cérebro-lesados. Isso porque esses sujeitos apresentam dificuldades com a linguagem e também com outros processos simbólicos (como a representação gestual) ou cognitivos (como alterações de percepção, atenção, trabalho inferencial, memória, etc).

Ao se relacionar linguagem e expressão teatral, com a finalidade de ampliar as condições comunicativas dos sujeitos cérebro-lesados, lança-se mão de vários recursos expressivos, tais como entonação, gestos significativos, repetição de expressões cristalizadas, etc. que tematizam outras formas de produção do sentido. Assim,

"este trabalho explora a capacidade criativa, estimula a expressividade corporal, a improvisação, motiva a percepção das ações humanas próprias do jogo dramático - para a recuperação lingüístico-cognitiva dos sujeitos cérebro-lesados acompanhados no CCA." (Relatório Parcial do Projeto Integrado em Neurolingüística, 1997:9)

A vivência de papéis do sujeito em situações comunicativas e na vida real ajuda a desenvolver a dinâmica do CCA e a integração entre os que dele participam. Favorece, também, a reorganização cognitivo-corporal por meio da observação e da reflexão sobre as atividades e atitudes cotidianas. Esse processo, que se dá por meio da observação e da ação, possibilita a ampliação de parâmetros de expressividade e de comunicação dos sujeitos, explorando sua capacidade criativa e desenvolvendo sua linguagem corporal.

As atividades que possibilitam a investigação da expressão corporal ou dos movimentos expressivos, como definiu o ator e investigador José Amâncio, remetem a contextos efetivamente vividos. Ao estar, pois, os sujeitos em relação com o mundo social por meio de processos expressivos e interpretativos (lingüísticos e cognitivos), faz-se necessário que eles utilizem estratégias alternativas para se comunicar e significar (cf. Texto original do Projeto Temático de Pesquisa *Centro de Convivência de Afásicos: práticas discursivas, processos de significação e propriedades interativas*, 1998).

⁴⁵ Iniciou-se no CCA o projeto de expressão teatral desenvolvido pelos atores José Amâncio R. Pereira e Ana Maria S. De Oliveira.

Em outro trecho, analisamos o que envolve uma prática discursiva comumente realizada quando um novo sujeito vai ser integrado ao grupo, a entrevista. É requisitado aos sujeitos, pois, que formulem questões pertinentes àquele contexto, para estabelecer um conhecimento mútuo e para apresentar ao novo integrante a dinâmica do grupo. Tal prática ajuda na construção do conhecimento mútuo entre os próprios sujeitos.

Neste trabalho, analisamos, também, outro fato de linguagem, a piada, que se inscreve como um expediente enunciativo privilegiado para a investigação do funcionamento da linguagem, pois permite que o pesquisador tenha um controle relativamente fácil dos dados pela sua brevidade, além de ser um material interessante no que diz respeito à duplicidade de interpretação, exigindo um certo domínio de elementos linguísticos e/ou contextuais tanto por parte daquele que a conta como por parte do ouvinte das piadas (cf. Coudry e Possenti, 1993). Isso motivou a introdução da piada e da charge política em versões protocolares de avaliação dos pacientes acompanhados na UNNE, seja para uma avaliação individual, seja para uma prática discursiva a ser proposta ao CCA.

Levando-se em consideração que esses sujeitos são afásicos, e que, portanto, nem sempre os recursos da língua ou seu conhecimento pragmático lhes estão “disponíveis”, a digressão ou outros processos considerados desestabilizadores são, muitas vezes, uma forma encontrada pelo sujeito para tentar reorganizar-se por meio da linguagem. Isto significa dizer que, ao invés de tomar esses fenômenos como sinal de desorganização ou confusão mental, eles são considerados, na perspectiva neurolinguística assumida aqui, como uma alternativa a que o sujeito recorre para estruturar seu dizer.

Os estudos neurolinguísticos têm como um de seus objetivos propor situações que ajudem os sujeitos nesse processo de reorganização. Dadas as dificuldades próprias de cada sujeito, procuram-se alternativas a fim de que haja contribuições relevantes para a construção do sentido em um processo interativo.

As atividades realizadas durante as sessões do CCA visam, no processo interativo, a auxiliar os sujeitos na construção de vias alternativas para a produção da significação, visto que há várias possibilidades de dizer, ao mesmo tempo em que fazem emergir questões de ordem enunciativo-discursivas e enunciativo-pragmáticas pertinentes para o estudo da linguagem no contexto patológico.

Esse modo de conceber a linguagem, assumido para o estudo de patologias cerebrais, pode demonstrar que os contextos de uso⁴⁶ (cognitivo e sócio-cultural) da linguagem propiciam vias explicativas de vários fatos de linguagem, baseadas nos níveis de análise linguística e nos modos de enfrentar seu déficit (cf. texto original do Projeto Integrado, 1992). Dado que também investe na melhora das condições de expressividade (verbal e não verbal) dos sujeitos, a análise de dados contribui para o processo de elaboração do diagnóstico e de procedimentos avaliativos, bem como para a conduta terapêutica dada aos sujeitos acompanhados no CCA. A análise dos três casos aqui proposta, permite, também, observar a estreita relação entre as dimensões semântica e pragmática e o funcionamento discursivo da linguagem por meio do fenômeno da relevância.

III.2) Apresentação dos dados

III.2.1) Afasia de Wernicke

III.2.1.1) Apresentação do caso GC

GC, funcionário público aposentado, nascido em maio 1923, casado, pai de cinco filhas, com escolaridade média completa, sofreu, em março de 1993, um acidente vascular hemorrágico (AVCh) na região parietal esquerda, do que decorreu um quadro de afasia posterior, ou afasia de Wernicke.

Os principais sintomas apresentados no período de avaliação neuropsicológica e neurolinguística foram: discreta hemiparesia direita, hemianopsia direita, dificuldades de cálculo, parafasias semânticas e literais, tendência em perseverar em certos tópicos (sua doença, cirurgia e redução do campo visual), dificuldade de acompanhar o desenvolvimento de um tópico em uma conversa (situação em que recorria aos temas doença e cirurgia).

⁴⁶ Nas últimas reflexões do PI, o termo *contexto de uso* foi revisto e refere-se aqui às *práticas discursivas*.

Apresentou também dificuldades para estabelecer relações semânticas, além de problemas para reconhecer suas próprias dificuldades, sejam lingüísticas ou neuropsicológicas, configurando seu estado cognitivo geral como anosagnóstico⁴⁷.

III.2.1.2) Discussão de dados do sujeito GC

Os trechos das sessões do CCA analisados a seguir referem-se a duas atividades de expressão teatral, realizadas em 17/04/96, que propiciam a investigação do movimento expressivo dos sujeitos. Os participantes estavam em pé e dispostos em círculo, o que permitiu maior dinamicidade ao exercício pois todos os sujeitos tinham a possibilidade de visualizar bem o que o outro estava fazendo.

O primeiro trecho desta sessão analisado aqui refere-se ao final da primeira atividade e o segundo, ao início da etapa seguinte. Tais recortes possibilitam a explicitação de dificuldades discursivas que caracterizam o quadro patológico inicial de GC (afasia de Wernicke com anosognosia) descritas como “problemas de compreensão” pela literatura (Botez, 1987; Barbizet & Duizabo, 1985).

A primeira atividade consiste na possibilidade de variar a produção de expressão do sujeito: de agressividade, de dúvida, de ansiedade, etc. Trata-se de uma atividade lúdica que propicia a produção de efeitos de sentido, ou de diferentes enunciações e qualidades comunicativas e interativas. A proposta e as regras desse “jogo teatral” foram colocadas para o grupo. Pediu-se que se dramatizasse somente a enunciação da frase “*como vai*” e, apesar de se tratar de uma atividade que instaurava o movimento dialógico, não era necessário esperar uma resposta do outro.

Do ponto de vista lingüístico, trata-se de uma atividade metalingüística em que o sujeito, ao produzir o enunciado proposto, deve suspender, de uma certa forma, o exercício enunciativo. Poderíamos interpretar essa atividade como uma enunciação que, ao exigir um *ato responsivo ativo* (Bakhtin, 1995: 99), deixaria em suspenso esse movimento. Nessa tarefa, pois, não caberia um valor ilocucional de pergunta/resposta, mas um sentido

⁴⁷ *Grosso modo*, esse termo qualifica o desconhecimento ou a falta de consciência por parte do paciente de suas dificuldades, não permitindo a compreensão de seu estado cognitivo geral.

perlocucional produzido pelo locutor por meio de contornos intonacionais e da dramatização de gestos envolvendo a expressão facial e o corpo.

A segunda atividade teve lugar logo em seguida à primeira, na mesma disposição em que o grupo estava e diferencia-se desta principalmente por tratar-se da pergunta "foi você?", formulada por um sujeito, seguida da resposta "eu não", dada pelo sujeito subsequente. A instrução dada pelo ator José Amâncio R. Pereira fez com que os sujeitos variassem os propósitos dessa interlocução de modo a conferir-lhe sentidos diversos: denúncia/justificativa; desconfiança/defesa; pedido de informação/negativa, etc.

Ambas as atividades apresentam um movimento dialógico interno, mesmo que a réplica do outro esteja pressuposta (ou seja, que não tem necessidade de ser explícita), como no caso da primeira atividade, o que as distingue de uma enunciação *isolada-fechada-monológica desvinculada de seu contexto linguístico* (Bakhtin, op. cit.: 99). O que é interessante observar são as condições de produção destas atividades, isto é, o fato de ocorrerem em práticas de expressão dramática, em que o trabalho linguístico-cognitivo requerido supõe 'criar' contextos possíveis de uso para tais expressões. Para dar conta dessas atividades o sujeito tem que exercer, pois, papéis enunciativos demarcados (imaginando-os).

Essas atividades demandam do sujeito um exercício metalinguístico exigido pelas regras desse jogo em particular: há um contrato feito pelos participantes estabelecendo o que pode ou não ser dito de forma relevante, explicitamente ou não. Em outras palavras, tal atividade exige a operação linguístico-cognitiva para utilizar um saber metalinguístico a fim de inserir as expressões em outro contexto de produção de sentido: aquele produzido por seguir as regras do jogo. Isso significa que não se trata apenas de um exercício mecânico de repetição, pois, para realizar o exercício de forma *relevante*, o sujeito teria que compreender o jogo, ou seja, compreender que não se trata de um contexto enunciativo cristalizado historicamente, mas de outros contextos possíveis pela aplicação da regra. Os sujeitos teriam, pois, que produzir enunciados que instauram um movimento dialógico próprio, evocando ou não uma resposta do interlocutor, diferenciando-se de outras práticas que fazem parte da dinâmica do CCA.

Atividade 1

1. Ijt⁴⁸: agora nós vamos fazer o seguinte, vamos trabalhar com o movimento expressivo, ou seja, eu vou começar, a mesma coisa, faço eu, depois OP, depois GC, um por vez, mas tem que ser o movimento expressivo; então, eu vou fazer um e o senhor //voltando-se para OP// vai fazer igual, tá?

//coloca a mão na cintura e diz em tom alto, forte, como se estivesse bravo ou nervoso//

2. Ijt: como é que vai o senhor? //sinaliza para OP, querendo saber se há dúvidas para a realização da atividade// tá bom? agora o senhor faz pra ele //apontando para GC//, mesma coisa.

//OP olha e coloca as mãos na cintura//

3. OP: tudo bom?

//GC fica olhando, imita o mesmo gesto e responde para OP, o restante do grupo ri//

4. GC: tudo bem, obrigado //ri, continua com as mãos na cintura e não diz nada para o sujeito JB que está a seu lado e com quem deveria continuar a atividade. O sujeito JB volta-se para o próximo interlocutor, SP, e a atividade segue//.

Atividade 2

5. Ijt: quem agora quer sugerir fazer alguma coisa desse jeito, se comunicar com o outro; pode falar qualquer coisa, pode fazer qualquer coisa desse jeito, como é que é? Quem quer fazer?

//Ninguém responde//

6. Ijt: vamos fazer o seguinte, vou dar uma sugestão, vou fazer para o seu OP, vou fazer pra ele, aí o senhor vai falar pra ele //referindo-se a GC que estava ao lado de OP// eu vou fazer pra ele

//virando-se para OP//

⁴⁸ As abreviações como “Ijt” referem-se aos investigadores participantes. Para diferenciar os investigadores acrescentou-se a primeira letra do nome, ou do apelido com que é conhecido no grupo, funcionando como um tipo de índice, por exemplo Ijt refere-se ao ator José Amâncio (Zezé). A transcrição feita aqui segue as normas propostas pelo Projeto NURC revistas pelo PI para adaptá-las às transcrições mais específicas das sessões do CCA.

7. **Ijt**: foi o senhor! *//apontando o dedo//*, o senhor fala "eu não"

8. **OP**: eu não *//sinalizando com o dedo//*

//risos//

9. **Ijt**: agora o senhor fala pro seu GC: "foi você"!

//GC não espera OP lhe fazer a pergunta, sinaliza negativamente com o dedo e ri; todos riem; OP sinaliza para GC esperar e GC diz//.

10. **GC**: eu também não!

11. **Ijt**: devagar, deixa ele falar primeiro, deixa ele falar primeiro *//voltando-se para GC//*

12. **GC**: (eu já falei pra ele) *//voltando-se para JB que está a seu lado direito//*

13. **Ijt**: falou

14. **GC**: eu respondo pro outro ou pra ele? *//falando com Ijt, referindo-se a JB que estava ao seu lado direito e a OP, que estava ao seu lado esquerdo - para quem ele deveria responder "eu não"//*

15. **Ijt**: pra ele *//apontando para OP//*

16. **GC**: *//virando-se para OP//* como é que vai você? tudo bem? *//esta frase fazia parte da atividade anterior//*

17. **Ijt**: seu GC, o senhor responde "eu não"

//GC mantém-se na mesma frase, repetindo-a em voz baixa "tudo bom, como é que vai o senhor?"//

18. **Ijt**: foi o senhor? foi o senhor ...

//GC sinaliza positivamente com a cabeça, apontando para si mesmo//

19. **GC**: foi eu mesmo

20. **Ijt**: fala "eu não"

21. **GC**: foi eu mesmo

22. **Imc**: fala "eu não"

23. **Ijt**: *//pede para GC olhar para outro sujeito que está ao seu lado//* foi você! fala pra ele, "foi você"!

24. **GC**: ele? e você como é que vai? *//olhando para Ijt//*

25. **Imc**: não, não, GC, GC fala assim *//falando alto//*: "FOI VOCÊ"!

26. **GC**: você quer alguma coisa? *//voltando-se para o sujeito ao seu lado que continua a atividade//.*"

A partir deste momento, o sujeito JB prossegue com a atividade e GC fica observando.

Para ser *relevante* neste jogo, os sujeitos deveriam aderir à proposta discursiva: produzir os enunciados *como vai?*, *foi você* e *eu não*, considerando as regras dessas atividades.

Neste caso, o que fez GC não aderir a essa proposta? Sabe-se que, de acordo com a literatura tradicional, esse sujeito foi *irrelevante* em alguns momentos em decorrência de *problemas de compreensão*, o que descreve sumariamente suas dificuldades, sem precisar o tipo de problema que apresenta, ou melhor, sem observar *como* sua compreensão está afetada. Torna-se neurolingüísticamente crucial, para conhecer seu quadro semiológico, explicitar as condições enunciativo-discursivas que foram manipuladas por ele de forma inadequada.

Na atividade 1, observamos que o sujeito OP manteve o sentido do jogo, mas utilizou *outra expressão* que não a produzida pelo investigador. OP disse “tudo bom?” (linha 3) e Ijt havia proposto que fosse feito da forma como ele, investigador, havia dito (linha 1: “vai fazer igual, tá?”). É possível que GC tenha se confundido por causa da maneira como OP realizou a tarefa pois deveria efetuar várias operações ao mesmo tempo.

Uma das tarefas que GC teria que realizar referia-se à suspensão do uso da expressão *como vai?* para o contexto daquele jogo, inserindo as regras propostas para essa prática. Ou seja, GC teria que suspender a *atividade linguística* para dar seqüência à *atividade metalingüística*. Deveria, também, tomar para si o enunciado *como vai?* e dizê-lo rapidamente ao sujeito a seu lado imprimindo, a esse mesmo enunciado, um movimento expressivo diferente (de raiva, medo, etc). GC imita o gesto de colocar as mãos na cintura, mas acaba respondendo a seu interlocutor (linha 4) e é *irrelevante* com relação à prática discursiva em questão (é interessante notar que esse sujeito seria *relevante* em uma situação de *uso* - uma atividade lingüística - desse enunciado).

Na segunda atividade, GC parece aplicar as regras do jogo ao responder “eu também não” (linha 10), no entanto, não espera sua vez para participar do jogo. No momento em que o investigador pede para que ele espere, parece ocorrer uma certa dificuldade para coordenar a mobilidade de papéis e posições enunciativas dessa prática. Quando GC

pergunta *eu respondo pra ele?* (linha 14), mostra que entendeu que tal atividade requer a formulação de uma resposta e checa as coordenadas do evento comunicativo, o que seria relevante em uma atividade linguística cotidiana. No entanto, ele, por ter dúvidas sobre as regras desse segundo jogo, acaba reproduzindo (ou perseverando, em termos neuropsicológicos) a pergunta da atividade anterior, configurando, pois, a reiteração de processos patológicos no lugar de processos não patológicos⁴⁹.

A intervenção do investigador (*foi o senhor? foi o senhor ...* - linha 18) não resolve a dificuldade de GC, visto que ele responde *foi*⁵⁰ *eu mesmo* quando deveria responder *eu não*.

O *efeito contextual* (Sperber & Wilson, 1986) ou *efeito de relevância* nessa atividade consiste em produzir o enunciado de acordo com as regras da atividade. O não seguimento dessas regras pode revelar um problema enunciativo-pragmático, já que GC apresenta dificuldades em aplicar uma força ilocucional com diferentes efeitos perlocucionais, no caso dessas atividades, fazer uma pergunta para expressar raiva, medo, etc.

Ao analisar a sessão acima, nota-se que um dos problemas de compreensão de GC refere-se a questões enunciativas da linguagem.

Note-se o fato de que as dificuldades de compreensão (que temos reinterpretado como relacionados à intercompreensão) são minimizadas quando GC “sabe o que se passa”. Esse sujeito foi preparado em sessões individuais para ser entrevistado pelos integrantes do CCA e se saiu bem. Isso porque foi preparado para uma configuração textual específica, a entrevista, em que, supostamente, deveria apresentar dificuldades, dada a alternância de interlocutores (cerca de 12 sujeitos do CCA) e de temas sobre sua história pessoal e sobre a dinâmica de funcionamento deste grupo. Para dar conta desta prática discursiva GC teve que enfrentar as dificuldades enunciativas apresentadas durante seu processo de avaliação: a

⁴⁹ Vale dizer que GC permanece na atividade anterior, indicando um processo perseverativo, atividade esta que foi melhor compreendida por ele. Esse processo nos faz também refletir sobre os problemas linguístico-cognitivos que GC apresenta em consonância com uma afasia posterior (por lesão parietal esquerda).

⁵⁰ É interessante observar que *foi eu mesmo* não faz parte da variedade de fala de GC; talvez ele tenha tomado o *foi* do turno anterior do investigador, dada sua dificuldade em aderir à proposta discursiva, e tenha conservado isto, perseverativamente, diante da intervenção seguinte do investigador para pedir que repetisse “eu não”.

compulsividade para falar sem coordenadas pessoais, interpessoais, interacionais e dialógicas, como apontado anteriormente (ver em anexo).

As duas atividades de expressão teatral analisadas exigem conhecimentos pragmáticos a serem adaptados à prática em questão. Considerando-se o uso cotidiano da linguagem (da atividade linguística), há algumas respostas possíveis tanto à pergunta *como vai?* quanto à pergunta *foi você?* Como já dissemos, o grupo convencionou, antes do exercício, algumas regras a serem seguidas. Para a primeira pergunta não haveria uma resposta explícita, mesmo que se criasse no imaginário uma cena em que a enunciação de tal pergunta pudesse se dar efetivamente. Já para a segunda pergunta, *foi você?*, haveria apenas *uma* possibilidade de resposta, *eu não*. Tratando-se de uma situação enunciativa em que seria trabalhado o movimento expressivo dos participantes, foi pedido aos sujeitos que dramatizassem a resposta de forma a variar a expressão, raiva ou medo, por exemplo. Não caberia outra resposta à segunda pergunta senão aquela previamente acordada pelo grupo.

Nesse sentido, as atividades propostas contam com a possibilidade de *deslocamento de posições enunciativas* e de *conhecimento pragmático* que GC não manipula bem. Soma-se a isto o fato de seu estado anosagnósico dificultar o contato com os problemas que apresenta, condição patológica que o faz, muitas vezes, manter-se ligado à atividade anterior, ou seja, manifestar atitudes perseverativas.

Durante a primeira atividade, o sujeito percebeu, de alguma forma, o que o exercício exigia, tanto que ele tenta imitar o gesto do investigador ao colocar as mãos na cintura, mas não consegue produzir o enunciado *como vai*. No entanto, na segunda atividade (- *Foi você?* - *Eu não*), GC traz a pergunta da primeira atividade *como vai você?* em vez de responder *eu não*⁵¹. É interessante observar que, em situações discursivas em que ele fala a respeito de assuntos que maneja bem (como hipismo, política, vida social, regras de etiqueta), ele se sai bem como *sujeito da linguagem*, exerce diferentes papéis enunciativos, interagindo com seu interlocutor de um modo tão *relevante* que o faz parecer muito pouco com um quadro de Wernicke⁵².

⁵¹ Não se sabe ao certo se GC persevera na atividade anterior somente por que não entendeu as regras da segunda atividade ou se a perseveração também dificulta seu engajamento discursivo.

⁵² Coudry (1997) e Coudry, Mármora & Fedosse (1997), em estudo de casos graves de afasia e síndrome frontal, chamam atenção para o fato de que um sujeito afásico não é *sempre* afásico e um sujeito com síndrome frontal não se encontra *sempre* frontalizado (bem como um sujeito normal não é sempre normal). A instalação (sobretudo abrupta) da doença produz um efeito na condição de sujeito - que passa a conviver com a relação normal/patológico em condições mais extremas.

Para GC parece difícil aderir à proposta destas práticas discursivas, pois não faz o deslocamento enunciativo necessário: ele questiona a quem deve responder, se é para OP ou para JB (linha 14), o que mostra sua dificuldade enunciativa. GC tem dúvidas com relação a quem deve dirigir a resposta (*eu não*, que deveria ser dada a OP) e a quem deve perguntar (*foi você?*, que deveria ser feita para JB). Observamos, pois, que essa segunda atividade demandaria uma mobilidade enunciativa (ser interlocutor e locutor), o que percebemos ser uma das dificuldades de GC.

Na primeira atividade, ele responde a OP (linha 4) quando, em acordo com o grupo, não seria necessário dar uma resposta. Na segunda atividade, ele retoma a pergunta da atividade anterior, ou seja, reproduz o enunciado *como vai?*.

Na realidade, é importante ressaltar que GC reconhece a pergunta da primeira atividade, mas não a insere nas regras do jogo. Tal fato pode ser analisado como uma realização do sujeito, em termos cognitivos, de apenas uma das operações necessárias para a que a atividade pudesse ser levada a cabo da forma proposta. GC parece apresentar dificuldades para realizar várias operações linguístico-cognitivas *ao mesmo tempo* para a produção de sentidos diferentes, o que se percebe no momento em que ele responde à pergunta *foi você?* (linhas 10 e 16), sem considerar o que havia sido convencionado pelos participantes da sessão. Na tentativa de ser *relevante*, e com tendência a manter-se na atividade anterior, diz *e você, como é que vai?*, não conseguindo *entrar* no jogo.

Quero ressaltar que

“o problema das relações de sentido é que não estão circunstanciadas apenas ao âmbito das unidades linguísticas. A construção da significação depende de complexas relações que servem de mediação entre os locutores e a língua, de acordo com instruções que eles interpretam e que orientam a construção do sentido (Coudry & Morato, 1990: 134).

Nessas duas atividades percebe-se a dificuldade de GC para manejar o enunciado do outro de forma adequada em uma atividade metalingüística. O exercício demanda o domínio do que é necessário para que se desenvolva uma reflexão sobre a linguagem em sua forma enunciativa.

Em seu processo inicial de avaliação, várias dificuldades metalinguísticas se mostraram (repetição, soletramento, nomeação). Isso parece consequência de seu problema discursivo para assumir diferentes papéis enunciativos, às vezes, dificultando o processo de intercompreensão. Podemos observar tal fato em atividades nas quais, por exemplo, esse sujeito escreve uma palavra quando a tarefa é representá-la em um desenho. Em relação à escrita, GC apresenta substituições, antecipações e dificuldade de reconhecer a palavra alvo, aproximando-a, às vezes, de outra do mesmo campo semântico, outras, chegando até um estado de desintegração fonética.

Ao ler, muitas vezes, diz o nome da letra ao invés de ler a palavra por inteiro. É de se notar que, ajudado pelo investigador a compreender o que lhe é solicitado, GC executa a tarefa mais facilmente. Exemplo disto ocorreu na avaliação de reconhecimento (verbal e indicativo das partes do corpo - hemissomatognosia) quando GC parecia estar apresentando confusão entre o nome e as partes do corpo: no momento em que a Investigadora recorreu à escrita para que ele compreendesse o que fazer, realizou bem a atividade pois relacionou o nome à parte do corpo indicada.

Como analisar as dificuldades linguísticas que caracterizam o quadro geral de GC? Observa-se uma dificuldade de ordem enunciativo-discursiva para aderir ao tópico introduzido pelo interlocutor (Coudry, 1995: 16); por não manejar adequadamente as regras estipuladas para esse jogo e não saber como agir frente a seus interlocutores, os quais, em outras atividades, podem ter uma função coadjuvante em determinadas situações, como se não houvesse um interlocutor⁵³. Tal dificuldade, para manipular regras desvinculando-as de situações de uso, acaba repercutindo em práticas discursivas nas quais há uma *reflexão sobre a linguagem*, em atividades do tipo *meta*, por ser difícil para esse sujeito fazer o deslocamento enunciativo e contextual necessário.

Semelhante ao caso LN, descrito por Coudry (1986/1988), a dificuldade de GC encontra-se nos limites da *interlocação*. Ele maneja relativamente bem seu discurso nos momentos em que atua como locutor de um tópico que conhece. O que lhe é particularmente custoso é reconhecer o outro como seu interlocutor. Parece regular, em

⁵³ É interessante recordar que GC apresentava, no início da instalação de seu quadro afásico, uma compulsão para falar sempre do mesmo assunto (sua doença), não importando com quem falava, nem sobre o quê. É como se “seu discurso” fosse constituído só por sua fala (semelhante ao quadro de LN analisado por Coudry, 1986/88).

afasias posteriores, um desarranjo nas condições enunciativas da linguagem, o que tem conseqüências na produção e na interpretação de enunciados *relevantes*.

GC, como LN, apresenta problemas quando tem que considerar o que diz o outro; no entanto, isto não significa que ele não tenha recursos para lidar com situações dialógicas o tempo todo, como observamos na situação de entrevista ou quando o tópico trata de questões que lhe interessam ou que são de seu conhecimento.

Com esta análise esperamos mostrar como o estudo da *relevância*, bem como sua formulação teórica, pode ajudar a explicitar alguns dos problemas de compreensão que sujeitos com tal quadro afásico apresentam. Ou melhor, esperamos mostrar de que maneira está afetada a compreensão (intercompreensão, nos termos de uma neurolinguística enunciativamente orientada) e como esse fenômeno se apresenta no funcionamento de processos de significação.

III.2.2) A síndrome frontal leve (ou afasia pragmática)

III.2.2.1) Apresentação do caso RR

RR foi diagnosticado como portador de uma síndrome frontal leve decorrente de uma lesão na parte anterior do hemisfério esquerdo do lobo frontal, conseqüência de uma traumatismo crâneo-encefálico por acidente automobilístico no início de 1990. Nascido em 1956, na cidade de Campinas, é casado e pai de três filhos. É médico veterinário e tecnólogo de alimentos. RR, depois do acidente, passou a trabalhar com vendas e criação de chinchilas para fins comerciais.

Esse sujeito foi encaminhado à Unidade de Neuropsicologia e Neurolinguística em março de 1991. A avaliação neurolinguística revelou que o sujeito RR apresentava

dificuldades para usar a linguagem em situações discursivas diferentes e para mudar de registro (formal/informal). Apresentava dificuldades para fazer os ajustes necessários à prática discursiva nas situações de interlocução e para adaptar seu estilo, normalmente formal, aos seus variados interlocutores.

RR também foi acompanhado pela fonoaudióloga Mônica Gandolfo que estudou o caso em sua dissertação de mestrado (Gandolfo, 1994). De acordo com essa autora, o déficit de RR concernia ao nível pragmático da linguagem, ou seja, "a alterações relativas ao uso social da linguagem em situações discursivas diferentes e com diferentes interlocutores" (Gandolfo, 1994: 35).

A observação do desempenho de RR no trecho selecionado de uma de suas primeiras participações nas sessões do CCA ajuda a compreender um pouco sobre seus problemas de ordem pragmática.

III.2.2.2) Discussão de dados do sujeito RR

Na sessão de 28/01/91, RR estava falando a respeito de sua atividade profissional para outro sujeito, AF, motorista profissional de caminhão e pedreiro, portador de uma afasia semântica. Este foi o primeiro encontro dos dois sujeitos, RR e AF, que estavam se apresentando. Ambos foram preparados para a configuração textual da entrevista e tinham conhecimento prévio do histórico de vida um do outro. Conforme as regras de funcionamento do CCA, foi proposto que fizessem perguntas um para o outro com o objetivo de se conhecerem um pouco mais, seguindo as regras propostas para uma entrevista inicial. De acordo com essa configuração textual, a entrevista, vários tópicos poderiam ser introduzidos: atividade profissional, sobre a família, sobre os motivos que tornaram o sujeito afásico, o tipo de acidente, *etc.*

Caracterizando-se como uma prática discursiva, a entrevista estabelece um tipo de interlocução em que os sujeitos podem assumir papéis e posições enunciativas diferentes, ora de locutor, ora de interlocutor, na tentativa de se construir um conhecimento minimamente partilhado. Essa prática é significativa pois inicia o estabelecimento de vínculos, permitindo que haja maior integração entre os sujeitos em outras atividades,

pressupondo-se que esse conhecimento partilhado entre todos os participantes do grupo propicie um certo "conforto", sem medo ou vergonha de se expor, e ajude a caracterizar o grupo enquanto tal.

1. " AF: e você, Roberto? ah...sua profissão, é:, antes, como antes e agora?
2. RR: *//trecho ininteligível//* é antes, é, sem dúvida ... teve uma pequena mudança nas atividades, mas... eu sou médico veterinário então, e também, E TAMBÉM, tecnólogo de alimentos
3. AF: hum...
4. RR: ...eu tinha uma, antes do acidente, uma função misturando as duas coisas...
5. AF: certo...
6. RR: ...tinha até uma empresa, ... mas fechou a empresa, tal, tal e...hoje eu trabalho com vendas , sou vendedor de produtos para abatedouro avícola
7. AF: ah...
8. RR: e também de borracha de bilhar, coisa meio...
9. Iem: borracha de quê?
10. Imc: bilhar
11. RR: de bilhar
12. Iem: ah...
13. RR: porque com a tecnologia que meu sogro, ele realmente adquiriu, ... na firma para borracha, ... de depenar frango, começou a fazer borracha para tabela de bilhar
14. AF: ah ...
15. Imc e Iem: ah...
16. RR: ciências MESMO...
17. Imc: é pra mesa de bilhar? () daquela que vai e volta...
18. RR: ... a peça de borracha que eles usam em mesas... para...a bola...bater e voltar... [*] e que com:: a experiência, a tecnologia que o meu sogro tem, ... e fazer essa borracha, ... do jeito que ele quer, () tem borracha, então, perfeitamente, eu tava conversando
19. AF: [*] *//tosse//* sei...

20. RR: ... tem borracha pra competição, borracha popular, tem de todo tipo de borracha...mas começou tudo com o abatedouro...e eu comecei com abatedouro porque eu, na área de veterinária, eu dava assistência para ... avicultores, e *//trecho ininteligível//*, mas avicultores principalmente...mas, tal, tal, tal, e acabei chegando no abatedouro e na *//trecho ininteligível//*, então, tal, tal, hoje como veterinário cuido só com chinchilas...

21. Imc: você entendeu tudo o que ele falou, Antônio?

22. AF: ahn?

23. Imc: você entendeu tudo o que ele falou?

24. EF: não, não, não, fili, fili, é: filida ...

25. Imc: então pergunta o que você não entendeu ...

26. EF: filida, filida, filida ...

27. Imc: ah:, chinchila

28. Iem: o senhor acha que ele não sabe o que é ... chinchila?

29. Imc: sabe o que é chinchila, Antônio?

30. AF: chinchila?

31. Iem: é

32. AF: hum, esse eu num:, num sei ...

33. Iem: então pergunta pra ele, ... porque a gente também não sabia quando ele falou, viu Antônio, quando ele falou também que ele, que ele tinha criação de chinchila e tal, né, a gente também não sabia direito, então ele fez uma explicação... pra nós aqui, né, ... agora, uma explicação muito longa, boa, explicando tudo certinho, né, agora você pode perguntar pra ele mais rapidamente o que que seria [3"] *//trecho ininteligível//*

34. AF: é: sobre a: chinchila, o que significa assim, tal, o que ela, ... é:, o que ela faz sobre...

35. RR: perfeito ...

//Depois disso, RR descreve a chinchila como um animal, um mamífero "parente dos roedores", como o coelho. Proveniente dos Andes, é criado com a finalidade de cultivar a pele, de cor cinza clara, fina e sedosa para a fabricação de casacos de pele "para madame"//.

Observando-se este primeiro encontro, poderíamos dizer que RR parece infringir as chamadas *leis do discurso*, reanalisadas em especial por Ducrot (1981 e 1984) e retomadas por Maingueneau (1996). De acordo com este último, leis do discurso são um conjunto de normas que definem "uma espécie de *competência pragmática*, uma espécie de bom comportamento dos interlocutores, de normas que se supõe sejam respeitadas quando se joga o jogo do intercâmbio verbal", baseado em um "contrato tácito", que varia de acordo com os gêneros do discurso. Tais normas se constituem como leis de funcionamento do jogo da linguagem (Maingueneau, 1996: 115-116).

Para Maingueneau, os princípios da cooperação, da relevância e da sinceridade norteariam esse jogo enunciativo. Isso não significa dizer que se é cooperativo, relevante ou sincero o tempo todo, mas que há a necessidade do estabelecimento mínimo de condições para que o processo interlocutivo ocorra. Ao lado desses princípios gerais, há leis mais específicas relacionadas ao *conteúdo* dos enunciados. Uma dessas leis, a da exaustividade, que praticamente se funde com a da informatividade (Ducrot, 1984), é aquela cuja noção varia em função dos destinatários e dos contextos. Em outros termos, a lei da exaustividade é aquela segundo a qual se deve fornecer uma informação que tenha relevância máxima no contexto dado, sendo portanto subordinada ao Princípio da Relevância. E, por fim, a lei da modalidade que condena o uso de expressões obscuras ou ininteligíveis para o interlocutor. Essas leis estariam relacionadas à competência pragmática do sujeito e estão interligadas ao *bom comportamento social* dos interlocutores.

Ao relacionarmos tais princípios e leis ao desempenho de RR, poderíamos dizer que esse sujeito viola quase todas, se não todas, posto que já conhecia um pouco do histórico de AF: seus problemas de ordem semântica, sua dificuldade com o trabalho inferencial e sua pouca escolaridade, pois havia sido preparado para essa entrevista. Ao relatar sua atividade profissional para AF, parece romper várias leis ao mesmo tempo também por desconsiderar esse histórico de AF.

RR não se detém nas informações mais fortes que possui, de acordo com a lei da exaustividade, ou a lei da informatividade, correspondente à máxima de quantidade de Grice (1982), fornecendo mais informações do que poderia interessar ao "destinatário" naquele momento. A lei da modalidade também é ferida, pois RR usa termos e vocabulário pouco adequados a seu interlocutor (como "tecnólogo de alimentos", "abatedouro avícola",

"chinchila" - palavras desconhecidas para AF) Isso pode ocorrer porque, algumas vezes, não esclarece o que causa dúvidas ao outro (linhas 2, 20). Um dos motivos parece relacionar-se ao excesso de suposição acerca do conhecimento partilhado entre ele e seus interlocutores, como no momento em que falou sobre chinchilas sem explicar o que "isso" poderia ser, fazendo com que outro sujeito, EF, tentasse retomar esse assunto (linhas 24 a 32).

Se, para Ducrot e Maingueneau, as leis do discurso estão subordinadas a um princípio de relevância, poderíamos dizer que, ao ferir tais princípios e leis do discurso, não fazendo os ajustes enunciativos necessários a seus interlocutores, um sujeito pode não ser suficientemente relevante, dificultando o processo interativo e interlocutivo, ou, ainda, a intercompreensão, nos termos de Bakhtin. Assim, é possível refletirmos acerca dos problemas de ordem enunciativa do sujeito RR

No momento em que começa a discorrer sobre "borracha" (linhas 8 a 20), pode-se notar que há um certo estranhamento por parte de seus interlocutores, neste trecho, RR, novamente, parece não considerar o "conhecimento partilhado/prévio" acerca do referente, que deve ser minimamente comum entre ele e os demais que participam da interlocução, para que a comunicação seja levada a cabo. Isto pode revelar um de seus problemas de base pragmática, que diz respeito, como observamos nesse trecho da sessão, ao excesso de suposição de conhecimento de seu interlocutor.

O sujeito AF pergunta sobre a atividade profissional de RR, anterior e posterior ao seu quadro neurológico, mas a resposta torna-se demasiadamente longa e inadequada para uma entrevista pois fornece informações relevantes e irrelevantes para aquela situação, provocando a impressão de que ele está reconstituindo *toda* sua vida profissional.

RR narra sua atividade profissional - e esta configuração textual apresenta funções lingüísticas diferentes daquelas instauradas pela entrevista. Esta requer pergunta/resposta, permitindo um "pingue-pongue" entre os interlocutores, e AF não entra no jogo da negociação de sentido durante a longa resposta de RR. Isso pode comprometer a qualidade da interação entre esses dois sujeitos. Naturalmente que a irrelevância de RR também é analisada em função desses problemas de AF. Um sujeito pode ser irrelevante em função do outro, tanto que as investigadoras interferem e se manifestam, ao passo que AF responde faticamente (linhas 3, 5, 14, 19).

O trecho em que RR conta sua atividade profissional exige uma certa autonomia, pois coordena sozinho as referências que deseja que sejam do conhecimento do interlocutor. Mas, ao ferir leis discursivas (da informatividade ou da exaustividade), RR, de certa maneira, acaba não coordenando adequadamente todas as referências que possui, pois não seleciona as informações que são mais relevantes para que seu interlocutor compreenda seu trajeto profissional, o que acaba por dificultar o processo de intercompreensão.

Os momentos em que esse sujeito não se detém nas informações mais fortes pode caracterizar um processo digressivo, nos termos de uma neuropsicologia tradicional, indicando uma patologia. Quando RR oferece mais informações do que necessário, abrem-se um leque de possibilidades diferentes para dar continuidade ao tópico, o que, se não for marcado adequadamente, seja linguisticamente ou por meio de um gesto, pode criar vários subtópicos diferentes, dificultando o processo de interlocução. A exposição de suas atividades pode tornar-se demasiado complexa para que outros sujeitos possam coordenar junto com ele todas as informações apresentadas. RR explica sua função como veterinário, como tecnólogo de alimentos, seu trabalho com abatedouro avícola, sua atividade como vendedor de borracha para mesa de bilhar e outros tipos de borracha e sua criação de chinchilas para fins comerciais.

Mas, mesmo abrindo várias possibilidades diferentes de desenvolvimento do tópico, o que requer um certo trabalho dos outros para que coordenem todas as informações que expõe, RR mantém-se em torno de um grande tópico (atividades profissionais). Ao explicar sobre suas diferentes atividades, acaba tornando relevante um tópico que antes era marginal (no caso da explicação sobre "borracha", linhas 8 a 20).

RR descreve suas três atividades principais: é médico veterinário (dando assistência para avicultores antes do acidente e cuidando de chinchilas depois do acidente - linhas 2 e 20), é tecnólogo de alimentos (linha 2) e é vendedor (de produtos para abatedouro avícola, de borracha de bilhar - linhas 6 a 20).

Com o acidente, há mudanças significativas na vida profissional de RR e o modo como ele se refere a sua atividade profissional mostra exatamente isso. AF parece não acompanhar as estratégias interlocutivas de RR (Koch, 1997)⁵⁴ de RR, pois, apesar de este

⁵⁴ A esse respeito, remeter-se à discussão feita na sessão sobre questões neurolinguísticas e neuropsicológicas (parte II.2)

último recuperar o primeiro tópico "trabalho como veterinário" (linha 2), ao final, não o faz de maneira adequada. No entanto, ele faz um ajuste enunciativo no momento em que diz *hoje, como veterinário, cuido só com chinchilas* (linha 20), mas ao falar que continua atuando como médico veterinário (linha 20), não diz que parou de exercer as outras atividades a que ele se referiu; dentre as várias profissões exercidas por ele, médico veterinário / tecnólogo de alimentos / vendedor, deixa em aberto outras possibilidades de interpretação de sua atuação como profissional naquele momento.

Após o longo trecho sobre o tópico "borracha", que teve como ponto de partida o tópico "abatedouro", RR retorna a sua atuação como vendedor de produtos para abatedouro avícola, relacionando-a com sua profissão de médico veterinário. O trecho pode ser considerado digressivo, e, portanto, um processo comum da linguagem, que, no entanto, pode não receber o aval de seus interlocutores. Estes apenas mantêm "o canal de comunicação aberto" através de monossílabos ou de expressões fáticas (linhas 3, 5, 14, 19).

O esclarecimento acerca de "borracha de bilhar" não poderia, a rigor, ser caracterizado como digressivo, pois foi a partir da dúvida manifestada por uma das investigadoras que ele veio à tona. O pedido de clarificação de uma questão anterior é um tipo de reação apropriada durante a atividade conversacional. O questionamento ou a pergunta podem fazer parte de qualquer contexto conversacional, a fim de criar reações relevantes para o processo de interlocução (Dascal, 1982).

Poderíamos classificar essa passagem digressiva de RR como uma sequência inserida, de acordo com a classificação de Dascal & Katriel (1979), pois vem em resposta a uma pergunta de um de seus interlocutores; o sujeito é obrigado a responder. Apesar disso, RR prolonga sua resposta e este é seu problema. Normalmente, o processo interativo face-a-face é repleto de sequências inseridas, ao contrário da escrita, pois o interlocutor não está presente para fazer perguntas. A interação não é prejudicada somente pelo fato de que há momento digressivos.

Ao se considerar, ainda, que "o tópico conversacional é algo extremamente dinâmico, que vai se alterando ou deslocando a cada intervenção dos parceiros", e "que o conjunto de relevância em foco num dado momento vai cedendo lugar paulatinamente a outros conjuntos de relevâncias, ligadas a aspectos antes marginais do tópico em desenvolvimento" (Koch, 1990a), aqui não haverá, então, nenhum problema no desempenho

discursivo de RR, como no trecho em que RR explica a tecnologia de seu sogro na confecção de borracha de bilhar (linhas 8 a 20).

A dificuldade de RR, no entanto, refere-se à pressuposição de que há conhecimento prévio partilhado suficiente para levar a bom termo a interação, problemas relacionados à dimensão semântico-pragmática da linguagem. A introdução do item "borracha de bilhar" em meio aos "produtos para abatedouro agrícola" também parece pouco relevante, se considerarmos que é inusitada, como se RR estivesse abrindo outra possibilidade tópica, tornando relevante um tópico marginalmente relevante. O que deve ser levado em conta neste tipo de eleição de tópico feita por RR é a falta de conhecimento partilhado entre os interlocutores sobre este tema, tanto que um deles pergunta *borracha de quê?* (linha 9). RR também não dá maiores esclarecimentos a respeito da "firma". Esta pertence ao seu sogro? Não sabemos. Nós só conhecemos o fato de que foi a partir do "abatedouro" que veio a técnica para a "borracha de bilhar".

Ao final, uma das investigadoras (Imc) pergunta ao sujeito AF, *você entendeu tudo o que ele falou, Antônio?* (linha 21) e AF responde *ahn?* (linha 22). Tal resposta pode fornecer pistas de que AF não tinha compreendido realmente o que estava sendo dito por RR. Provavelmente esses sujeitos não compartilhavam uma série de informações que foram fornecidas por RR.

Embora se possa tomar a digressão como um recurso normal da construção de sentido, será que o momento digressivo ou *quase digressivo* de RR foi bem integrado na interação? Se a resposta for positiva, o que se dirá a respeito da pergunta de Imc: *você entendeu tudo o que ele falou, Antônio?* Se a resposta for negativa, algo está errado. O sujeito RR consegue retomar o que estava dizendo antes (linha 20), mas o processo de intercompreensão parece prejudicado.

A eleição de um tópico marginalmente relevante, a escolha lexical pouco apropriada aos interlocutores, o não ajuste enunciativo, a falta do conhecimento que deveria ter sido explicitado antes pelo locutor para que pudesse ser partilhado por todos os seus interlocutores e o fato de não levar em conta o tipo de interlocutor que tinha, nos faz refletir sobre os problemas pragmáticos de ordem enunciativa do sujeito RR.

Poderíamos dizer que, não reconhecer os vários interlocutores diferentes, estabelecendo somente um interlocutor "idealizado" (o que pode ser observado quando RR

não torna seu vocabulário adequado ao seu interlocutor), parece indicar um certo apagamento do que constitui o outro, seu interlocutor, como um sujeito com características diferentes daquelas idealizadas por ele. Se, por exemplo, um sujeito se comunica com um adulto da mesma forma como se comunica com uma criança, faz-nos refletir a respeito da existência de problemas de ordem pragmática; o caso de RR é semelhante, ele parece criar um tipo de interlocutor e não se adapta à variedade de interlocutores que o cercam, o que nos faz refletir sobre suas dificuldades relacionadas à dimensão pragmática da linguagem.

Seguindo parâmetros da teoria de Sperber & Wilson, poderíamos dizer que RR parece pouco relevante pois exige de seus interlocutores uma série de processos cognitivos dos quais poderiam ser "poupados", como se pode observar no interessante processo por que passou AF ao tentar formular uma questão sobre o que seria *chinchila* (linha 34), o que fez usando de seu conhecimento lingüístico ao reconhecer que *chinchila* poderia referir-se ao gênero feminino.

A análise das práticas discursivas realizadas no CCA, as quais envolvem a negociação de sentido e o processo de intercompreensão, permite a discussão de questões pragmáticas da linguagem, ou seja, de questões sobre o funcionamento enunciativo da atividade lingüística que parecem comprometidos no desempenho da linguagem do sujeito RR.

RR não foi relevante o suficiente para que seu interlocutor pudesse compreendê-lo integralmente. Isto significa que a questão da relevância pode ajudar a entender também problemas de ordem enunciativa, pragmática e discursiva dos sujeitos.

III.2.3) A síndrome frontal grave

Nesta seção, apresentaremos expedientes que podem ser caracterizados como confabulatórios, segundo uma perspectiva tradicional da neuropsicologia. O caso de ER, diagnosticado como portador de síndrome frontal grave, apresentou uma série de momentos

considerados confabulatórios que, na realidade, podem ser analisados como fatos textuais de outra natureza (problemas de seleção que causam mal-entendidos, por exemplo)

A análise a seguir considera a discussão feita no capítulo II a respeito da confabulação e da digressão como eventos que atuam na construção da significação.

Alguns dos problemas do sujeito ER referem-se a questões semântico-pragmáticas da linguagem pelo fato de que, muitas vezes, uma situação enunciativa e todos os fatores que a integram não servem como parâmetro interpretativo para selecionar o que é para ser dito de forma relevante ou não. A partir do que é dito por ER, abrem-se várias possibilidades de interpretação e o interlocutor nem sempre tem condições de entender o tipo de associação feito por ele. Às vezes, criam-se versões inapropriadas de um tópico e o interlocutor não tem como interpor um contexto acessível para tornar relevante o que foi dito por ER.

III.2.3.1) Apresentação do caso ER:

ER, nascido em 1954, é divorciado e pai de 4 filhos. Fez até o último ano do ensino básico (antiga 4ª série do primeiro grau). Trabalhava como relojoeiro. Em 1990, aos 36 anos, sofreu um traumatismo crânio-encefálico (TCE) em um acidente de trânsito. Seu quadro neuropsicológico foi diagnosticado como pós-traumático de predomínio frontal, caracterizando uma síndrome frontal.

Seu quadro neuropsicológico caracterizava-se, inicialmente, por parafasias, jargonafasias, neologismos, confabulações, perseverações, dificuldades com a linguagem escrita e falta de iniciativa verbal. Apresentava também apraxias ideomotoras e construcionais, alterações visuo-espaciais, labilidade de humor, alteração de comportamento, alterações da percepção e da memória, diminuição da faculdade crítica e adinamismo acentuado.

Em 1991, quando começou a integrar o CCA, percebia-se que, ao participar das atividades propostas ao grupo, provocava estranheza nos demais. Ao narrar, por exemplo, tinha dificuldades para encontrar as palavras, fazia relações semânticas inapropriadas ou extravagantes, o que implicava repercussões particulares na qualidade das interações desse

sujeito. Outro fator causador de estranheza refere-se à apresentação de justificativas pouco convincentes para relatos construídos por ele, ferindo tanto o conhecimento partilhado sobre o referente quanto as mínimas coordenadas contextuais (cf. Morato, 1995).

III.2.3.2) Discussão do caso do sujeito ER

Partindo do quadro descrito acima, analisaremos uma das práticas discursivas em que ER participa, na sessão do CCA, no dia 16 de março de 1992. A atividade consistia em simular situações de compra e venda de objetos a partir da descrição de suas propriedades e funções, portanto, sem nomeá-los. Foram organizados subgrupos e cada um se responsabilizou por estabelecer itens para locais específicos; o subgrupo do qual ER participou selecionou itens próprios de uma papelaria. O trecho a seguir refere-se ao momento em que o subgrupo de ER estava montando a lista de palavras que seriam apresentadas para o restante do grupo.

1. " **Iem**: o que que a gente encontra numa papelaria, Edvaldo?
2. ER: *//trecho ininteligível//* encontra tudo...
3. **Iem**: TUDO, referente a algumas coisas só, né, Edvaldo? não é?
4. ER: encontra livro... encontra caderno...é::: papel
5. **Iem**: claro...
6. ER: ...encontra carrinho, chuteira...
7. **Iem**: chuteira?
8. ER: é, um pedaço de pau, né? que é pra fazer uma, uma:: chuteira
9. **Iis**: *//falando mais baixo//* (...) chuteira?
10. RR: *//falando mais baixo//* pedaço de pau pra fazer chuteira?
11. ER: hum, hum...
12. RR: não compreendo isso aí
13. **Iem**: acho que na papelaria, acho que um caderno, livro, né?
14. ER: ...caderno...

- 15.RR: ...borracha...
- 16.Iem: ... borracha...
- 17.ER: ...borracha...um, um *//trecho ininteligível//* com muita...
- 18.Iem: numa papelaria? (...) com caderno, caneta, borracha?
- 19.ER: e um revólver...
- 20.Iem: isso talvez não venda em papelaria...
- 21.Iis: revólver do quê?
- 22.ER: com, com muita dentro
- 23.Iis: muita?
- 24.ER: é...
- 25.Iis: que que é esse revólver com muita?
- 26.ER: pra eles poder tirar... e: guardar o:: material
- 27.Iis: é tipo estojo? ah::, estojo em formato de revólver, será?
- 28.ER: hum, hum...
- 29.RR: *//falando baixo//* eu nunca vi...
- 30.Iem: a gente acha que é isto porque na papelaria a gente compra material de escritório, tem coisas de escola, né?
- 31.Iis: é porque tem::, tem aqueles negócios pendurados assim na porta, que você atira e espirra água...em papelaria...
- 32.RR: meu filho tem...
- 33.Iem: dessas coisas que o Edvaldo falou, o que que gente pode:: anotar, pra pedir pra comprar?
- 34.RR: borracha, por exemplo...
- 35.Iem: borracha...
- 36.ER: borracha já não vai ter...
- 37.Iem: numa papelaria? por que não?
- 38.RR: então não tem lápis? *//tom irônico//*
- 39.Iem: não é justo o lugar que tem borracha, papel, caneta?
- 40.ER: não é justo porque borracha você usa em qualquer coisa...vamo supor...depósito
você usa borracha...
- 41.Iem: hum, hum...

42.ER: ...material, você usa, é, pra fazer mudança você usa borracha...

43. Iem: pra quê?

44.ER: pra por numa caixa...

45.RR: pra quê?

46.ER: porque: se pegar chuva, pára tudo na borracha, aí você tira a borracha e *//trecho ininteligível//*

47. Iem: ah, a gente tá pensando em borracha de apagar, né? borracha dessas de apagar, lápis, caneta, pra poder rescrever ...aquilo que fez...

48.RR: pra outras coisas se usa plástico, e não borracha...é caríssimo..."

É relativamente fácil perceber o momento em que há um certo estranhamento por parte dos interlocutores: quando ER inclui os itens *carrinho* e *chuteira* (linhas 6 a 11) entre os objetos encontrados em papelarias. Mas é no momento em que diz: *é, um pedaço de pau, né? que é pra fazer uma, uma:: chuteira* (linha 8), que seus interlocutores entendem a pouca *relevância*, a não pertinência do que foi dito por ER ao participar da proposta discursiva. Esse fato caracterizaria, de acordo com uma descrição neuropsicológica tradicional (representada por Moscovitch, 89; Dalla Barba, 93), um episódio confabulatório.

ER não apresenta os itens esperados para que o tópico pudesse ser finalizado com relativo sucesso. Podemos destacar o papel do interlocutor na manutenção do tópico, intervindo nos momentos em que ER não se mantém na proposta; apesar da reação de estranhamento de seus interlocutores. Tal reação dos interlocutores não é suficiente, nem necessária, para que o sujeito, por si mesmo, faça ajustes discursivos mínimos a fim de que haja algum reconhecimento de intenção (ou para que se dê a intercompreensão), ao se relacionar o que ele está elencando com o que foi pedido (lista de itens encontrados em uma papelaria).

Destacamos uma das formas pelas quais a intervenção do interlocutor ajuda na construção do sentido, contribuindo, por sua vez, para a reorganização da linguagem de ER; ele retoma o tópico corrente e contribui de forma *relevante*:

*" Iem: o que que a gente encontra na papelaria, Edvaldo?
ER: encontra tudo..."*

Iem: TUDO, referente a algumas coisas só, né, Edvaldo? não é?

ER: encontra livro...encontra caderno...é::: papel

Iem: claro".

Neste fragmento, a Investigadora tem um papel delimitador no discurso de ER, ajudando-o a restringir o que possa ser "tudo" neste contexto. A Investigadora auxilia na reorganização do sistema de referências de ER, que se mostra abalado, como indica a inclusão inesperada do *pedaço de pau para fazer uma chuteira* (linha 8).

Torna-se pertinente uma questão: ER sai do tópico ou inclui novos tópicos (pouco ou nada relevantes) ao tópico corrente?

Os efeitos de sentido produzidos a partir da possibilidade que se abre quando ER introduz outros elementos, que não fazem parte do tópico, não contribuem significativamente (de acordo com a máxima da qualidade de Grice, ou lei da exaustividade, conforme Ducrot, 1984 e Maingueneau, 1996) para a construção que estava sendo feita do tópico e, assim, seus interlocutores procuram retomar o que estava sendo dito antes a fim de que houvesse intercompreensão. Isto pode ser verificado quando um de seus interlocutores (um portador de síndrome frontal leve - RR) o "provoca" ao dizer que não havia compreendido o que ele, ER, tinha dito (linha 12)

Pode haver pouca (ou nenhuma) relevância se aceitarmos a alternativa de que ER introduz um novo tópico sem avisar seus interlocutores. Num primeiro momento, a interação parece estar bem prejudicada, mas, ao final, quando se estabelece um referente comum, há efeitos de sentido *relevantes*.

Ao voltarmos ao início do trecho destacado, notamos que há seleção de um sistema de referência comum, dentre as várias opções para se fazer classificações de objetos possíveis (poder-se-ia falar em lojas esportivas, por exemplo), foi escolhido elencar o que se encontra em uma papelaria. Esperava-se, assim, que o sujeito pudesse se orientar quanto ao sistema de referência mais pertinente para selecionar o que foi pedido. No entanto, ER propõe um outro sistema de referência que não é comum entre os interlocutores (no caso a seleção de itens de papelaria) e é questionado por seus interlocutores.

Esse sujeito põe em circulação um outro sentido (e um outro uso) para a palavra borracha, relacionando-a a material de construção/depósito de materiais. Há uma versão

inapropriada do tópico corrente desencadeada pelo trânsito de sentidos veiculados pela palavra *borracha*.

ER introduz elementos não esperados no tópico corrente, causando estranhamento nos demais interlocutores. Mais adiante, há nova retomada, por parte da Investigadora, e o processo de interação avança. ER instaura outro sistema de referência (linha 17 e ss.) e os participantes estranham; a investigadora tenta outra retomada do tópico anterior a partir da tentativa de interpretação de Iis:

"ER: ...borracha...um, um () com multa...

(...)

RR: ((falando baixo)) eu nunca vi...

Iem: a gente acha que é isto porque na papelaria a gente compra material de escritório, tem coisas de escola, né?"

De acordo com uma literatura neuropsicológica tradicional (Barbizet & Duizabo, 1985; Botez, 1987; Moscovitch, 89; Dalla Barba, 93), o momento confabulatório estaria instaurado, confirmando o diagnóstico de ER, pois o conteúdo de sua fala era "fabuloso" (Morato, 1995), ou seja, sua narrativa parecia delirante, fugindo totalmente à proposta.

O mais provável, ao analisarmos do ponto de vista de uma neurolinguística discursivamente orientada, é que ER, ao sair do tópico "compra na papelaria", faz uma *associação irrelevante*, pois o item lexical *borracha* parece evocar outro *frame* que não o de "material escolar". Como o sistema de referências de ER está abalado, a palavra *borracha* pode ter vários significados diferentes, sendo polissêmica, dependendo do sistema de referências que se adota. Ao destacar outro subsistema de referência, ER provoca mal-entendidos:

"Iem: não é justo o lugar que tem borracha, papel, caneta?"

ER: não é justo porque borracha você usa em qualquer coisa...vamo supor... depósito você usa borracha..."

A Investigadora deixa claro o tipo de borracha de que se está falando ao acrescentar:

"Iem: ah, a gente tá pensando em borracha de apagar, lápis, caneta, pra poder rescrever...aquilo que fez..."

Podemos perceber, portanto, que a atividade interlocutiva é um dos eventos que propicia a estruturação da atividade lingüística, produzindo *efeitos relevantes* para o processo de significação.

É importante notar, também, que se considerarmos esse trecho da sessão para caracterizar o fenômeno da confabulação, estaremos confundindo esse fenômeno com outros de natureza diversa, podendo apresentar as mesmas características atribuídas à digressão baseada no enunciado por Dascal & Katriel (1979) - como foi analisado por Morato & Coudry, 1992 e, detalhado por Morato, 1995.

Ambos os fenômenos são analisados pela literatura neuropsicológica tradicional como potencialmente desestabilizadores do processo interativo, no entanto, a digressão, como já apontado, sempre está incorporada à atividade verbal como um todo (geralmente por meio de algum marcador discursivo ou textual). Por sua vez, o fenômeno confabulatório demanda outro tipo de análise, e, muitas vezes, não pode ser recuperado pelo interlocutor no decorrer da situação enunciativa. Mesmo assim, considerando que uma parte dos recursos lingüísticos pode não estar disponíveis aos sujeitos cérebro-lesados (em relação à língua e/ou aos processos discursivos), como estão para os sujeitos não cérebro-lesados, acontecem *incidentes lingüísticos* que podem ser digressões ou outro fenômeno (como o mal-entendido), interpretados, equivocadamente, como confabulações. Tais incidentes, na verdade, fazem parte dos recursos (normais) que regulam e constroem a atividade interlocutiva (cf. Coudry & Morato, 1992, Koch, 1992, Morato, 1995).

A *não relevância* do evento discursivo por si só não é um dos indícios da ocorrência de um fenômeno confabulatório. Ao se ferirem leis discursivas, o interlocutor lança mão da situação enunciativa (e o que ela envolve) para tentar refazer o processo de intercompreensão. O que é neurolingüisticamente interessante é que o processo interlocutivo ajuda o sujeito a reorganizar-se cognitivamente e lingüisticamente.

Um outro episódio de ER foi selecionado da sessão de 23 de março de 1994, na qual foi realizada a atividade de contagem e recontagem de piadas. Foram feitos dois grupos para que um pudesse contar piadas diferentes para o outro. Cada sujeito pertencente ao seu respectivo grupo ficou responsável pela recontagem de uma piada. Nessa atividade,

podemos notar dificuldades na produção de sentido, relacionada à necessidade de ser relevante para contar piadas, nas várias recontagens de ER.

Esse processo de produção conjunta de recontagem de piadas tem permitido avaliar alterações no trabalho lingüístico (Franchi, 1977; Possenti & Coudry, 1991; Geraldi, 1991), de natureza inferencial, que se refere, no exemplo analisado, a dificuldades enunciativas relacionadas à coexistência de configurações textuais concorrentes (piada ou história, por exemplo), ou seja, dificuldade quanto ao ajuste da *lógica* do texto a uma determinada configuração textual (cf. Coudry, 1996).

Há um trabalho semântico requerido pela piada a ser recontada por ER. A interpretação das palavras deve ser feita relacionando-as ao contexto sócio-histórico para que a piada faça sentido. É necessário, também, um posicionamento enunciativo preferencial⁵⁵ para que isso aconteça. Como no exemplo anterior, em que ER considerou um significado não pertinente ao contexto dado para a palavra *borracha*, no trecho a seguir, ER também apresenta esse tipo de dificuldade ao lidar com determinadas palavras, sobretudo as palavras-chave para a interpretação do texto que, no caso, é chistoso.

A piada, de um ponto de vista teórico derivado da Análise do Discurso de tendência enunciativa assumida nesta dissertação, é um tipo de texto que supõe a manipulação de, pelo menos, duas dimensões da linguagem (considerando seu imbricamento no funcionamento discursivo da linguagem) e/ou de processos interlocutivos. Nesta configuração textual, podem estar envolvidos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, além de questões pragmáticas (enunciativas) relacionadas ao usuário da língua em práticas discursivas relacionadas ao uso social da linguagem (cf. Coudry, 1996).

No início da sessão, a Investigadora Imb explica que a recontagem de piadas faz parte das atividades realizadas no CCA por ajudar a compreender as dificuldades de cada sujeito. Uma das Investigadoras reconta a piada e inicia-se a atividade de recontagem para o entendimento da piada (do texto chistoso), deixando à mostra a chave que desencadeia o riso. Percorreu-se, em conjunto com os sujeitos participantes, o caminho (ou a *lógica*) para se compreender a graça da piada.

A piada que deveria ser recontada por ER é a seguinte:

⁵⁵ Isto significa que, para contar piadas, o locutor deve selecionar o que pode dizer, deixando o *segredo* do texto para o final, mantendo o *gênero discursivo* adequado.

“-Você sabe o que o carrapato macho disse para a carrapato fêmea?”
 -Você não desgruda, hein!!”

Para que se possa provocar o riso, deve-se saber que carrapato gruda para poder sugar o sangue e, assim, sobreviver. Quando se considera essa situação analogamente à situação humana, referindo-se ao relacionamento entre duas pessoas, percebe-se não se tratar realmente de carrapatos, pois a piada veicula o papel desempenhado na sociedade pela mulher que não “desgruda” do homem ao apaixonar-se, enfatizando o caráter romântico da mulher ao entrar em um relação amorosa.

1. **Imb**: bom, Edvaldo, conta essa piada pra mim, você vai ter que contar lá...
2. ER: chega um sa..., um cara macho, olha pra fêmea dele e fala que ela é des... é muito *desegida* e quer conversar com ela, só isso.
3. **Imb**: só isso? mas foi essa a piada que a gente contou, Ceumara?
4. CF: //paciente com afasia motora grave, apresentando estereotipia// ah, esal, esal ... //e ri//
5. **Imb**: vejam, a história não é de um CARA MACHO, é de um CAR-RAPATO, que que o carrapato disse pra fêmea?
6. ER: ele chega e fala que é muito *desegida* e que ele quer conversar com ela, só isso.
7. **Imb**: mas essa foi a piada que eu contei?
8. CF: não ... não ...
9. (...)
10. **Imb**: então vamos lá, Edvaldo, conta a piada do carrapato, nós temos cinco minutos ainda, a gente tem que ensaiar pra contar lá, né? então vamos contar a piada do carrapato ... o que é //ajudando ER a contar a piada; ele repetia o que a Investigadora falava//
11. ER: o que é ...
12. **Imb**: que o carrapato...
13. ER: que o carrapato ...
14. **Imb**: macho ...
15. ER: macho ...
16. **Imb**: perguntou...

- 17.ER: perguntou ...
- 18.**Imb**: pra fêmea ...
- 19.ER: pra fêmea?
- 20.**Imb**: então, agora fala essa frase pra mim, fala isso que a gente acabou de falar...
- 21.ER: o carrapato chegou na fêmea e perguntou pra ela ...
- 22.**Imb**: e falou pra ela, isso...
- 23.ER: e falou pra ela ...
- 24.**Imb**: que que ele falou pra ela, Edvaldo?
- 25.ER: ele perguntou ...
- 26.**Imb**: tá, que que ele perguntou? por que é ...
- 27.ER: por que é que ela é *esquisita* ...
- 28.(...)
- 29.**Imb**: então vamos lá, você vai ter que contar essa piada, que se você chegar e falar assim, "o fe, o carrapato macho chegou pra fêmea e falou assim, ô, como você é esquisita", tem graça essa piada? não, né? tem que chegar e falar assim, Edvaldo ...
- 30.ER: o carrapato chegou pra fêmea e perguntou por que que ela é *esquisita*.
- 31.**Imb**: por que ela não desgruda ...
- 32.ER: por que que ela não *desgruda*...
- 33.**Imb**: isso, então essa é a piada ... tá?
- 34.(...) //neste momento, outra Investigadora entra na sala//
- 35.**Imb**: (...) conta pra Maza a piada que você ficou, Edvaldo...
- 36.ER: o carrapato macho chegou pra fêmea e perguntou por que que *ela, é ela, ela fala, ela é esquisita* ... ela deve conversar muito com ele.
- 37.**Imc**: não entendi nada
- 38.//CF ri//
- 39.ER: ah, o cara chegou na mulher e perguntou pra ela por que que ela é daquele jeito, esquisita ...
- 40.**Imc**: carrapato esquisito?
- 41.ER: é o carrapato, né, pode ser carrapato, pessoa, qualquer coisa ...
- 42.**Imc**: mas não é assim ...

43. **Imb**: mas é essa a piada que a gente contou? carrapato macho chegou pra fêmea e disse pra ela, pergunta.
44. **ER**: //falando junto com Imb// carrapato macho chega na fêmea e pergunta pra ela...
45. **Imb**: ... por que é que você não des-gruda ...
46. **Imc**: ah, essa tem graça, o carrapato em geral ...
47. **Imb**: isso, gruda, que foi o Luís que falou ...
48. **ER**: o carrapato perguntou pra ela por que que ela não desgruda ...
49. **Imc**: ah, aí tá jóia ...
50. **Imb**: aí, Edvaldo, é essa piada que você vai ter que contar lá, heim?
51. **Imc**: então, não inventa outra história não, é essa aí ...
52. **Imb**: porque você invocou com o “esquisita” ... não é ...
53. **ER**: o carrapato que é o macho, não precisa falar que é macho, a turma já sabe, né? o carrapato chegou pra fêmea e perguntou por que que ela ...
54. **Imc**: não desgru...
55. **ER**: não desgruda ...
56. **Imb**: aí, Edvaldo, é isso aí ...
57. **Imc**: desgruda, ó lembra disso, ó //faz o gesto de juntar os dois polegares//, o carrapato fica lá ...
58. **ER**: a gente sempre quer contar uma coisa, quer contar mais fácil, por isso...
59. **Imc**: mas a piada, se ela não for contada do jeitinho que ela deve ser, ela não é uma piada, né?”

A análise desta piada fornece condições (conhecimentos) para reformular linguisticamente sentidos possíveis da palavra “desgrudar”, um sentido possível poderia estar relacionado à característica essencial do carrapato que gruda para sugar e outro relacionado à expressão de afastar-se porque estão “pegando no seu pé” ou estão “enchendo a sua paciência”, como costuma-se dizer.

Nestes dados, podemos observar que ER parece não manejar a questão da configuração textual ou gênero discursivo: trata-se de uma piada e não de um relato sobre uma discussão de um casal. Como a Investigadora apontou, ele partiu para outra situação

que não aquela expressa no texto humorístico. Mas ele demonstra que pode dominar de alguma forma a relação de sentido "cultural" instaurada pela piada, quando ele diz:

"ah, o cara chegou na mulher e perguntou pra ela por que que ela é daquele jeito, esquisita" ou "é o carrapato, né, pode ser carrapato, pessoa, qualquer coisa"

Na verdade, há uma tarefa de co-construção do sentido do texto que é feito pelo grupo: sujeitos e Investigadores atuam juntos. No momento em que chega a outra Investigadora, para quem ER reconta a piada, começamos a perceber como ela ajuda ER a recontar a piada. Um dos recursos utilizados pela Investigadora foi dizer que, da forma como ele havia contado, o texto não apresentava graça nenhuma. Isso auxiliou ER a recontar a piada para que o texto fosse entendido pela segunda Investigadora como sendo uma piada, com todas as suas particularidades, como vemos no trecho em que ER diz:

"o carrapato macho chegou pra fêmea e perguntou por que que ela, ela, ela fala, ela é esquisita ... ela deve conversar muito com ele."

Nós observamos que ER está tentando reformular o que vai dizer, ele hesita, e ainda permanece na construção que ele havia feito anteriormente, ao mesmo tempo em que ele já mostra um certo *trabalho linguístico* para tentar recontar a piada, com dificuldade, no entanto, para se manter na configuração textual apropriada.

Assim, poderíamos dizer que o sujeito ER apresenta dificuldades para "encontrar o recurso de expressão mais adequado para que o texto seja chistoso" (Possenti & Coudry, 1991). As Investigadoras não escondem do sujeito o fato de ele sair do tópico, ou seja, ele é sempre lembrado de que a atividade de recontagem está utilizando o material humorístico contido na piada.

O sujeito ER teve acesso ao tópico apresentado (recontagem da piada do carrapato), no entanto, manifestou dificuldades de estruturação de sentidos e efeitos discursivos no interior do tema em questão, partindo para sentidos aparentemente marginais, pouco relevantes para a configuração textual da piada, havendo a necessidade da intervenção do interlocutor (neste caso, do Investigador). ER parece entender o sentido mais geral da piada

(os sentidos que a piada veicula), mas no momento de recontá-la, deixa de aderir à configuração textual em questão. É interessante notar que o trabalho com esse tipo de texto faz aparecerem dificuldades semânticas em relação às palavras-chave que guardam o segredo da piada.

ER oferece uma explicação a respeito da sua recontagem ao dizer no final:

"a gente sempre quer contar uma coisa, quer contar mais fácil,
por isso..."

Ao analisarmos todo o trecho, podemos observar que ER faz um *trabalho* sobre a linguagem; ele atua estruturando, organizando sua fala com o auxílio do interlocutor.

Afinal, o que é relevante para se contar uma piada? ER conseguiu eleger as informações pertinentes ao texto para recontá-lo?

De acordo com as leis discursivas propostas por Ducrot (1984) e Maingueneau (1995/1996), existem convenções tácitas entre os interlocutores que são supostamente respeitadas ao se "jogar" o jogo da atividade verbal. Segundo Maingueneau (1990), as regras desse jogo são variáveis de acordo com a configuração textual (ou gênero discursivo); tais convenções tácitas constituem as leis do funcionamento do jogo. A avaliação da relevância depende dos destinatários: de acordo com os conhecimentos dos quais eles já dispõem de um contexto dado, eles julgarão o grau de relevância do que foi dito pelo enunciador.

ER parece não dominar muito bem as regras desse jogo, e ainda fere outras leis do funcionamento discursivo, pois não fornece informações que são relevantes para o texto humorístico em questão, dando mais detalhes que o necessário, ultrapassando os limites impostos por este tipo de texto (de acordo com a lei da exaustividade).

Maingueneau (1990) denomina como *competência pragmática* esse domínio das regras de boa conduta dos interlocutores, que não são manejadas adequadamente por ER. Podemos pensar na questão do tópico enquanto *ação enunciativa* entre interlocutores, posto que é uma construção conjunta, utilizada pelos participantes para intervir no desenvolvimento e curso do tópico (cf. Bublitz, 1988)

A Investigadora repete a piada seis (6) vezes, e a última recontagem de ER foi:

1. "ER: o car ..., o carrapato macho falou pro outro *"não desgruda"*, mas é:::, é um jeito porque é ele, porque o que ele fala é grudar, mas ele (falou) desgruda
2. **Iem:** ah, é?
3. ER: o certo é falar *"gruda"*, né? num entende, mas fala gruda"

Existe uma certa dificuldade para ER lidar com o sentido-chave da palavra *desgrudar*; ele parece confuso com relação à questão de um *carrapato* (na acepção mais usual da palavra) dizer para outro carrapato *desgrudar*, ao mesmo tempo em que ele apreende o sentido de que é um homem falando para uma mulher, com o auxílio da intervenção da Investigadora, ao resolver, de certa forma, com a resposta que lhe é mais plausível.

ER acha problemático aceitar *"não desgruda"*, acredita que a forma correta é *"gruda"*. Poderíamos dizer que este sujeito apresenta dificuldades essencialmente semânticas, relacionadas ao sentido ou aos efeitos de sentido provocados pelas palavras.

Na primeira vez em que ER teria que recontar a piada (23/03/94), podemos destacar trecho que poderia identificar uma idéia de confabulação recorrente na neuropsicologia tradicional. A investigadora, ao dizer *não inventa outra história, não, é essa aí...* (linha 51), evoca a idéia de confabulação como fabricação de outra narrativa ou de outro sentido. É no processo interlocutivo que o sujeito e seus interlocutores podem flagrar momentos como este, e é aí que se estabelecem condições para que o sujeito, e o outro, seja(m) interpelado(s) pelas questões instauradas pelos *efeitos de sentido* e *efeitos de relevância* próprios da comunicação (normal) humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas nesta dissertação voltaram-se para questões semânticas e pragmáticas da linguagem partindo da idéia de que o estudo do fenômeno da *relevância*, bem como sua formulação teórica, podem explicitar algumas das dificuldades de sujeitos afásicos, como as relacionadas a problemas de produção de inferências em atividades que demandam um saber pragmático. Há também as dificuldades de engajamento e/ou manutenção do tópico conversacional, tidas como problemas de compreensão e descritas como processos confabulatórios ou digressivos.

Esperamos ter mostrado que uma perspectiva enunciativo-discursiva da relevância tem algo a dizer a respeito de alguns desses problemas enfrentados por sujeitos com afasia de Wernicke e síndromes frontais.

Nesse sentido, este trabalho procurou discutir alguns processos envolvidos na tarefa de *ser relevante* em práticas discursivas. Podemos pensar, por exemplo, que, *ser relevante*, implica reconhecer minimamente as intenções do interlocutor ou os efeitos de sentido dos enunciados e enunciações próprias e alheias. Podemos dizer que *ser relevante* implica, ainda, levar em consideração a intercompreensão (no sentido que lhe dá Bakhtin). *Ser relevante* é compreender a necessidade de um distanciamento para lidar com a linguagem, e isso é possível, pelo menos em parte, pela mobilidade de papéis e posições assumidos pelos interlocutores na situação enunciativa.

Se considerarmos, como Gerdali (1991), que a interlocução é o lugar por excelência de produção da linguagem e da constituição do sujeito, as relações de intercompreensão que se estabelecem nesse processo comunicacional (tomando-se a interlocução como um processo de comunicação) são fundamentais para que um sujeito afásico tenha possibilidades de agir de maneira *relevante* frente aos vários processos de significação em jogo em quaisquer tarefas interpretativas (e também comunicacionais, nos termos dos autores de referência desta dissertação, Sperber & Wilson e Dascal & Katriel).

Essa mobilidade enunciativa observada por meio do *fenômeno da relevância*, por sua vez, pode ser associada ao trabalho cognitivo apontado por Sperber & Wilson em seu estudo sobre a comunicação verbal: a produção de inferências, o recurso a diferentes

processos de memória, a relação estabelecida entre falante e ouvinte *etc.* De acordo com esses autores, os interlocutores (no caso dessa teoria da relevância, o falante e o ouvinte) devem levar em conta diferentes fatores pragmáticos para o estabelecimento da relevância em um processo interacional qualquer.

Para os propósitos desta dissertação, tal fato reforça o postulado enunciativo-discursivo de que *é na relação entre sujeitos que se constrói a significação*. Ou, ainda, que é no processo de intercompreensão que o fenômeno da relevância ganha forma e conteúdo. Sendo assim, ele pode ser melhor descrito a partir da consideração de processos em torno da significação, para os quais concorrem fatores enunciativos, pragmáticos e discursivos.

A compreensão, de acordo com esse quadro teórico, estaria na dependência de vários fatores (como processos inferenciais e de memória, reconhecimento de intenções, conhecimento pragmático-discursivo) para a construção da significação. Desse ponto de vista, a compreensão não seria, pois, uma *faculdade* mental apriorística ou autônoma. Desse modo, qualquer atividade de interpretação, ou de compreensão demandadas em práticas discursivas, nestas ganham forma e em relação a estas podem ser analisadas.

Ao levarmos em consideração os processos em torno da significação, podemos imprimir novas perspectivas ao debate normal x patológico. A perspectiva discursiva questiona o fato de se conferir um conteúdo empírico a uma idéia qualquer de normalidade, o que se torna um problema ao se tratar de efeitos de sentido: como é possível determinar o que é correto ou não, o que é mórbido ou não?

Se a *relevância*, como a compreensão, é sempre um risco para os interlocutores pela complexidade que há para o seu reconhecimento, assim como para ser relevante, não seria judicioso afirmar que a *irrelevância* é somente um índice de mal funcionamento cognitivo? Principalmente ao pensarmos na existência de mal-entendidos na comunicação "normal"...

Nos testes aplicados aos sujeitos afásicos exigem que a resposta seja correta, aquela única resposta que o examinador espera que seja dada. Mas, o que é correto, do ponto de vista discursivo, quando há referência à reconstrução de um passado ou quando se trata de uma versão da compreensão de um fato? Parece que há uma determinação que foge a uma questão meramente lingüístico-cognitiva. A questão é, portanto, decidida *na e pela* relação que se estabelece com o sujeito afásico.

O estudo da relevância e das contingências lingüísticas, pragmáticas e discursivas fornecem subsídios para enfrentarmos questões empíricas da Neurolingüística, sejam as relacionadas aos problemas cognitivos, sejam as relacionadas aos problemas de compreensão - a fim de dar um melhor contorno explicativo para as dificuldades relativas à compreensão. Se a compreensão é uma forma de objetivação ou tentativa de "controle" do sentido, possuindo uma natureza lingüístico-pragmática, poderíamos dizer que tal objetivação (tida por muitos como basicamente cognitiva ou metalingüística) é, pelo menos em parte, discursiva (cf. discussões com a profa. Dra. Edwiges M. Morato).

A relevância traz uma importante descrição do papel da inferência na comunicação humana: é um fenômeno essencial, sem o qual não se pode falar de qualquer possibilidade comunicativa, e nos faz refletir a respeito da reavaliação das questões relacionadas a uma idéia de intenção ou de intencionalidade no processo comunicacional.

A Pragmática a que nos referimos neste trabalho relaciona-se a uma certa maneira de apreender a comunicação humana verbal. Em relação à reflexão sobre a linguagem, ela se serve de diversas teorias ou quadros teóricos. Neste sentido, destacamos aqui o que poderíamos chamar de *pragmática estendida* porque esta diz respeito à competência pragmática dos sujeitos em situações enunciativas (já que a interpretação dos enunciados resulta de um trabalho conjunto dos interlocutores) e também implica um conhecimento semântico coordenado pelo sujeito em práticas discursivas.

Em suma, os processos lingüísticos, cognitivos, pragmáticos e discursivos que mobilizam a idéia de relevância parecem indicar que a compreensão está longe de ser uma experiência individual (homogênea) ou de ser um fenômeno mental subjetivado pelo sujeito e seu cérebro. Antes, como diz Parret, a compreensão é uma inferência prática no mundo, ou seja, requer também o sistema lingüístico mas vai além dele em direção ao cultural, ao que é contingente, ao que é discursivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, J. (1995) *Ces mots qui ne vont pas de soi (boucles réflexives et non-coïncidences du dire)*, Paris, Larousse.
- BAKHTIN, M. (1995) *Marxismo e filosofia da linguagem*, SP, Hucitec.
- _____ (1997) *Estética da criação verbal*, SP, Martins Fontes.
- BANDINI, M.B.G. (1991) *Notas sobre a questão da inferência*, dissertação de mestrado/Unicamp, inédita.
- BARBIZET & DUIZABO (1985) *Manual de neuropsicologia*. SP. Masson.
- BARBIZET, J. (1970) *Human memory and its pathology*, San Francisco, W.H. Freeman.
- BENVENISTE, E. (1989) *Problemas de lingüística geral II.*, Campinas, Pontes.
- BERLYNE, N. (1972) "Confabulation" in *British Journal of Psychiatry* n. 120: 31-39.
- BLASS, R. (1990) *Relevance relations in discourse*, Cambridge New Press.
- BOTEZ, M. I. (org.) (1987) *Neuropsychologie clinique et neurologie du comportement*, Québec, Masson
- BUBLITZ, W. (1988) *Supportive fellow-speakers and cooperative conversation: discourse topics and topical actions, participant roles and "recipientaction" in a particular type of everyday conversation*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins P. Company.
- CASTILHO, A.T. de (org.) (1990) *Gramática do português falado: a ordem*, vol. I, Campinas, Ed. Da Unicamp/FAPESP.
- COUDRY, M.H.I. (1988) *Diário de Narciso: discurso e afasia*, São Paulo, Martins Fontes.
- COUDRY & MORATO, E.M. (1990) "Aspectos discursivos da afasia" in *Cadernos de estudos lingüísticos* (19), Campinas
- COUDRY, M.H.I. & MORATO, E.M. (1992) "Processos de significação: a visão neurolingüística, in *Boletim da ABRALIN* n. 8.
- COUDRY, M.H.I. (1992a) "Fontes de postulados discursivos no estudo da afasia" in *Cadernos de estudos lingüísticos* (22), Campinas.
- COUDRY, M.H.I. (1992b) Texto original do Projeto Integrado *Contribuições da Pesquisa Neurolingüística para a Avaliação do Discurso Verbal e Não Verbal*, Departamento de Lingüística/IEL/UNICAMP.

- COUDRY, M.H.I. & POSSENTI, S. (1993) "Do que riem os afásicos", in *Cadernos de estudos lingüísticos* (24), Campinas.
- COUDRY, M.H.I. & GANDOLFO, M. (1994) "Afasia pragmática" a sair nos *Anais da ABRALIN*.
- COUDRY, M.I.H (1995) "Neurolingüística e lingüística" in *Temas em neuropsicologia e neurolingüística*, vol. 4, São Paulo, Tec Art.
- COUDRY, M.H.I. & MÁRMORA, C. & FEDOSSE, E. (1997) "Processos de subjetivação num caso de desfrontalização pós-traumática", apresentado nos Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos de 1997, Campinas/UNICAMP.
- COUDRY, M.H.I. (1997a) "10 anos de Neurolingüística no IEL" in *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (32), Campinas.
- DALLA BARBA, G. (1993a) "Confabulation knowledge and recollective experience, in *Cognitive neuropsychology*, n. 1: 1-20.
- _____ (1993b) "Different patterns of confabulation" in *Cortex*, n. 29: 567-581.
- DASCAL, M & KATRIEL, T. (1979) "Digressions: a study in conversational coherence", IN *PTL*, n. 4: 76-95.
- DASCAL, M. (1982) "Relevância conversacional" in *Fundamentos metodológicos da lingüística*, vol. IV (Pragmática), Campinas, Ed. do Autor.
- DUCROT, O. (1981) *Provar e dizer*. São Paulo, Global.
- _____ (1984) *O Dizer e o dito*, Campinas, Pontes.
- FRANCHI, C. (1977) "Linguagem - atividade constitutiva", in *Almanaque*, n. 5, São Paulo, Brasiliense.
- _____ (1986) "Reflexões sobre a hipótese da modularidade da mente" in *Boletim da ABRALIN* (8).
- FREITAS, M.S. (1997) *Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: contribuições para uma caracterização lingüística da afasia*, tese de doutorado/Unicamp, inédita.
- GANDOLFO, M.C. (1994) *Síndrome frontal (leve) ou afasia pragmática: um estudo de caso*, tese de mestrado/Unicamp, inédita.
- GERALDI, J.W. (1991) *Portos de passagem*, São Paulo, Martins Fontes.
- GOFFMAN, E. (1974) *Les rites d'interaction*, Paris, Éditions de Minuit.

- GUILHAMOU, J. & MALDIDIER, D. (1989) "Da Enunciação ao acontecimento discursivo em análise do discurso" in *História e sentido na linguagem*, Campinas, Pontes.
- GRICE, P. (1982), "Lógica e conversação" in DASCAL, M. (org.) (1982) *Fundamentos metodológicos da lingüística*, vol. IV (Pragmática), Campinas, Ed. do Autor.
- HALLIDAY, M.A.K. (1976) "Estrutura e função da linguagem" in LYONS, J. (org.), *Novos Horizontes em Lingüística*, São Paulo, Cultrix.
- HENRY, P. (1990) "Os Fundamentos teóricos da "análise automática do discurso" de Michel Pêcheux (1969) in Gadet, F. e Hak, T. (Orgs) (1990) *Por uma análise automática do discurso*, Campinas, Editora da UNICAMP.
- ILARI, R. (org.) (1996) *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*, vol.2, Campinas, Editora da UNICAMP.
- JUBRAN, C.A.S. et alii, (1996) "Organização tópica da conversação" in *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*, vol 2, Campinas, Ed. da UNICAMP.
- KATO, M (1996) "Da autonomia teórico-metodológica na pesquisa para uma desejada convergência na concepção do produto" in *Gramática do português falado*, vol. V, Campinas, Ed. da UNICAMP.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1990) *Les interacions verbale*, Paris, Armand Colin.
- KOCH, I.G.V. & OUTROS (1990) "Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado" in *Gramática do português falado*, vol. I, Campinas, Ed. da UNICAMP.
- KOCH, I.V. (1990 a) "A propósito: existem mesmo digressões?" in *Cadernos de estudos lingüísticos* (19), Campinas.
- _____ (1992) *A Inter-ação pela linguagem*, São Paulo, Contexto.
- _____ (1996) "Estratégias pragmáticas de processamento textual" in *Cadernos de estudos lingüísticos* (30), Campinas.
- _____ (1997) *O texto e a construção dos sentidos*, São Paulo, Contexto.
- KOPELMAN, M.D. (1987) "Two types of confabulation" in *Journal of neurology, neurosurgery and psychiatry*, n. 59: 482-7.
- LURIA, A.R., (1984) *Fundamentos de neuropsicologia*, São Paulo, Edusp.
- MARCUSCHI, L.A. (1988) "A coesão e coerência na conversação (organização tópica)" (mimeo).

- _____ (1989). "Organização tópica da conversação: quadros tópicos" (mimeo).
- MAINGUENEAU, D. (1989) *Novas tendências em Análise do Discurso*, Campinas, Pontes.
- _____ (1990) *Pragmatique pour le discours littéraire*, Paris, Bordas.
- _____ (1991) *L'analyse du discours: introduction aux lectures de l'archive*, Paris, Hachette.
- _____ (1995) *O contexto da obra literária*, São Paulo, Martins Fontes.
- _____ (1996) *Elementos de lingüística para o texto literário*, São Paulo, Martins Fontes.
- MORATO, E.M. (1991) *Das funções e do funcionamento da linguagem: um estudo das reflexões de L. S. Vygotsky sobre a "função reguladora da linguagem" e algumas implicações lingüístico-cognitivas para a neurolingüística*, dissertação de mestrado/Unicamp, inédita.
- MORATO, E.M. (1993) "Confabulação e significação em neurolingüística: quando faltar à verdade não equivale a mentir" in *Anais do Gel*, Ribeirão Preto.
- MORATO, E.M. & COUDRY, M.H.I. (1991) "Processos enunciativo-discursivos e patologia da linguagem: algumas questões lingüístico-cognitivas", in *Cedes*, Campinas.
- MORATO, E.M. & COUDRY, M.H.I. (1992) "Confabulação e digressão nas afasias: as formas marginais do dizer" in *Anais do Gel*, Ribeirão Preto.
- MORATO, E.M. (1995) *Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido* tese de doutoramento/Unicamp, inédita.
- _____ (1995a) "Significação e Neurolingüística" in *Temas em neuropsicologia e neurolingüística*, vol. 4, São Paulo, Tec Art.
- _____ (1996) "A construção meta-enunciativa no discurso de sujeitos com afasia e neurodegenerescência: subsídios teórico-metodológicos para a elaboração de um protocolo de investigação neurolingüística", inédito.
- _____ (1997) "Cognição e atividade discursiva: a construção meta-enunciativa no contexto patológico", apresentado no V Congresso Latino-americano de Neuropsicologia em Guadalajara (México).

- _____ (1998) Texto original do Projeto Temático de Pesquisa *Centro de Convivência de Afásicos: práticas discursivas, processos de significação e propriedades interativas*, Departamento de Linguística/IEL/UNICAMP.
- MORATO, E.M. & KOCH, I.V. (1996) "Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a Linguística e as Ciências Cognitivas", cópia xerografada.
- MOSCOVITCH, M. (1989) "Confabulation and the frontal systems: strategic versus retrieval in neuropsychological theories of memory" in *Varieties of memory and consciousness: essays in honour of Endel Tulving*, (Roediger, H.L., F.I.M. eds.), Hillsdale, N.J, Erlbaum.
- NOVAES, M. (1995) *Os dizeres na esquizofrenia*. tese de doutoramento/Unicamp.
- PARRET, H. (1988) *Enunciação e pragmática*, Campinas, Ed. da UNICAMP.
- PONTES, E. (1987) *O Tópico no português do Brasil*, Campinas, Pontes.
- POSSENTI, S. & COUDRY, M.H.I. (1991) "A Relevância de piadas em protocolos de afasia" in *Anais de Seminários do GEL*, Franca, Unifran.
- POSSENTI, S. (1988) *Discurso, estilo e subjetividade*, São Paulo, Martins Fontes.
- POSSENTI, S. (1995) "Língua: sistema de sistemas" in *Temas em neuropsicologia e neurolinguística*, vol. 4, São Paulo, Tec Art.
- _____ (1996) *Os humores da língua (análises linguísticas de piadas)*, inédito.
- _____ (1996a). "Pragmática na Análise do Discurso" in *Cadernos de estudos linguísticos (30)*, Campinas.
- RASKIN, V. (1985) *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht, D. Reidel Publishing Company.
- RIBEIRO, B.T. (1994) *Coherence in psychotic discourse*, New York, University Press.
- SCARPA, E. (1996) "O sujeito fluente" in *Cadernos de estudos linguísticos (29)*, Campinas.
- SPERBER & WILSON (1986) *Relevance: communication and cognition*, Oxford Basil Blackwell.
- STUSS, D.T.; ALEXANDER, M.P.; LIEBERMA, A.; LEVINE, H. (1978) "An extraordinary form of confabulation" in *Neurology*, n. 28: 1166-1172.

ANEXOS

A investigadora introduz um dos temas do dia - apresentação de GC ao Centro de Convivência de Afásicos.

- a)
- INV. - Conta pra nós o seu nome.
 GC. - Guilherme.
 INV. - Guilherme.
 GC. - Guilherme Heitor Penteado Camargo.
 INV. - Ele é um campineiro quartocentão! (risos) Que que significa isso? Ele é, ele é de família, (estalando os dedos) de Campinas, aquelas famílias muito antigas, né seu Guilherme?
 GC. - Ah?
 INV. - Daqui de Campinas, os Penteado Camargo, tem até rua, não tem? É campineiro, não é?
 GC. - É, do ...
 INV. - De tradição.
 GC. - meu pai ... do meu avô.
 INV. - Então, pai, avô. Tem rua com esse nome, não tem? Não tem rua com esse nome, Penteado Camargo? Rua.
- GC. - Lá de casa?
 INV. - Não. Rua, não tem uma rua.
 GC. - tem Heitor, Heitor ...
 INV. - Penteado Camargo.
 GC. - Penteado, meu avô.
 INV. - Pois é, tá vendo, é campineiro.
 ER. - Ela tá falando se tem rua aí?
 INV. - Tem, tem nome de rua.
 GC. - Heitor Penteado.
 INV. - Heitor Penteado também é seu parente, né? Aí, tá vendo? É campineiro quartocentão.
 GC. - Heitor é meu avô.
 INV. - Avô por parte de mãe ou por parte de pai?
 GC. - Ele é da minha mãe.
 INV. - Mãe, avô materno.
- b)
- GC. - Agora, o que tem agora de aniversário é que ... eu, eu ouzo (ouço) todo mundo, assume tudo ...
 INV. - O senhor entende tudo.
 GC. - Mas as pessoas eu, eu conheço de todas as pessoas. Conheço tudo ... mas eu ouço tudo ...
 INV. - não consegue ...
 GC. - Mas aqui (mostrando o lugar da cirurgia, na parte posterior da cabeça), aqui cabeça, aqui ...
 INV. - Tá difícil pra falar. Mas esse grupo vai ajudar muito o senhor.
 Vários integrantes do grupo juntos. - Vai sim. Ô, vai
 GC. - Agora ficou difícil ... pra saber. Às vezes eu tenho cinco filhas, eu tenho.
 INV. - Nós, nós vamos fazer perguntas pro senhor agora; não conta tudo senão eles não têm o quê perguntar (risos). Tá?

c)

A investigadora apresenta a GC os pacientes do grupo pelo nome e diz a eles que cada um vai fazer uma pergunta a GC.

INV. - O que vocês gostariam de saber de uma pessoa que tá vindo pela primeira vez e que vai fazer parte do grupo.

EF. - (portador de afasia motora, escreveu "profissão"; a investigadora o ajuda a formular a pergunta)

INV. - Então, vamos lá. (falando pausadamente junto com EF) Qual é a sua profissão? (indo na direção de GC) Qual a sua profissão, seu Guilherme? (...) Qual que é a sua profissão? O que que o senhor fazia como profissão?

GC. - Minha escola?

INV. - Não. Que que o senhor é de profissão, qual a sua profissão?

GC. - Ah, eu sabia antes.

INV. - Antes, agora o senhor está aposentado, mas o que o senhor fazia, qual é o seu trabalho?

GC. - Eu era caixa, a Caixa Econômica de Salvaga (ininteligível).

INV. - Trabalhava na Caixa Econômica ... Federal?

GC. - Não, na Caixa de Cam, de Sã, de São Paulo.

INV. - Caixa Econômica Estadual.

GC. - Só que era em Campinas.

INV. - Estadual?

GC. - Eu era o delegado naquela época.

INV. - Delegado da Caixa Econômica Estadual.

GC. - É.

d) (...) Agora uma outra pergunta. Então o senhor EF perguntou sobre a profissão e cada um já vai pensando numa pergunta, tá? Seu OP tem uma pergunta já?

OP. - (portador de agramatismo) O senhor mora onde?

GC. - Se eu sou ...

INV. - Fala mais alto: o senhor mora onde.

OP. - Onde?

GC. - Guilherme.

INV. - Não. Onde o senhor mora?

OP. - Onde?

INV. - Onde o senhor mora?

GC. - Aqui de Campinas.

INV. - Hum, hum.

GC. - Mas ...

INV. - Mas que lugar?

OP. - No Centro?

GC. - No Centro, aqui perto da Hípica.

INV. - Perto da Hípica de Campinas.

No segmento (a), o fato de GC ter dado seu nome completo, o nome que ele tem e a sua figura de "gentlemen" - longilínea e elegante - levaram a investigadora a configurá-lo como "campineiro quartocentão", explicando ao grupo o que

seja isto. É de se notar as inúmeras vezes que GC consegue prosseguir respondendo de acordo com o tópico em questão (**meu pai, do meu avô, Heitor, Penteado é meu avô, Heitor Penteado, Heitor é meu avô, avô materno**). Raras vezes, porém, GC tem dificuldades em entrar na expansão do tópico que a investigadora propõe (**lá de casa?**). Isto mostra que GC quando consegue entrar na proposta discursiva do interlocutor maneja bem a interlocução. Sem o outro, seu discurso perde a direção, o que é uma porta de entrada para episódios digressivos e até confabulatórios.

É interessante notar que, no seguimento (b), GC muda de tópico sem a mínima concessão a seus interlocutores, introduzindo algo que não faz sentido, para fazer sentido logo depois: quer tematizar suas dificuldades **"Agora, o que tem agora de aniversário é que ..."** que tem algo de confabulatório, mas que acaba por introduzir outro tópico - falar de si: **"eu, eu ouço todo mundo"**, que é aceito pelo interlocutor. É fundamental que a investigadora intervenha quando GC introduz o tópico sobre as filhas - emendando o que não tem relação - no sentido de retomar as regras do jogo de uma situação dialógica de entrevista a partir do que responde-se sobre o que se é perguntado, e não se fala sem direção.

No segmento (c) a dificuldade de GC de apreender o tópico **"profissão"** indica à investigadora uma possibilidade de intervenção: refazer a pergunta. A resposta de GC coloca duas possibilidades de interpretação: o **"antes"** remetendo ao tópico anterior que tematizava o **antes da lesão** ou à oposição **antes da lesão/ agora**, que a investigadora salienta (**antes trabalho; agora aposentado**) para levá-lo a aderir ao tópico. Ele entra na proposta discursiva, responde ao interlocutor (**Caixa Econômica de São Paulo**) e, ainda, complementa especificando (**só que era em Campinas; era o delegado naquela época**).

No segmento (d), observa-se, de novo, uma dificuldade diante de uma mudança de tópico. Uma pergunta abre possibilidades desordenadas, e muitas, de resposta. Aí reside o papel que o interlocutor pode exercer em situações efetivas de uso social da linguagem, incorporado por OP quando de seu pedido de especificação - **mas que lugar** - quando GC responde **aqui de Campinas**. É interessante notar as condições discursivas em que se deu a determinação do processo de significação: o fato de OP ter dito **Centro** orienta GC para dar o **nome do Bairro/Hípica**. O Centro é longe da Hípica, mas delimita um bairro como ela e a Hípica não é **"aqui perto"** da Unicamp, onde estávamos, mas perto do bairro em que ele mora. A dificuldade com a especificação dêitica indica, pois, uma dificuldade de inscrever no enunciado indicadores referentes à situação de enunciação e ao sujeito atuando como locutor e/ou enunciador (ver Ducrot, 1984), ou seja, uma dificuldade de especificar - na atividade enunciativa - onde se situa o bairro em que mora

(perto da Hípica de Campinas). A esse respeito, nos diz Maingueneau:

Os enunciados de uma língua são organizados a partir deste "foyer" que é a atividade enunciativa. Em outros termos, o acontecimento enunciativo singular não é exterior ao sistema (1991: 108).

Para finalizar, vejamos como prossegue a entrevista e como GC atua na interlocução com outros pacientes e com a investigadora:

SM. - (com dificuldades fonético-fonológicas) Tem filho?

INV. - Tem filho? O senhor tem filho?

GC. - Tenho cinco filhas.

INV. - Cinco meninas?

CG. - Tenho cinco: tenho três casada e três ...

INV. - e duas ... duas solteiras.

GC. - solt

...

INV. - Cinco filhas, tá.

GC. - É.

INV. - Seu PF, pergunta o nome da mulher dele.

PF. - (com dificuldades semânticas leves) O nome da sua mulher, qual, como é que é?

GC. - Que tem?

PF. - Qual o nome da mulher do senhor? O nome dela, o nome da mulher do senhor (levantando-se e mostrando a aliança de casado).

GC. - Da mulher é Maria, Maria Inês.

PF. - Maria Inês?

GC. - Maria Inês.

PF. - Maria Inês, ó (olhando para a investigadora).

INV. - Hum, hum.

ANEXO 01

Novas convenções para as transcrições dos dados das sessões do Centro de Convivência de Afásicos - CCA, estabelecidas durante o 1º semestre de 1996, através de várias reuniões entre a equipe de transcrição, a coordenação do Projeto e a responsável pela organização do Banco de Dados do Projeto.

1. As transcrições devem ser entregues em **Disquete e Cópia Impressa**.
2. As transcrições devem ser realizadas em **Fonte 12**, parágrafo **Justificado**, com o tipo de letra **Times New Roman**.
3. Devem ser feitas em espaço simples, porém dando dois espaços entre um turno e outro.
4. A folha de capa deve conter informações importantes tais como: nome do projeto, a data da sessão transcrita, a quantidade de fitas, as siglas dos sujeitos e investigadores participantes da sessão, um resumo dos assuntos discutidos, o tempo de duração da sessão e o nome e rubrica do transcritor responsável.
5. As iniciais dos investigadores devem ser feitas em **negrito**, sendo a primeira letra o **I** (maiúsculo e em **negrito**) seguido das duas iniciais do nome dos investigadores em minúsculo. Exemplo: Investigadora Maria Irma Coudry - **Imc**.
6. As iniciais dos sujeitos devem conter duas iniciais do seu nome, em letra maiúscula sem **negrito**. Exemplo: OP, SI, EF etc.
7. Sempre que for necessário enriquecer as transcrições com observações relevantes, esses devem ser feitos na forma de comentário do transcritor, em **itálico** e entre duas barras. Exemplo: *//risos//* , *//fala sobreposta//*.
8. Quando não for possível compreender determinada passagem, o transcritor deve colocar uma observação seguida do motivo: *//trecho ininteligível por sobreposição//* , *// trecho ininteligível por baixa intensidade//*.
9. Quando houver dúvidas e, conseqüentemente, necessidade do pesquisador recorrer à audição da fita: *//atenção: intonação cf. fita//*.
10. Quando houver sobreposição de falas, a notação será feita por um colchete que indicará o momento da sobreposição. Por exemplo:

Imc:	Você disse que não ia fazer.
OP:	[disse sim.
11. As hesitações devem ser marcadas por reticências. Por exemplo: OP: É... como chama... a... a...
12. Os prolongamentos de sons devem ter a seguinte notação: JB: Ribeirão Pre:to
OP: Ë:: Nã:::o
13. Quando houver quebra na direção discursiva, usar a notação #. Exemplo: **Icm:** Você 'tava contando # viu, seu GC, ele 'tava falando da casa dele.

14. Quando houver uma pausa longa, deve-se marcar entre colchetes com o tempo de pausa. Exemplo: [8'']
15. Os trechos de leitura devem ser indicados entre aspas. Exemplo: "Chuva alaga interior".
16. As falas tanto dos sujeitos como de investigadores que apresentarem característica de gaguejamento devem ser representadas entre hífens. Exemplo: SI: Di-di-dinheiro.
17. Quando houver ênfase na sílaba ou palavra a notação deve ser feita em letra maiúscula. Exemplo: **Imc**: Eu 'tava falando da CASA.
18. Durante a transcrição o uso de ponto, exclamação, interrogação e de vírgula segue as normas do português escrito como marcadores prosódicos da fala.
19. O trabalho de transcrição deve manter a fala dos sujeitos e pesquisadores o mais próximo da oralidade. O infinitivo, por exemplo, deverá ser representado como, por exemplo, "contá", se o falante não disser "contar".
20. Inserir cabeçalho contendo as seguintes informações:

CCA - 17/04/96 - p. 01

OBS: Qualquer ocorrência durante o trabalho de transcrição que não estiver prevista nas normas antigas que permaneceram, ou nessas normas atuais, deverá ser discutida pela equipe e acrescentada a estas normas.